

The background of the cover features a man and a woman in formal black attire. The woman, on the left, is seen from the back, wearing a black dress with a ruffled collar and a ruffled waist. The man, on the right, is wearing a black tuxedo with a white shirt and a black tie. They are standing close together, with the woman's hand resting on the man's waist. The overall tone is sophisticated and elegant.

Livro 2

Acabe Comigo

AUTORA #1 DAS LISTAS INTERNACIONAIS DE MAIS VENDIDOS

CHRISTINA
ROSS



Acabe Comigo, Livro 2

De

CHRISTINA ROSS

Para os meus pais.

E para todas as mulheres voluntariosas.

Direitos Autorais e Aviso Legal: esta publicação está protegida pelo Ato de Direitos Autorais dos EUA de 1976 e por todas as outras leis internacionais, federais, estaduais e locais aplicáveis, e todos os direitos são reservados, incluindo os direitos de revenda.

Quaisquer marcas registradas, marcas de serviço, nomes de produtos ou características nomeadas presumem-se ser de propriedade de seus respectivos donos e são usados somente como referência. Não há endosso implícito em caso de uso de nenhum desses termos. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma por qualquer meio eletrônico ou mecânico (inclusive fotocópia, gravação ou armazenamento e recuperação de informações) sem permissão por escrito do autor.

Primeira edição do e-book © 2016.

Isenção de Responsabilidade:

Este é um trabalho de ficção. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas (a não ser que explicitamente mencionado) é mera coincidência. Copyright © 2016 Christina Ross. Todos os direitos reservados no mundo todo.

ÍNDICE

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Livros de Christina Ross](#)

Este livro inicia com os dois capítulos finais de *Acabe Comigo, Vol. 1*, para lembrar aos leitores onde paramos... por motivos importantes.

Divirtam-se!

ACABE COMIGO
Vol. 2

De Christina Ross

CAPÍTULO 1

Cidade de Nova Iorque
Setembro

— Você disse que queria tocar meu peito — disse Alex, passando a língua no lábio superior. — É isso mesmo?

Estávamos sentados no sofá de couro branco da sala de estar. Além das janelas que nos rodeavam, a silhueta de Manhattan brilhava, de forma parecida com os olhos verdes dele, que se encontraram com os meus com uma intensidade paralisante que eu não vira antes. Ele parecia diferente. Quase primitivo.

— Eu quero — respondi. Mas, ao fazê-lo, a minha voz soou incerta. Eu sentia a cabeça meio aérea, pois sabia o que estava prestes a acontecer. Fazer sexo depois de tantos anos de espera não iria apenas mudar a minha vida. Mudaria também o meu relacionamento com Alex e isso me assustava.

E se eu não desse prazer a ele na cama? E se eu fosse frígida demais, apesar de sentir que algumas partes do meu corpo pareciam estar em chamas? Ele fora casado antes. Independentemente do que Blackwell dissesse, ele certamente tivera experiências com outras mulheres. Alguma delas era virgem, como eu? Provavelmente não. Ele seria gentil? Olhando para Alex naquele momento, para a forma como o olhar dele se deliciava sobre mim, parecia improvável.

Ele se aproximou. — Então, por que não faz isso? Por que não começa tirando a minha gravata?

Ele estava perto o suficiente para que eu sentisse o aroma leve da colônia. Isso, de certa forma, fez com que eu o desejasse ainda mais. Estendi a mão para segurar a gravata e, ao fazê-lo, surpreendi a mim mesma ao puxá-la rapidamente e jogá-la no chão.

— Isso foi rápido.

— Desculpe.

— Está com pressa?

— Não sei. — Mas eu estava. Sabia que estava. Estava ansiosa para tê-lo sobre mim e dentro de mim, mesmo sabendo que sentiria dor. Será que sentiria? Eu não fazia ideia. Talvez ele soubesse como evitar a dor. Talvez tivesse alguns truques que a aliviarão. Era uma vergonha que, nesse ponto da vida, eu não tivesse ideia do que esperar além do que ouvira de Lisa e algumas outras amigas. Eu me senti ridícula.

— Desabotoe a minha camisa, mas não faça isso rapidamente. Não tenha pressa.

— Não consigo evitar.

— Não importa se não consegue evitar. Faça devagar. Quando for o momento certo, quero que esteja molhada para mim.

Já estou.

— O botão de cima — disse ele. Havia um novo tom na voz dele. Mais profundo. Mais rouco. Quando ele falou, era um comando. — Desabotoe-o.

Eu fiz o que ele mandou, expondo o pescoço.

— Continue. Um de cada vez. Isso mesmo. Não se apresse.

— Você está usando uma camiseta.

— É claro que sim. Senão, você veria a pele sob a camisa. — Ele inclinou a cabeça. — Está se sentindo enganada?

— De certa forma, sim.

— Ótimo. Agora termine.

— Você terá que ficar de pé — disse eu. — O resto da camisa está para dentro das calças.

— Sim, está.

Um rastro de sorriso cruzou os lábios dele, mas muito brevemente. Ele se levantou, afastou os meus pés com os dele e moveu-se diretamente para frente de mim. E, então, vi o motivo do sorriso dele. A excitação que ele sentia estava claramente visível nas calças que, agora, estava a centímetros do meu rosto. Ele colocou as mãos nos quadris e olhou para mim quando ergui os olhos.

— A camisa, Jennifer. Por que não se concentra nela? Verá o resto do pacote depois. Tire a camisa de dentro da calça. Desabotoe-a. Espere até que eu diga o que fazer a seguir.

Ele estava agindo de forma dominante, mas, apesar do passado com o meu pai, não me importei. Era sexy, na verdade, excitante, e resolvi obedecer. Quando tivesse uma oportunidade mais tarde, assumiria o controle da situação e faria o mesmo com ele — quando eu soubesse o que estava fazendo. Mas, naquele momento, eu não sabia. Portanto, fiz o que ele disse, mas, quando levantei a camisa para que pudesse terminar de desabotoá-la, levantei junto um pedaço da camiseta, que revelou uma parte de pele bronzeada antes de cair novamente e escondê-la.

— Você fez isso de propósito — disse ele.

— Não, não fiz.

— Por que será que não acredito nisso?

— Não sei. É verdade.

— Será que é? Gostou do que viu?

— Eu...

— Desabotoe a camisa. E levante-se.

Eu o fiz.

— Retire o meu paletó.

Eu o retirei e pressionei o tecido contra o rosto. Com os olhos dele fixos nos meus, respirei fundo antes de jogar o paletó sobre o sofá. Aquele gesto pareceu inflamá-lo por um momento, mas ele reprimiu o sentimento. — Para remover a camisa, você precisará retirar as abotoaduras. Concentre-se, Jennifer.

Eu fiz o que ele pediu e gentilmente retirei a camisa dele. Sabia que ele estava em fora, mas não tão em forma assim. O peito parecia cheio e sólido, como uma rocha firme sob a camiseta. Eu conseguia ver os músculos bem delineados no abdômen e os braços eram mais largos do que achei que seriam. Eu normalmente só o via com algum tipo de casaco. A única exceção fora a noite em

que ele chegara ao restaurante com roupas casuais. Mas estava escuro e a camiseta era folgada. Olhando para ele naquele momento, vi que os mamilos estavam tão enrijecidos quanto os meus. A camiseta era tão justa que sobrava pouco para a imaginação. Em seguida, em um gesto surpreendente, ele não me permitiu terminar de retirar a roupa dele. Em um movimento rápido, ele mesmo puxou a camiseta sobre a cabeça e ficou para à minha frente com o peito nu.

— Aí está o peito que você queria — disse ele com uma voz profunda. — Ainda quer tocar nele?

Eu o admirei antes de falar. — Sim, quero.

— E se eu lhe dissesse que não pode fazer isso hoje à noite? E se lhe dissesse que só eu poderia tocar em você?

Eu olhei para ele. — Por que você faria isso?

— Porque talvez eu queira.

Olhei para o peito dele, que era musculoso e ligeiramente cabeludo de uma forma atraente. Iniciando logo abaixo da linha dos mamilos, corria uma linha fina de pelos que fazia ondas pelo abdômen e desaparecia dentro da calça. Sabe Deus o que me aguardava lá. Os mamilos estavam enrijecidos e, não sei por que, eu queria colocar a boca neles. Queria passar a língua sobre eles e, talvez, mordê-los. Mas ele não me deixava tocá-lo, o que era insuportável. Decidi desafiá-lo. Estendi a mão para tocá-lo, mas, antes que conseguisse, ele me pressionou firmemente sobre o sofá.

— O que você quer, Jennifer?

Eu estava estonteada de desejo. — Quero você.

— O quanto você me quer?

— Como nunca quis mais ninguém na vida.

— Por quê?

— Porque eu me sinto ligada a você. Sinto-me segura com você. E quero você.

Eu o vi olhar para o meu martíni, que estava praticamente intocado. Senti que ele fez isso para ver se eu bebera demais e não estava pensando de forma clara. Mas eu estava. Só tomara alguns goles.

— Não vou continuar com isso se for só para tirar a sua virgindade.

— Não se trata disso.

— O que é, então?

Eu estava cheia de desejo e ansiedade. O simples ato de pensar era um desafio. — Quero estar com você, Alex. Quero você dentro de mim. Por favor. Não vou aguentar muito mais.

— Aguentar o quê?

— Você. Parado na minha frente desse jeito. A tensão. Não vou aguentar muito mais tempo.

— Não vou fazer isso a não ser que você me pertença.

— A não ser que o quê?

— Quero que você seja minha.

— Do que está falando?

— Quero que concorde em ser minha namorada ou isso não acontecerá. Não vou tirar a sua virgindade se isso for apenas por curiosidade. Não vou fazer isso porque você merece mais. Preciso ter certeza de que você sabe o que está fazendo e que sabe até onde posso levar as coisas.

— O que quer dizer? Até onde você pode levar as coisas?

— Responda à minha pergunta. Preciso que me diga que sou o homem certo ou não deixarei que aconteça. Não posso fazer isso com você. Sua primeira vez deve ser especial. Você não é uma

adolescente de dezesseis anos que não sabe o que está fazendo. Sabe exatamente o que está fazendo e como isso mudará as coisas entre nós. Você se preservou por anos por um motivo. Obviamente, estava esperando o homem certo. Preciso que tenha certeza de que sou esse homem.

— Você é.

— Você será exclusivamente minha?

Eu fiz uma careta. — Que espécie de pergunta é essa? Claro que sim. Ainda não me conhece?

Por que pergunta uma coisa dessas?

— Porque exclusividade é uma palavra séria para mim.

— Não entendi.

Ele se aproximou do meu ouvido, a barba curta levando-me novamente à loucura quando tocou na minha pele. Quando ele falou, foi com um sussurro. — Então deixe-me explicar. Quero fazer coisas com você que são tão íntimas que só nós dois saberemos. Você nunca saberá em que momento desejarei fazer amor com você. Poderá ser no carro, no escritório, em um restaurante, aqui no chão, em qualquer uma das minhas casas ou em qualquer outro lugar. Talvez mesmo em público. Sou bem ousado em se tratando de sexo, Jennifer. Sempre fui. Gosto de experimentar, de tudo. Há quatro anos sou um celibatário, desde que a minha esposa morreu. Como você, também esperei a pessoa especial. A única pessoa. Eu soube que a encontrara naquela noite no Four Seasons. Eu soube quando fiquei com ciúmes da atenção que você recebia. Não sou um homem ciumento, mas tive ciúmes naquela noite e foi por um bom motivo. E estraguei tudo quando a tratei mal. Antes de irmos adiante, preciso ter certeza de que você realmente se sente segura comigo, que acredita mesmo nisso. Preciso saber que você quer realmente ficar comigo e que confiará em mim durante o processo.

— Que processo?

— Você verá.

— Você está sendo tão vago.

— Se confia em mim, isso não importará.

— Eu confio em você.

— Então iremos devagar — disse ele. — Pegue a minha camisa.

Olhei para ele confusa.

— Não acontecerá nada hoje à noite — disse ele.

— Do que está falando?

— Quero que as coisas sejam ainda mais intensas do que são.

— Por quê?

— Por causa disso.

Em um movimento fluido, ele ficou de joelhos e afastou as minhas pernas. Em seguida, inclinou-se para a frente, colocou as mãos na parte inferior das minhas costas e beijou-me com força. Gentilmente, colocou as mãos nos meus seios enquanto usava a língua para explorar a minha boca tão profundamente que quase me perdi.

Estendi as mãos para sentir o peito dele. Ele as moveu para o lado, mas eu precisava tocá-lo e aproximei-as novamente, correndo as mãos pelos músculos rígidos e pelo peito sedoso. Quando toquei nos mamilos dele e pressionei-os com força entre os dedos, ele prendeu a respiração e afastou-se de mim, com um olhar de surpresa e paixão selvagem. O peito e o abdômen dele estavam cobertos de pequenas marcas vermelhas dos cristais do vestido. Eu não pude deixar de sorrir.

— Marquei você — disse eu.

Ele franziu a testa como se não tivesse entendido.

— Olhe para a sua barriga.

Ele viu as marcas e olhou para mim novamente. — É, marcou. E quem melhor para fazer isso?

Ele se aproximou novamente e empurrou-me de volta para o sofá, deitando-se sobre mim de forma que eu o sentisse contra o meu joelho, o que enviou ondas de excitação pelo meu corpo. Ele colocou as mãos no meu rosto e beijou meus lábios antes de baixar a cabeça para beijar meu pescoço e descer para os meus seios inchados, que estavam apertados dentro do vestido. Por um momento, ele apenas os admirou. Em seguida, com um rápido olhar para o meu rosto, beijou cada um dos mamilos, mordendo-os de leve, o que quase me fez ter um orgasmo. Mas ele se levantou e puxou-me, interrompendo o momento.

— Minha camisa — disse ele.

— Por que está fazendo isso?

— Já falei, quero que as coisas fiquem mais intensas. E ficarão até o ponto que não saberemos o que nos atingiu. Também estou me punindo pela forma como a tratei antes. E, acredite, não ficar com você hoje é uma punição.

— Mas nós já superamos isso.

— Talvez um de nós tenha superado. Talvez o outro não consiga se perdoar. Gostaria de terminar o martíni?

— Só se você se jogar dentro dele.

Ele deu uma risada. — Não acho que há alguma parte de mim que caiba dentro dele. A camisa, por favor.

Relutantemente eu a entreguei a ele. — Quer o paletó e a gravata também?

— Não, somente a camisa. — Ele vestiu e abotoou a camisa, escondendo tudo sobre o qual eu fantasiara e queria.

— Acho que você é cruel.

— Não achará isso quando eu for até o fim.

— E quando será isso?

— Não faço ideia. Só o tempo dirá. Saberemos quando o momento certo chegar.

— Agora é o momento certo.

— Não, não é.

— Como pode dizer isso?

— Porque eu estou certo.

— De acordo com você.

— Posso vê-la amanhã?

— Preciso trabalhar amanhã.

— Então buscarei você lá. Podemos vir para cá novamente.

— Para quê? Para que possa me provocar mais um pouco?

— Provavelmente. O que acha?

— Não acredito nisso.

Ele deu um sorriso amoroso. — Nem eu.

— Você está me deixando frustrada.

— Eu estou frustrando a mim mesmo. Quero você agora de muitas maneiras. Como só quis uma única outra mulher antes. Mas aquilo foi há anos. Isso é diferente.

— Diferente como?

— Nunca achei que faria isso novamente. Mas aqui estou. E não vou fazer amor com você até

que seja minha.

— Não sei como conseguirei dormir hoje nem como vou conseguir me concentrar no trabalho amanhã.

— Você acha que será fácil para mim? Essa é a questão. Estou me punindo pelo que fiz com você.

— Mas também está me punindo.

— Você verá que estou certo. Vamos dar esse tempo e deixar as coisas se desenvolverem.

Eu abri a boca para falar, mas ele se aproximou e beijou-me na testa, nos lábios e moveu a boca para perto da minha orelha. A barba novamente, áspera contra a pele. *Mas que droga.* — Confie em mim, ok? Você verá. Enquanto isso, dificilmente mantereis as mãos longe de você. Ou a boca. Ou a língua. Mas vou garantir que a sua primeira vez seja absolutamente incrível, Jennifer. Quando isso acontecer, seu corpo sentirá coisas que você não sabia serem possíveis de sentir. Ou de fazer. E então, quando isso ficar claro para você, perceberá exatamente por que estou fazendo isso.

— Beije-me, só mais uma vez.

Mas ele não o fez. Em vez disso, afastou-se. — Um carro estará esperando você em frente ao restaurante. O motorista levará você em segurança para casa. E encontrarei você amanhã à noite, ok?

Cretino. — Está bem — disse eu.

— O banheiro fica ali, à direita. — Ele abriu um sorriso. — Antes de sair, é melhor ajeitar os cabelos e a maquiagem.

CAPÍTULO 2

No banco de trás da limusine, abri o vidro da janela mais próxima e respirei o ar da cidade em um esforço de acalmar os nervos. Eu me sentia, ao mesmo tempo, esgotada e traída, excitada e furiosa. Eu usava o pouco controle que me restara, que não era muito. *Ele vai ser o meu fim*, pensei. *Por que ele não deixou que acontecesse?*

Senti o celular vibrando dentro da bolsa. Eu o peguei, abri e soube que era uma mensagem de texto de Alex. Mas não era uma mensagem de texto. Era um e-mail. O assunto dizia simplesmente "Para você. E somente para você. Para mais ninguém".

Em anexo, havia uma fotografia. Eu a baixei e, quando vi o que era, a mão instintivamente subiu ao peito. Ele tirara uma foto dele mesmo no espelho do banheiro. Estava sem camisa. No rosto, um sorriso. O peito e o abdômen estavam nus. Era demais, uma provocação absoluta. Mas era um jogo do qual dois podiam participar. Eu não seria deixada para trás.

Pedi privacidade ao motorista e o vidro subiu entre nós.

Qual a melhor forma de atingir Alex? O que eu poderia fazer para superar aquela foto? Pensei sobre o assunto por um momento. Em seguida, inclinei-me para a frente e abri o zíper na parte de trás do vestido. Deixei a parte de cima cair no colo e expor os seios, que estavam cobertos com o sutiã de renda sexy que Blackwell escolhera mais cedo.

Minhas mãos começaram a tremer ao pensar no que estava prestes a fazer. Dividi o cabelo estrategicamente e coloquei-o sobre os seios de uma forma que eu sabia que o deixaria excitado.

Eu nunca fizera nada parecido com isso antes. Mas, sabe-se lá por que motivo e sem me importar com a força das batidas do meu coração, queria fazê-lo. Recostei-me contra o banco de couro frio, virei o telefone para que a câmera ficasse virada para mim e bati várias fotografias, olhando intensamente para a lente ou com os lábios ligeiramente abertos e os olhos fechados. O *flash* da câmera iluminou a parte de dentro da limusine com várias explosões de luz. Eu nem queria imaginar o que o motorista estava pensando nem se ele conseguia enxergar pelo vidro escuro. Mas decidi que não me importava. Ele que pensasse o que quisesse. Eu daria a Alex exatamente o que ele merecia. Joguei a cabeça para trás, como se estivesse tendo um orgasmo, e bati mais fotos.

Quando terminei, não pude deixar de rir. Eu nunca me sentira tão livre com o meu corpo. E, melhor ainda, a sensação era incrível.

Antes de recolocar o vestido, olhei as fotografias. Não gostei da maioria delas, com exceção de uma. Aquela era perfeita. Mostrava pele suficiente, bem como parte da renda do sutiã. O cabelo, que eu sabia que ele adorava quando estava solto, fazia uma curva sobre os seios, que eram fartos e redondos. Na foto, eu mordida o lábio inferior. Os olhos estavam fechados e a cabeça estava sobre o banco de couro como se houvesse algo dentro de mim que precisava sair — o que era verdade. Achei que parecia gostosa o bastante, além de parecer estar fervendo por dentro. Olhei novamente para a foto e soltei outra risada.

Obviamente, perdi a razão completamente.

Mas não importava. Anexei a foto em um e-mail e escrevi no assunto: "Está vendo isso? É o que

está perdendo." Antes que pudesse pensar sobre o que estava fazendo, pressionei o botão para enviá-lo. Sacudi a cabeça com a ousadia dos meus atos e rapidamente arrumei o vestido. Quando me movi para fechar o zíper nas costas, notei que ficara tão excitada novamente que estava toda molhada.

E então o celular vibrou. Dessa vez, era realmente uma mensagem de texto.

— Não vai facilitar as coisas para mim, não é?

Ergui a sobrancelha ao ler e respondi. — Só estou seguindo o seu exemplo. Por falar nisso, você nunca saberá quando enviarei uma foto parecida com essa, então, prepare-se. Pode ser enquanto você está no trabalho. Em um de seus eventos. Ou até mesmo durante uma reunião. Na verdade, talvez essa última seja a melhor opção, já que você me enganou essa noite.

Esperei um momento e uma nova mensagem chegou. — Posso pedir ao motorista para dar meia volta. Você sabe disso, não é?

Pensei no assunto. Mas, apesar de querê-lo tanto, rejeitei a ideia. O que estava acontecendo entre nós me deixava louca de excitação, mas eu via a lógica na argumentação dele. Deixar as coisas crescerem até o ponto em que nenhum dos dois aguentasse mais. Então, quando chegasse o momento certo, o que viveríamos juntos seria algo de que nunca esqueceríamos.

Será enlouquecedor.

— Lamento — escrevi. — Mas você teve a sua chance. Vamos deixar isso crescer. Talvez daqui a alguns meses?

Pressionei o botão para enviar e aguardei uma nova mensagem. Quando ela chegou, dizia: "Meses, não, srta. Kent."

— Estou pensando em vários meses. Você não deveria ter feito aquilo comigo.

— Fiz o que achei que era certo.

— Você vestiu a camisa novamente?

— Não estou usando nada. Quer uma foto?

Eu corei quando li aquela mensagem e fechei os olhos ao pensar nele. — Eu posso esperar. Acho.

— Estamos trocando mensagens eróticas?

— Acredito que sim.

— Já fez isso antes?

— Acho que você sabe que não.

— Nem eu. Parece que somos dois adolescentes.

— Que engraçado — escrevi. — Eu me sinto como uma mulher.

* * *

Quando o motorista me deixou na frente do prédio, agradei, atravessei correndo a rua pouco iluminada e rapidamente coloquei a chave na fechadura. Eu queria me afastar daquela rua depressa. Ela estava escura e dava-me arrepios. Agora, eu tinha um salário fixo e não havia mais desculpas para permanecer lá. Lisa e eu precisávamos encontrar um novo lugar logo.

Somente depois que eu estava dentro do prédio, em segurança, o motorista foi embora.

Subi os quatro andares e entrei no apartamento. Lisa estava sentada no sofá, com as páginas de um manuscrito na mão e o martíni noturno ao lado. Ela olhou para mim quando entrei e

cumprimentou-me antes de circular algo no manuscrito. Em seguida, largou-o no colo e ficou me encarando.

— Ora, ora — disse ela. — Olhe só para você.

Coloquei a bolsa e o celular sobre o balcão da cozinha. Eu não conseguia esconder nada de Lisa. Em um segundo, ela estaria me pressionando. Na verdade, já estava. — O que quer dizer?

Ela pegou o martíni e tomou um gole. Havia um olhar travesso no rosto dela quando disse: — Belo vestido.

— Obrigada.

Ela olhou para os meus pés. — Lindos sapatos.

— Eu gosto deles.

— São confortáveis?

— Nenhuma bolha hoje.

— Pelo menos, não nos pés.

— Como?

— Nada, só pensando alto.

— Desde quando você pensa alto?

Ela ignorou a pergunta. — Suponho que você tenha ido para o trabalho hoje com alguma maquiagem. E que seu cabelo não estava essa bagunça que está agora. E que você não apareceu em público com manchas no vestido. Como essa, bem ali.

Ela apontou para a minha virilha.

Eu olhei para baixo e, mortificada, vi a mancha.

— Ah, meu Deus. Esse vestido custa uma fortuna.

— Amiga, você está um caos.

Eu entrei na sala de estar e sentei no sofá.

— Você não acha melhor tirar o vestido e enrolar-se em uma toalha antes de se sentar?

— Qual é...

— Não, de verdade. Por favor.

— Que seja. — Eu me recostei no sofá e sorri para o teto.

— Eu deveria deixar você em paz?

— Ah, não. Nós vamos conversar. Estou pegando fogo. Você não faz ideia.

— Ah, acho que estou entendendo. Ele lhe deu um chupão?

— Ele me deu o quê?

— Um chupão.

— Ninguém me deu um chupão. Ninguém nem usa essa palavra mais.

— Estou brincando. Mas devo dizer que é um alívio saber que você sabe se segurar. Isso é bom.

— Você não faz ideia de como tive que me segurar hoje à noite.

— Olhando para você, eu diria que não se segurou nem um pouco.

— Não é verdade. Tive que me segurar, apesar de não ser por opção minha.

— Então, você ainda é tão pura quanto água engarrafada?

— Eu não iria tão longe. Digamos apenas que estou... intacta.

Ela colocou o copo sobre a mesa. — Muito bem — disse ela. — Preciso dos detalhes. Pode começar a falar. Chega dessa baboseira. Fiquei louca a noite inteira para saber como foi a sua noite e parece que vocês dois se saíram muito bem.

— Muito engraçadinha. Isso nunca aconteceu comigo antes. Espero não ter estragado o vestido. Custou uma fortuna.

— Você ficará bem. Leve-o a uma boa lavagem a seco, eles tirarão a mancha. Mas eu não gostaria nem um pouco de ser você quando tiver que mostrá-la.

— O que direi a eles?

— Nada. Eles saberão o que é e você será julgada e condenada. Basta parecer arrependida, pegar o recibo e sair de lá correndo. — Ela puxou os cabelos loiros para trás da cabeça. Atrás dela, o ar-condicionado emitia um zumbido. — Então, vai ou não me contar o que aconteceu?

— Você não estará preparada para ouvir.

— Jennifer, parece que você foi amarrotada por uma dúzia de brutamontes, mas gostou. E seus olhos estão um pouco fora de foco, o que não é comum, exceto quando bebe demais e vi isso muitas e muitas vezes. Mas duvido que esse seja o caso. Eu estou preparada. Tirando o vestido e os sapatos, acho que já estive onde você está agora. Há muitos anos. Era o céu e o inferno ao mesmo tempo. — Ela colocou as pernas sob o corpo, mas, logo em seguida, levantou-se. — Tenho uma ideia. Você precisa de um martíni. Ele soltará a sua língua o suficiente para me contar. Quero saber de tudo. Volto já.

— Temos vodca boa?

— Você sabe que sim. Agora temos dinheiro. Qual é o seu problema?

— Acho que estou com amnésia.

— Querida, você só está excitada. Seu corpo está cheio de hormônios pulsantes. Vai passar. Deixe-me preparar uma bebida para você. Ela ajudará a amortecer a dor. Ou seja lá o que for que você está sentindo agora.

— Isso é um mistério — disse eu.

E, então, contei a ela tudo o que acontecera naquela noite.

* * *

— Ele o quê?

— Você me ouviu.

— E você fez o quê?

— Você me ouviu.

— Não acredito nisso. Quem é você?

— Não sei mais.

— Deixe-me ver as fotos.

— Ora, vamos.

— Nós compartilhamos tudo. Acha mesmo que eu não pediria para vê-las? Vamos, Jennifer! Não pode chegar aqui, contar tudo isso e esperar que eu não peça para ver as fotos.

— Está bem. Mas vamos considerar que esse não é o meu momento de maior orgulho.

— Quem se importa? O fato de você confiar em alguém desse jeito diz o suficiente. Eu disse mais cedo e direi novamente: você mergulhou fundo. Eu só não tinha percebido o quanto.

Eu peguei o telefone, abri a fotografia que ele enviara e mostrei a ela. Impaciente, ela pegou o celular da minha mão.

— Puta merda. Eu vi fotos dele *on-line*, mas nada como isso. Ele é muito mais gostoso do que eu pensava. Olhe para esse peito, esse abdômen. Sendo tão ocupado, como ele acha tempo para manter essa forma? E olhe esse sorriso no rosto dele. Vou lhe dizer uma coisa. Se algum dia meus

livros apocalípticos de zumbis virarem um filme, quero que o ator principal seja como ele. Ou, na verdade, quero que seja ele.

— Não acho que Alex seja ator.

— Mas aposto como ele poderia financiar o projeto. Eu fiz o meu dever de casa. Parte da Wenn é a Wenn Entertainment!

— Você me mata.

Ela olhou para a foto novamente e suspirou. — Ele está adorando isso. — Em seguida, olhou para mim com aprovação. — Que bom para você, querida. De verdade. Agora, onde está a sua foto?

— Você não quer vê-la.

— Ah, sim, quero.

— Então passe para a próxima imagem.

Ela passou e eu me encolhi. E então, por algum motivo, ela ficou em silêncio por um momento. Eu fora longe demais. Sabia disso. Mas ela disse: — Olá, supermodelo da Victoria's Secret. Olhe só para você. Gostosa. Belo pescoço. Adorei o cabelo cobrindo os seios, mas deixando aparecer um pouco da renda. E você está mordendo o lábio, os olhos estão fechados, a cabeça está jogada para trás. É óbvio que está no banco de trás de uma limusine. Isso deve ter acabado com ele. Excelente jogada, linda. Excelente. É como se Mario Testino tivesse batido essa foto, mas com um toque de Warhol.

— Mario quem?

— Você não entenderia.

— Ele é um dos seus fotógrafos de moda?

— Ele é o fotógrafo de moda. Pense em Madonna, Madonna, Madonna no decorrer dos anos. E muitas outras mulheres famosas. — Ela admirou a foto por um momento mais antes de me devolver o telefone. — Aposto como isso fez com que Alex repensasse tudo.

— Depois de receber a foto, ele queria pedir ao motorista que desse meia volta. Eu disse que isso não aconteceria, pois acho que ele está certo. Isso tem que crescer. Eu quero que cresça.

— Estamos construindo uma casa de dois andares? Ou um arranha-céu?

— Definitivamente não é um arranha-céu.

— Que bom.

— Mas esperarei o tempo que for preciso até o momento certo.

— Quando isso acontecer, é melhor que esteja preparada. Porque esse homem vai aniquilar você.

— Essa é uma das suas palavras de zumbi?

Ela terminou o martíni e inclinou a cabeça para o lado. — Talvez. Mas quando ele colocar as mãos em você e os dois decidirem que é o momento certo? É isso que acontecerá. Você se sentirá aniquilada, no melhor sentido da palavra. Ele acabará com a sua virgindade e destruirá você na cama. Essas são as duas definições de "aniquilar": "acabar" e "destruir". Espere e verá.

CAPÍTULO 3

Na manhã seguinte, às seis horas, o celular tocou. Eu o deixara na mesinha de cabeceira caso Alex telefonasse durante a noite, o que não acontecera. Eu peguei o aparelho e vi o nome dele na tela.

— Sr. Wenn — disse eu.

— Srta. Kent.

— Como está nessa manhã?

— Apesar de não ter dormido nada? Surpreendentemente bem.

— O que o impediu de dormir? — perguntei.

— O que você acha? Conseguiu dormir?

— Talvez eu tenha me revirado na cama um pouco.

— Só se revirou?

— O que está sugerindo?

— Que você talvez tenha feito algo para conseguir um pouco de alívio.

— E se eu tiver feito isso? — perguntei.

— E fez?

— Não.

— Você me julgaria se eu tivesse feito?

— Achei que o objetivo era se conter — disse eu.

— E é. Não fiz nada na noite passada, mas bem que queria ter feito. Fiquei duro por quase uma hora.

Eu corei ao ouvir aquilo. — Foi opção sua.

— Foi a opção certa. Por falar nisso, aquela foto que tirou de você mesma na noite passada é muito interessante. E inesperada.

— Eu poderia dizer o mesmo.

— Você já tirou alguma fotografia ruim?

— Já tirei várias delas.

— Duvido — disse eu. — Acho que fiquei olhando para você durante a maior parte da noite.

— Espero que a bateria do celular tenha aguentado.

— Milagrosamente, sim.

— Escute — disse ele. — Eu sei que precisa trabalhar hoje à noite, mas ainda é cedo e a minha primeira reunião é só às nove. Que tal um café da manhã?

Eu levaria quarenta e cinco minutos para me aprontar. — Adoraria tomar café da manhã com você. Onde nos encontraremos?

— Na minha casa. Vou cozinhar.

— Você cozinha?

— Sim.

O que ele não faz?

— A que horas devo mandar o carro buscá-la?

— Às sete?

— Isso nos dará apenas umas duas horas...

— Mas teremos hoje à noite, depois que eu sair do trabalho.

— Tenho um evento hoje à noite — disse ele. — É um evento grande e provavelmente ficará muito tarde para buscá-la. Mas um carro estará esperando você para garantir que chegue bem em casa. Peço desculpas.

— Não precisa pedir desculpas. Você precisa cuidar dos seus negócios, Alex.

Ele soou frustrado ao dizer: — Também preciso ver você mais do que apenas duas horas por dia, Jennifer.

Eu não pretendia discutir com ele naquele momento. Ele trabalhava durante o dia e à noite e eu trabalhava à noite. O que ele esperava? Eu tinha dois dias de folga por semana, com mais um dia de folga para visitar restaurantes novos para Stephen. De alguma forma, se quisesse passar mais tempo comigo, Alex teria que ajustar os horários dele, se é que isso era possível. Deveria ser, já que ele era dono da Wenn. Mas eu sabia que não, que não seria uma coisa fácil para ele. O conselho diretor da Wenn esperava muito dele, inclusive participar do máximo possível de eventos. Afastar-se disso para que pudéssemos passar mais tempo juntos seria um problema. *E como isso afetará o nosso relacionamento?*

— Estamos perdendo tempo — disse eu. — Deixe-me tomar um banho. Mande o carro um pouco mais cedo. Estarei pronta.

* * *

Quando cheguei à Wenn dez minutos antes das sete, o motorista me disse para ir para o elevador privativo do sr. Wenn. — Alguém estará esperando lá e dará acesso a você, srta. Kent.

— Obrigada — respondi.

Entrei e fui recebida pelos guardas de segurança na recepção. Todos eles me cumprimentaram pelo nome, o que soou estranho. Acenei com a cabeça e caminhei para o elevador oculto logo atrás deles. Ao chegar nele, vi que a pessoa que me esperava era o próprio Alex. Ele usava jeans e uma camiseta, mas estava perfeitamente arrumado e pronto para iniciar o dia assim que colocasse o terno. Ele me tomou nos braços e beijou-me quando nos aproximamos.

— Você chegou cedo — disse ele.

— Estou curiosa para ver como você cozinha.

— É só isso?

— Depende de como vamos definir "cozinhar".

— Café da manhã.

— Ah, isso.

— Sim, isso.

— Tudo bem. E talvez eu tenha vindo porque queria passar mais tempo com você.

— Isso me deixa feliz — disse ele. E eu podia ver que era verdade, apesar de haver uma tensão que não conseguia definir bem. Ele parecia distraído novamente, como estivera no início da noite anterior, antes que eu fosse honesta sobre o meu passado e as coisas tomassem um rumo romântico. Decidi ser eu mesma e ver como as próximas duas horas decorreriam, especialmente considerando o que acontecera entre nós na noite anterior. A química ainda estaria lá? Ou fora

tudo apenas devido ao calor do momento? Eu esperava que não, mas não sabia ao certo.

Ele passou o cartão em uma ranhura ao lado do elevador e entramos quando as portas se abriram. Quando elas se fecharam e o elevador começou a se mover, ele me pressionou contra a parede. — Você está linda — disse ele, beijando-me no pescoço e nos lábios. Em seguida, afastou-se ligeiramente e passou a mão nos meus cabelos. — E seu cabelo está meio encaracolado.

— Não tive tempo de alisá-lo essa manhã.

— Eu gosto dele assim. Lembra-me da primeira vez em que nos encontramos.

— Por que será que parece que isso aconteceu há muito tempo?

— Só aconteceu uma vez comigo, mas, algumas vezes, quando você encontra alguém, é como se conhecesse aquela pessoa desde sempre.

Ele estava falando da esposa? É claro que sim. Fiquei imaginando como ela seria. Apesar de ter procurado, não vira fotografias dela no apartamento dele na noite anterior. Talvez ele achasse demais ter que olhar para elas. Talvez elas tivessem desaparecido por um motivo, para que ele pudesse continuar a vida. Independentemente do que acontecia entre nós naquele momento, eu achava horrível ele ter perdido a esposa tão cedo.

O elevador reduziu a velocidade, ele pegou a minha mão e saímos. O sol estava muito forte e o apartamento era tão branco que a luz que o invadia quase me deixou cega.

— Como você aguenta isso? — perguntei.

— Digamos apenas que é um despertador instantâneo.

— Aposto como funciona bem.

Ele sorriu. — Já estive em Paris?

— Até agora, o mais longe que cheguei foi Manhattan.

— É um bom começo. Gosta de comida francesa?

— Adoro. Ao longo da costa no Maine, há alguns restaurantes franceses muito bons.

— Eu tenho saudades do Maine.

— Eu não.

Ele me olhou de relance, mas não disse nada. — Acha que poderá me levar a algum restaurante francês em Nova Iorque?

— Se algum restaurante bom abrir, será um prazer. De que outros tipos de comida você gosta?

— Não importa, Jennifer. Apesar de parecer que será um acontecimento raro, o que importa para mim é sair uma noite com você.

Alex apertou minha mão com mais força, mas eu não pude deixar de pensar no que ele realmente queria dizer. Por causa do meu trabalho e dos horários irregulares dele, nossa vida não permitia que passássemos muito tempo juntos. A tensão que eu sentira antes agora estava clara. Não podermos ficar juntos seria difícil para ele, possivelmente por que a esposa dele, que talvez não trabalhasse, sempre estivera disponível. E, se eu fosse honesta, também seria difícil para mim. E como ficávamos então? Como a realidade da nossa situação afetaria um relacionamento que estava apenas começando? Naquele ponto, tudo era tão frágil que parecíamos estar andando sobre ovos. Deixá-lo agora seria difícil, mas não tão difícil quanto seria depois de alguns meses. Se investíssemos um no outro por um longo período, seria de partir o coração se finalmente decidíssemos que não poderíamos ficar juntos por causa de meros conflitos de horário. Mas cada um tinha a própria vida para viver. Ele não precisava se preocupar com a próxima refeição nem com o aluguel do mês seguinte, eu precisava. O que venceria? O potencial para um relacionamento importante ou o trabalho?

Eu tinha a sensação de que, com frequência demais naquela cidade, de longe uma das cidades

mais agressivas e desafiadoras, o trabalho vencia e isso me entristecia.

— Que tal um omelete com estragão fresco, sal e pimenta, aspargos refogados por cima e coberto de queijo parmesão? Suco de laranja fresco, é claro. Além de um *croissant* e um bom café.

— Tem certeza de que não encomendou isso?

— Com exceção dos *croissants*, tenho certeza. Você será testemunha.

— Parece fabuloso, mas você tem tempo suficiente para fazer isso tudo?

— É mais rápido do que parece. É isso que eu adoro na comida francesa. Algumas receitas são demoradas para preparar, mas grande parte é, na verdade, simples, pois não usa muitos ingredientes. É só a preparação e a execução, nesse caso, você cozinha os ovos muito lentamente. A proteína deve ser cozida no calor mais baixo possível para obter o melhor resultado. Quando eu era pequeno, nossa cozinheira, Michelle, que era francesa, me ensinou muitas coisas. Para escapar da minha mãe, coisa que eu fazia sempre que podia por motivos que não vou citar para não deixá-la entediada, passava muito tempo com Michelle na cozinha. Eu gostava de ouvi-la, pois, além de ela ser muito gentil comigo, porque me amava, podia me esconder quando ficava com ela. Era uma excelente *chef*. Algumas vezes, acho que teve mais influência sobre mim do que a minha mãe. Era uma mulher doce e amável, mas severa quando precisava ser. "Assim não, Alex, é desse jeito. Preste atenção. Você está fazendo isso demais. Por que machuca a comida desse jeito? Precisa amá-la. Acariciá-la. Não é tão difícil, *mon chéri*. Trate-a como uma mulher. Você verá o que quero dizer. Sim, isso mesmo, desse jeito." Esse tipo de coisa.

Por que ele precisara escapar da mãe? — Eu adoraria conhecer Michelle. Ela ainda está viva?

— Sim, mas está em um asilo. Parkinsons. Não me reconhece mais, mas eu a visito sempre que posso. Eu simplesmente gosto de estar perto dela. Queria que ela estivesse bem o suficiente para conhecer você. Mas, na condição dela, é impossível. — A voz dele ficou mais grossa ao falar, mas rapidamente ele limpou a garganta. Seja lá onde for que estivesse, eu não duvidava de que ele estava cuidando dela. — Vamos para a cozinha. Sente-se no bar. Você é a viciada em negócios. Leia o jornal. Eu farei o resto.

— Não posso ajudar?

— Nem pensar. Você é minha convidada. — Ele ergueu a sobrancelha. — Quem sabe um dia você faça café da manhã para mim.

— Shakespeare nunca conseguiu escrever palavras tão trágicas como essas.

Ele balançou a cabeça, mas eu pude sentir a afeição dele. — Ora, vamos.

— Eu sei fazer waffles congelados e torrada. E café. Eu sei fazer café!

— Então você não cozinha?

— Bem, não no nível do que você está prestes a cozinhar e, certamente, nada da culinária francesa. Mas sou uma boa cozinheira caseira. Sei cozinhar como a minha avó cozinhava para mim. É tudo muito rústico, mas delicioso, se você gosta desse tipo de coisa, e eu gosto. Sei fazer uma torta de maçã incrível. E um excelente filé. E, como bônus adicional, frango assado com legumes é um prato fácil de fazer.

— Eu me lembro de almoçar e jantar com os meus amigos quando passava o verão no Maine. Nada era chique, mas era tudo uma delícia.

— Isso eu posso fazer para você, Alex.

— Quando esfriar, pode fazer um bom cozido?

— É claro. E uma canja que fará você suspirar. E, claro, peixe. Posso fazer qualquer tipo de peixe e ele sempre ficará macio pelo mesmo motivo que esses seus ovos ficarão macios. Calor muito baixo. Ah, e sei fazer um macarrão com queijo e cogumelos frescos, lagosta e espinafre que

você nunca mais esquecerá. Tenho mais alguns trunfos também. Mas nada parecido com a comida superchique que você vai cozinhar.

— Estou tão feliz por estar aqui, Jennifer.

Fomos para a cozinha, que era um aposento enorme cheio de aparelhos sofisticados, com um bar amplo e bancos confortáveis, muita iluminação e aroma de café fresco.

— Quer uma xícara?

— Estou morrendo de vontade de tomar um café.

— Creme? Açúcar?

— Os dois, por favor.

Antes que ele servisse o café em uma xícara branca grande, preparou uma bandeja. — Fique à vontade.

Fui diretamente para o creme e o açúcar, colocando bastante no café. Ele me observou com um sorriso. O café estava delicioso. Depois de dormir tão pouco, eu precisava dele.

E eu sabia que tinha muita sorte de ter Alex. Eu o observei andando pela cozinha, que parecia ser uma amante para ele. Sabia exatamente onde tudo estava. Observei enquanto ele cortava o estragão e batia os ovos ligeiramente com um pouco de creme em uma tigela de vidro. Ele preparou o aspargo com azeite de oliva e sal e ralou o parmesão fresco no processador para usá-lo mais tarde. Os *croissants* tinham uma aparência divina e crocante, com a manteiga em temperatura ambiente ao lado. Perto deles, havia dois pratos brancos, talheres de prata, guardanapos e dois copos de suco. O *Times* estava à minha direita.

Eu o abri na seção de negócios enquanto ele cozinhava. Percorri a página e fiquei surpresa ao encontrar uma notícia com a manchete que dizia "Wenn de olho na Kobus Airlines". Era uma breve história detalhando a companhia aérea problemática e como a frota dela poderia beneficiar a bem-sucedida Wenn Air. Ao perguntarem se os rumores eram verdadeiros, Wenn se recusara a comentar, mas o *Times* informava que várias fontes sigilosas confirmaram que Wenn planejava ir adiante com a oferta de aquisição. Gordon Kobus, que era o dono da companhia aérea, fez alguns comentários. Eu lembrava dele no jantar de gala para arrecadação de fundos no Museu de História Natural, onde ele encarou Alex com franca hostilidade. O homem me dava arrepios e o comentário dele também: "Uma vez, o pai de Alexander Wenn quis a minha companhia aérea e não conseguiu tirá-la de mim. O filho dele, que não chega nem aos pés do homem de negócios que era o pai, também não conseguirá. É um mero garoto. Não acontecerá e o sr. Wenn pode ter certeza disso. Lutarei com ele e com o conselho diretor da Wenn Enterprises a cada passo do caminho se decidirem se aproximar da Kobus."

— Isso é uma ameaça aberta — disse eu em voz alta.

Alex colocou os aspargos no forno e olhou para mim. — Vejo que encontrou a história.

— Quem deixou vazar isso?

Ele deu de ombros. — Não sei quem. Pode ter sido o próprio Kobus.

— Porque as ações dele subirão muito com essa notícia.

— Isso mesmo.

— Espero que não tenha sido ninguém de dentro.

— Eu nunca saberei. O conselho diretor apoia a ideia e acho que não foi ninguém de dentro da Wenn. Acho que Kobus queria simplesmente aumentar o valor das ações. Quanto às "fontes sigilosas", não faço ideia de quem sejam.

Eu decidi abrir o jogo. — Na noite passada, você parecia distraído ao me buscar. Hoje, senti a mesma coisa quando o vi. Suponho que seja por causa disso.

— Não é.

— Então, o que está perturbando você?

Ele se aproximou do forno e ajustou o cronômetro para os aspargos. — Quero passar mais tempo com você, mas já sei que isso será difícil. Algumas vezes, será impossível. Isso me preocupa. E fico frustrado porque não consigo ver uma solução. Eu sei que você tem os seus compromissos, assim como eu tenho os meus. Mas, para que possamos realmente investir em nós, só vejo uma solução, que tenho quase certeza de que você não aceitará.

— Qual?

— Quero que volte para a Wenn — disse ele. — Assim que possível e no cargo que quiser. Você adora negócios. Posso oferecer a você o mundo dos grandes negócios. Se concordar, saberei com certeza que poderemos passar tempo juntos, pois farei disso uma prioridade.

Comecei a falar, mas ele me interrompeu. — Deixe só eu terminar o café da manhã ou minha reputação de ser um cozinheiro um pouco decente irá por água abaixo e Michelle me mataria. Conversaremos depois de comer. Escutarei o que tem a dizer, mas espero que possamos entrar em algum acordo, Jennifer. Eu sempre fui determinado sobre o que quero. Falei muito sério quando pedi a você que fosse minha namorada. Pedi porque sei que é exatamente isso o que eu queria e é isso que eu quero. Você é quem eu quero. Eu sei que tudo aconteceu muito depressa, entendo, mas talvez seja por um bom motivo. Ter você aqui agora parece certo para mim. Sinto que é assim que as coisas devem ser. Eu sei que provavelmente estou muito à sua frente em termos do nosso relacionamento, mas sou assim e estou sendo honesto com você. Depois de comermos, nós conversaremos. Ok?

Minha cabeça girava e eu senti a guarda subindo. Eu gostava do meu emprego no db Bistro. Consegui o emprego pelos meus próprios méritos, o que era importante. Mas não podia negar o argumento dele e também me preocupava como nosso relacionamento seria afetado por não passarmos muito tempo juntos. É claro que seria afetado. Raramente nos víamos. Eu não era boba, as coisas poderiam desmoronar por causa disso. Mas nunca esperara essa oferta de emprego e não sabia como encará-la. Ainda assim, pelo menos devia escutá-lo e considerar a ideia. Era a coisa certa a fazer.

— Ok — disse eu. — Vamos comer e depois conversaremos.

CAPÍTULO 4

— Como estão os ovos? — perguntou Alex, olhando para o meu prato vazio.

Limpei a boca com o guardanapo e olhei para ele. — Que espécie de pergunta é essa?

Ele sorriu e, naquele instante, os olhos dele ficaram suaves.

— Eles estavam divinos. Tudo estava. Michelle treinou você muito bem. — Olhei para o relógio.

— Acho que está na hora de conversarmos. São quinze para as oito e sua reunião é às nove. Na sala de estar?

— Claro. Mais uma xícara de café?

— Eu adoraria. Deixe-me ajudá-lo a arrumar a cozinha.

Ele tentou dizer não, mas eu já me levantara. Empilhei os pratos, separei os talheres e levei os dois copos de suco vazios para a pia. Lavei tudo enquanto ele servia o café. Pensei no que ele dissera mais cedo sobre sentir que aquilo era certo. Ajudá-lo na cozinha parecia natural para mim. Era muito estranho. Eu só conhecera aquele homem algumas semanas antes, mas havia uma naturalidade entre nós que era inegável. Eu era nova nisso e ficava me perguntando se o que estava acontecendo entre nós, se era realmente tão raro quanto ele sugerira.

Lisa saberá.

Quando terminamos de arrumar a cozinha, a tensão entre nós era grande, pois nenhum dos dois sabia o que seria dito. Mesmo assim, ele pegou a minha mão quando andamos até a sala de estar. Eu podia ver que ele estava nervoso e apertei a mão dele. Sentamo-nos no sofá de couro branco, colocamos as xícaras sobre a mesinha de café e Alex pegou minhas pernas, colocando-as sobre o colo dele. Ele retirou as sandálias e começou a massagear os meus pés.

— Eu sei que você adora o seu emprego, Jennifer. E sei que é importante para você que o tenha conseguido por conta própria. Você tem todos os motivos do mundo para se orgulhar disso. Eu tenho orgulho de você por isso.

Eu não disse nada a princípio, apenas o observei. Ele não olhava para mim. Em vez disso, tinha um olhar preocupado no rosto enquanto se concentrava nos meus pés. Ele era incrivelmente bonito e gentil, o oposto do lado mais duro e dominante que eu vira nele na noite anterior. E eu não queria que nosso relacionamento terminasse, da mesma forma como não queria mudar de carreira. A Wenn poderia me oferecer oportunidades que eu não teria no db Bistro. Obviamente. Mas o que ele estava propondo? Mais cedo, ele dissera que poderia ser qualquer coisa que eu quisesse. Mas eu queria algo adequado às minhas qualificações. Não pretendia aceitar nada além disso. Se o fizesse, eu me arrependeria, o que acabaria estragando tudo o que surgia entre nós.

— Naquela noite com Cyrus — disse eu. — Não gostei do fim da noite, para dizer o mínimo, mas gostei de discutir com você a estratégia para conseguir um possível negócio da melhor forma possível. Não quero soar arrogante, mas eu sei que, por minha causa, você conseguiu o negócio com a Stavros Shipping.

Ele ergueu a cabeça para mim. — Você acha que não sei disso? Você foi essencial. Até mesmo o conselho diretor sabe. Eu contei a eles o que você fez.

Eu não sabia disso. Ele poderia ter assumido o crédito para si mesmo, mas não o fez. Senti uma

onda de afeição naquele momento. Mas, em seguida, eu me recompus e concentrei-me no meu futuro.

— Não quero nada de bandeja apenas para que possamos ficar juntos. Quero ser valorizada pelas minhas contribuições e não porque estou lá apenas por ser o rolo de Alexander Wenn.

— Namorada.

— Rolo. Eu sei que você fica dizendo namorada, mas ainda não cheguei lá. Ainda assim, como prometi na noite passada, eu serei exclusivamente sua. Nunca estive em um relacionamento antes. Preciso ver como isso se desenrola e preciso que você respeite que talvez eu demore mais a dizer essa palavra. Parece tão fácil para você.

— É fácil para mim. Você não é a primeira mulher interessante que aparece desde que a minha esposa morreu, Jennifer. Acho que você viu um pouco do que tenho que aguentar quando saio. Desde a morte de Diana, nunca chamei ninguém de namorada até conhecer você porque nunca namorei ninguém. Eu disse isso por um motivo. É o que eu quero. É o que está no meu coração. Eu sei que é certo.

— Só preciso de tempo, Alex. Preciso deixar que as coisas se desenvolvam de uma forma diferente. Não apenas sexualmente. Apesar de não ter sido nada mal na noite passada, você mesmo viu o quanto me debati ontem ao ir embora. Mental e emocionalmente também. Isso faz sentido? Preciso de tudo antes que possa dizer essa palavra.

— Só tenho mais experiência que você, e tudo bem. — Ele ergueu meu pé e beijou-o antes de começar a massageá-lo novamente. — Em algum momento, você chegará lá, eu a levarei.

— De volta àquela noite com Cyrus. Eu lhe dei consultoria naquela noite. Dei a você um ângulo que não tinha considerado. Acho que você viu que, quando se trata do que acontece no mundo dos negócios, estou por dentro. Tenho bons instintos e ideias. Acho que um bom cargo para mim na Wenn seria como sua consultora. Talvez participar desses eventos com você e conhecer pessoas. Durante o dia, podemos nos encontrar em particular e discutir estratégias sobre o próximo alvo. Acho que eu seria bem-sucedida nisso. E, por causa do negócio de Stavros, com o qual a Wenn ganhará centenas de milhões, acho que mereço isso. Melhor ainda, eu não me sentiria como se tivesse recebido algo apenas para ficarmos juntos. O que importa para mim é que eu tenha um emprego no qual me sinta valorizada pelo meu trabalho e pelas minhas contribuições. O que acha disso?

— Você gostaria de ser minha consultora? — perguntou ele.

— Acho que seria uma boa posição. Acho que conseguiremos trabalhar bem juntos.

— Se eu lhe oferecesse o emprego agora, você aceitaria?

— Precisamos primeiro discutir o salário. Um salário justo.

— O que tem em mente?

— Não tenho nada em mente. Até o momento, tudo isso estava fora dos planos. Eu esperava um café da manhã, não essa conversa.

— O quanto você vale, Jennifer? E não se deprecie. Diga-me o quanto vale.

Pensei no assunto por um momento. Eu sabia o quanto outros consultores ganhavam na cidade. Frequentemente era um valor absurdo, às vezes mais de um milhão de dólares por ano. Mas eu tinha apenas vinte e cinco anos e precisava manter uma proporção sem me vender barato demais nem ignorar o que já fizera pela Wenn.

— Nesse ponto da minha carreira e com o que já fiz por você? Quinhentos mil por ano, com bônus para metas realizadas.

— Quinhentos mil?

— Isso mesmo.

— Achei que pediria mais.

— Quero trabalhar por um salário justo. Prestar consultoria para o presidente de uma grande corporação por quinhentos mil dólares por ano é um salário justo nessa cidade, especialmente considerando a minha idade e a minha experiência. Não pretendo usar nosso relacionamento para pedir um salário exagerado. Não é ético.

— Então, viu só? Esse é um dos motivos pelos quais quero ficar com você. Um dos muitos motivos. Outras pessoas teriam pedido muito mais. Outras pessoas também não teriam me devolvido as joias e as roupas.

— Não sou como as outras pessoas.

— Eu sei que não. Aceita o emprego?

— Preciso falar com Lisa primeiro. Eu converso tudo com ela. Ela é a minha consultora. E, se eu aceitar, precisarei dar duas semanas de aviso prévio no restaurante. Não deixarei Stephen na mão. Ele e o restante da equipe foram muito bons para mim.

— Parece mais do que justo. Quando acha que pode me dar uma resposta definitiva?

— Depois que eu conversar com Lisa. Na melhor das hipóteses, hoje à noite. Se não, em algum momento amanhã. Talvez seja melhor uma boa noite de sono antes de decidir.

— Está bem assim.

— Obrigada.

Depois disso, ele me recostou no sofá e envolveu meu rosto com as mãos, os olhos brilhando de desejo. Pelos próximos trinta minutos, ele aproveitou o tempo ao máximo, de tal forma que eu fiquei esgotada, praticamente sem poder me mexer quando ele me deu um beijo final e correu para o quarto para se trocar.

Depois de trocar de roupa, ele saiu do quarto e aproximou-se de mim. — Quero lhe dar uma coisa — disse ele.

Eu estava meio aérea. Olhei para o que ele segurava na mão. Parecia um cartão de crédito. — O que é isso?

— A chave do apartamento.

— Não é um pouco cedo demais?

— Ouça, Jennifer. Mesmo se você não aceitar o emprego e tivermos que achar outra forma de fazer com que isso dê certo, se estiver pela vizinhança e precisar de um lugar para descansar, mesmo que eu não esteja aqui, quero que saiba que pode vir. Não é nada demais. Já avisei ao pessoal da segurança. Eles conhecem você pelo nome. Basta cumprimentá-los, passar por eles e usar o lugar como se fosse seu. Porque é seu. Todo ele. Se descobrir que precisa de alguma coisa, basta telefonar para a recepção e eles trarão aqui. Não há nada que não possa ter, então basta pedir. Ok?

— Alex...

— Jennifer, de alguma forma, faremos com que dê certo.

— Está bem. — Eu me levantei e admirei-o. — Adoro você de terno.

— Você já disse isso antes. Por quê?

— Porque você fica lindo. Mesmo quando a gravata está torta, como agora.

Eu me levantei e ajeitei-a. Estava tão próxima dele que conseguia sentir o aroma da maldita colônia dele, que era suave, mas muito além de sexy. Nunca parecia exagerada nele. Ele a usava da forma correta. Uma colônia ou um perfume deveria ser sempre uma experiência íntima. Deveria ser parte da essência da pessoa, algo que outra pessoa só conseguisse sentir se estivesse muito

próxima. Eu o beijei nos lábios e agradei o café da manhã.

— Estou a um telefonema de distância — disse ele. — Converse com Lisa. Veja o que ela tem a dizer. Se ela é tão próxima de você, gostaria de conhecê-la em breve. Podemos jantar juntos, nós três. Aqui. Eu cozinharei.

— Você não precisa ter esse trabalho todo. Podemos jantar fora.

— Eu prefiro ficar aqui, se dá no mesmo. Cozinhar é relaxante. De verdade. Foi o que Michelle me ensinou. "Na cozinha, você pode se tornar um artista", ela dizia. "E, quando isso acontece, você se solta e os problemas vão embora".

— Ela disse isso para você quando era um garoto?

— Sim.

— Que problemas?

Ele hesitou, mas respondeu: — Não tive uma infância exatamente feliz. Michelle tinha plena consciência disso. Ela me abrigava sob as asas dela sempre que podia. Acho que, de muitas maneiras, ela me protegeu.

— De quem? De sua mãe? Você falou nela mais cedo quando comentava sobre Michelle.

— Sim, da minha mãe. Frequentemente, do meu pai também. Mas não vamos discutir isso agora. Outra hora, ok?

— Ok.

— Quando Lisa vier jantar aqui, tomaremos algumas taças de vinho e finalmente conhecerei a sua melhor amiga. Isso é importante para mim. As pessoas da sua vida são importantes para mim. Cozinharei o que você quiser.

— Lisa é louca por comida.

— Então isso será um teste?

— Será para ela.

— Eu aceito o desafio.

— Você precisará estar preparado — disse eu.

— O que eu preciso fazer agora é correr.

— Tenha uma boa reunião.

Ele me deu um beijo de despedida e foi para o elevador. — Você como minha consultora — disse ele ao entrar. — Eu gosto disso. E acho que preciso disso. Obrigado por considerar a ideia.

As portas se fecharam e ele desapareceu.

CAPÍTULO 5

— Recebi uma oferta de emprego da Wenn — disse eu ao entrar no apartamento. Lisa estava no sofá. Na mesa em frente a ela, havia uma pilha de páginas manuscritas. Logo, ela me pediria para revisar o livro. Eu estava ansiosa para ver o que ela escrevera dessa vez. Estava empolgada por ela e por mim, pois adorava a forma como escrevia. As histórias dela eram assustadoras, de um jeito muito bom.

Ela largou a caneta vermelha, mas não se virou para olhar para mim. — Recebeu uma oferta de quê?

— Um emprego na Wenn.

— Que horas são?

— Um pouco depois das dez. Por quê?

— Mimosas — disse ela. — Duas. E *tout suite*! Preciso saber de tudo.

— Eu sei que temos uma garrafa de champagne. Mas e suco de laranja?

— Comprei uma caixa ontem. Cuidei de tudo.

— Você sempre cuida — disse eu. — Forte? Fraca?

— Só um toque de champagne, não demais. Tenho um dia inteiro de revisão à frente e a minha cabeça precisa estar limpa. Mas, agora, pela próxima hora, teremos uma conversinha.

— Teremos mesmo.

Eu fiz os drinques e entreguei a ela uma taça de champagne.

— Que cor adorável — disse ela, admirando o líquido na taça.

— Você e os seus zumbis gostariam mais ainda se o suco fosse de tomate.

— Algumas vezes, acho que você deveria ser a escritora. Jennifer. Vou roubar isso.

— Você pode retirar o que quiser da minha boca, na hora que quiser.

— Considerando para onde a sua boca se encaminha, isso soa nojento.

— Você é impossível.

Eu sentei em frente a ela. O ar-condicionado fazia um zumbido atrás de mim e, apesar de estarmos nos primeiros dias de setembro, ainda estava quente o suficiente no quarto andar de nossa prisão e o ar frio parecia um sonho. Eu me lembrei de quando chegamos a Manhattan, muitos meses antes, e do inferno que passamos durante o verão porque não tínhamos dinheiro para comprar um ar-condicionado. Fora horrível, mas conseguimos superar, da mesma forma como superamos tantos outros problemas juntas.

— Bote para fora.

Contei a ela sobre o café da manhã com Alex, a conversa que aconteceu depois dele e a oferta de trabalho que eu precisava considerar. — Então, o que você acha? — perguntei.

— Eu sabia que isso aconteceria, mas com certeza não sabia que seria na casa dos quinhentos mil. Você deu a ideia do cargo e negociou o preço?

— Sim, mas eu não chamaria isso de negociação. Ele simplesmente concordou. Provavelmente, eu poderia ter pedido um milhão e ele teria aceitado. Mas é um valor alto demais para mim. O meu valor é quinhentos mil. Considerando o que já fiz pela Wenn sobre a Stavros Shipping e,

considerando especialmente o que a maioria dos consultores faz nessa cidade e nesse negócio, é um salário justo. Eu nunca tiraria vantagem dele e sei que posso fazer o trabalho.

— Com esse tipo de salário, haverá muitas expectativas.

— Não tenho problemas com isso.

Ela sorriu e, apesar de eu conseguir ver que ela estava feliz por mim, havia algo no sorriso dela que parecia quase triste. — Então, o que acha que fará?

— Eu realmente gosto do meu emprego no restaurante.

— Eu sei disso.

— Você sabe o quanto eu considero Stephen. Ele foi muito bom para mim. Mas eu vim para Nova Iorque para alcançar mais do que isso. Espero que isso não me faça soar ingrata, porque não é verdade. Ele e o sr. Boulud me deram uma oportunidade maravilhosa. Na verdade, além da Wenn, eles foram os únicos que me deram uma oportunidade. O que eles fizeram por mim significa muito.

— Eles também ganharam com isso, apesar de você ter ficado muito pouco tempo lá. E seus sonhos nunca foram de cuidar de um restaurante, Jennifer.

— Eu sei. Mas, se eu deixá-los, vou me sentir culpada.

— Uma vez, você me disse que o seu emprego lá é cobiçado.

— Sim.

— Então, não acha que eles encontrarão alguém para substituí-la rapidamente?

Eu não havia considerado aquilo. Sabia que encontrariam. O db Bistro estava entre os melhores restaurantes da cidade. É claro que encontrariam alguém logo, provavelmente alguém interno. Ou talvez alguém de um restaurante concorrente. O salário era bom e, se alguém quisesse trabalhar no negócio de restaurantes, ter o db Bistro no currículo seria muito atraente.

— E o que você deve a eles? Você fez o seu trabalho. Não assinou contrato algum dizendo que ficaria por um período determinado. Você foi profissional e fez tudo o que lhe pediram. As pessoas recebem novas ofertas todos os dias. Eles podem pagar os quinhentos mil? Eu acho que não. Qualquer pessoa agarraria a oportunidade que lhe ofereceram com unhas e dentes. Pergunte a si mesma: acha que Stephen sairia do restaurante por um salário desses?

— Não faço ideia.

— De verdade? Mesmo que fosse para subir na carreira?

— Talvez.

— Quanto você acha que ele ganha?

— Eu pesquisei isso antes de conversar com eles. Para restaurantes muito bons, como o db, um gerente geral pode ganhar até duzentos mil.

— E Stephen não sairia se recebesse uma oferta para ir para outro lugar ganhando trezentos mil a mais? Ora, vamos, Jennifer. Caia na real. Estamos falando de negócios. Não é pessoal.

— Pois parece pessoal.

— Não deveria. Mas você é assim. Deixe-me fazer a pergunta certa. Isso é algo que você gostaria de explorar com a Wenn?

Eu dei de ombros. — Trabalhar na Wenn me permitiria duas coisas. Primeiro, é um emprego dos sonhos. Eu poderei me tornar a verdadeira viciada em negócios e auxiliar a corporação com várias ideias e estratégias. Isso me empolga. Alex fará isso por mim e ele me escutará. Ele me leva a sério. Segundo, poderei ficar com Alex, o que também é importante para mim. Se quisermos fazer esse relacionamento dar certo, Lisa, preciso poder passar algum tempo com ele.

— Eu entendo isso. Se não for assim, não dará certo.

Dessa vez, vi um olhar de preocupação cruzar o rosto dela rapidamente e desaparecer.

— No que está pensando? — perguntei.

— Nada — disse ela.

— Vamos, Lisa. Seja honesta comigo. Conhecemos uma à outra melhor do que conhecemos a nós mesmas.

Ela olhou para mim com os olhos cheios d'água. — Acho que vou perder você — disse ela.

— Do que está falando?

— Jennifer, se você aceitar esse trabalho, e eu acho que deve, ganhará meio milhão por ano.

Não posso competir com isso. Você não vai querer morar aqui. Sairá daqui assim que for possível. Lamento se isso soa egoísta, mas vou sentir muitas saudades quando for embora.

— E quem disse que você não vai comigo?

— Ora, Jennifer, vamos. Você está prestes a ter um namorado. Você conseguiu aquilo pelo que tanto lutou, um emprego com um salário altíssimo para fazer exatamente o que quer. Se você o quiser, e sei que quer. Eu escrevo sobre zumbis, pelo amor de Deus. Não estou me dando mal, mas estou tão abaixo do seu nível agora que não tem nem graça.

— E quando eu estava quase no meu último centavo, quem me deu apoio? Você, de novo e de novo. Durante aquele período, eu tive as mesmas preocupações. Achei que, se o livro novo fosse um sucesso, e rezo para que seja, talvez me deixasse porque eu não poderia pagar o estilo de vida que você iria querer. E quem pode me culpar? Quem, em sã consciência, ficaria nesse buraco por mais tempo do que o necessário? Eu estava morrendo de preocupação de que você virasse um sucesso e quisesse um lugar melhor. Talvez um lugar seu.

— Você sabe que eu nunca faria isso com você.

— E acha que eu faria com você? De verdade? Qual é a diferença?

Aquilo a fez ficar calada.

— Somos uma equipe — disse eu. — Desde que éramos crianças. Acha mesmo que eu a deixaria para trás por causa disso? Quero que você aproveite isso comigo. Vou aceitar o emprego, nós vamos sair desse buraco e vamos encontrar um apartamento incrível onde possamos morar juntas. Dois quartos lindos. Dois banheiros arrasadores. Agora temos dinheiro para isso.

— Acho que você está sendo ingênua.

— Por quê?

— Porque ele vai querer ficar com você no seu apartamento. É natural. Vai querer aparecer e passar tempo com você no seu espaço, não no nosso. E, quando vocês finalmente transarem, que é algo que certamente acontecerá, ele vai querer passar a noite com você sozinho, não comigo junto. Não vê isso?

— Você é a minha família — disse eu. — Desde a quinta série. Alex tem um apartamento adorável. Quando quisermos ficar sozinhos, iremos para lá. De vez em quando, nós nos encontraremos todos no nosso apartamento e jantaremos juntos. Ah, por falar nisso, ele quer cozinhar para você.

Ela torceu o nariz.

— Foi o que disse há cerca de uma hora — continuei. — Ele quer conhecer você. Quer cozinhar um jantar para nós duas. Sabe como você é importante para mim e acho que, instintivamente, sabe que ninguém nunca ficará entre nós duas. Se Alex e eu quisermos ficar sozinhos, grande coisa. Ele tem uma casa para isso. Não é nada complicado. Não é nada com que tenha que se preocupar, portanto, não se preocupe. Em um segundo, eu desistiria dele e desse emprego antes de desistir de você. E não ache que estou brincando. Você significa tudo para mim. E sabe disso.

— Você não quer que eu e os meus zumbis impeçam-na de viver a sua vida.

— Seus zumbis mudarão a sua vida depois desse próximo livro. E do próximo. E do próximo. A quem está querendo enganar? Já está a caminho disso.

— Jennifer, posso ter feito sucesso uma vez, mas nada é certeza. Pode não dar certo da próxima. Acontece.

— Duvido que isso aconteça com você.

— Nenhuma de nós sabe ao certo, mas vamos torcer para que não aconteça. Então, o que pretende fazer?

— Amanhã, aceitarei o emprego. Darei um aviso prévio de duas semanas no db Bistro. Depois, procuraremos um apartamento novo juntas. Você e eu. Algo melhor do que esse lixo. Nós merecemos. Merecemos um apartamento incrível e nós o encontraremos. Mas não farei nada disso sem você. Ouviu bem? Nada disso acontecerá sem você. Desistirei de tudo se não estiver comigo. Você é importante assim para mim. Ok?

Ela recostou a cabeça no sofá e suspirou. — Jennifer...

— Ok?

— Eu só não acho...

— Ok?

— Está bem — disse ela. — Ok.

— Você é o mundo para mim.

— Não acho que eu serei o mundo para Alex. Acho que ficarei no caminho.

— Ele não é assim. Entenderá a situação.

— Eu amo você, Jennifer. E estou superfeliz por você. Mas não acho que saiba no que está se metendo.

— Como assim?

— Veremos. E espero muito que eu esteja errada.

CAPÍTULO 6

Na noite seguinte, quando pedi demissão no db Bistro, Stephen me abraçou e desejou boa sorte. — Eu sabia que não conseguiríamos mantê-la por muito tempo — disse ele. — Não alguém como você. Pena que não será por mais tempo, sentirei saudades. Mas vá e viva os seus sonhos, Jennifer. Nós ficaremos bem, então pare com esse olhar culpado, ok?

Eu não poderia esperar uma despedida melhor. Na manhã seguinte, disse a Alex que aceitaria o emprego.

— Por favor, diga que não está brincando.

— Não estou. Mas Lisa e eu precisamos procurar um novo lugar para morar. Aqui não é seguro. Você sabe disso. Preciso que tenha paciência até que encontremos um lugar. E isso vai dar muito trabalho.

— Não precisa.

— Por quê?

— A Wenn tem propriedades pela cidade inteira. Se quiser, peço a Blackwell que ajude vocês. Ela conhece todas elas, e conhece muito bem. Ela mesma mora em um dos nossos prédios. Vocês podem ser vizinhas.

— Muito engraçado.

— Ela não é tão ruim assim.

— Eu sei que não. Na verdade, aprendi a gostar dela. Mas acho que é melhor um prédio diferente.

— Por que não dá uma olhada? Você não receberá desconto no aluguel, pois sei que nunca aceitaria isso. É só uma forma fácil de reduzir o trabalho. Vou pedir a ela que lhe telefone e resolveremos isso bem depressa para que você e Lisa possam se acomodar. A Wenn oferece assistência a mudança para todos os funcionários novos e você se mudará sem custo algum.

— Alex...

— Isso é um fato, Jennifer. Não estou fazendo um favor a você. Certamente, já ouviu falar de outras corporações que oferecem esse tipo de assistência. É só isso.

É claro que ouvira. — Está bem.

— Ao usar a Wenn, e porque agora você trabalha para nós, isso será uma transição fácil pelos padrões de Nova Iorque. Sem obstáculos, sem enrolação. E sabe por quê?

— Porque você é o dono da Wenn?

— Exatamente. Aguarde um telefonema de Blackwell. Ela encontrará um lugar excelente para vocês. E logo. Porque eu quero ver você logo.

— Eu também.

— Já estou com saudades.

— Eu também.

— Vou pedir a ela que agende visitas agora. Você terá notícias dela em uma hora. Darei a você todo o tempo de que precisa, porque sei que encontrará algo depressa. Posso pelo menos telefonar para você?

— Espero que telefone — respondi. — E pode me mandar mensagens quando quiser. Vou precisar disso para conseguir aguentar as próximas duas semanas.

— É tudo o que eu precisava ouvir. Falarei com você em breve. Enviarei mensagens mais cedo ainda. E divirta-se com Blackwell. Ela transforma tudo em um show da Broadway.

Quando Blackwell telefonou uma hora mais tarde, como Alex prometera, tinha a mesma atitude ferina de sempre. — Então, agora é um apartamento — disse ela.

— Eu acho que sim.

— São duas pessoas?

— Sim, duas.

— O que você quer?

— Um espaço grande. Dois quartos. Dois banheiros. Uma sacada. Uma vista bonita. E uma cozinha incrível. O resto é bônus.

— Consigo tudo isso. Qual é o nome da sua amiga?

— Lisa Ward.

— O que ela faz?

— Escreve sobre zumbis.

— Escreve sobre o quê?

— Os mortos-vivos.

— Quem faz isso?

— Lisa.

— Bem, pelo menos, os mortos-vivos são magros. Quase esqueléticos, o que é uma coisa boa. Eu provavelmente poderia vesti-los para ela.

— Vou dizer isso a ela.

— Faça isso. Vejo você em trinta minutos. Prepare-se, pois será um furacão.

Decidi provocá-la. — Antes de desligar, tenho uma confissão a fazer.

— Você tem o quê?

— Uma confissão.

— Converse com um padre.

— Nesse caso, você é o padre.

— Vou tapar os ouvidos.

— Não, não vai.

— O que é, então?

— Ontem, comi um Big Mac. Um saco de batatas fritas grande e um *milk-shake*. No fim da noite, comi um saco inteiro de salgadinhos. Foi fantástico.

— Nunca mais fale comigo desse jeito.

— Eu adorei. Pensei em você o tempo inteiro enquanto eu me fartava. Acho que você também teria adorado.

— É claro que não. Salada, Jennifer. Já falei. Salada. Verde!

— Acho que ganhei meio quilo.

— Você vai acabar comigo, Maine.

Como sempre, Blackwell acertou na primeira tentativa, o que não foi surpresa para mim àquela altura do nosso relacionamento. Acho que isso era motivo de orgulho para ela, o que a estimulava. Mas, quem sabe fosse apenas sorte, apesar de eu duvidar disso seriamente. Ela tinha habilidades que eu ainda desconhecia. O que importava é que sempre atingia seus objetivos, apesar de ter me repreendido novamente pelo meu "comportamento compulsivo" quando chegou com a limusine para nos buscar.

— Não foi uma compulsão — disse eu quando entramos no carro. — Eu me fartei.

— Com porcarias que a deixarão gorda. Como acha que vou vestir você no próximo evento. Diga-me. Como? Mal consigo enfiar esse seu traseiro em vestidos de alta costura do jeito como ele é.

— Até agora, isso não foi um problema.

— Será se continuar assim.

Ela olhou para Lisa e estudou-a com um olhar cuidadoso. — Você é a que escreve sobre mortos-vivos?

— Sou eu — disse Lisa.

— E você ganha dinheiro fazendo isso?

— Sim.

— Que ironia!

Lisa riu.

— O que há de errado em escrever sobre os vivos? — perguntou Blackwell.

— Tudo.

— Tudo?

Lisa se inclinou na direção dela. — Não acha que os vivos são decepcionantes?

— Bem — disse Blackwell, endireitando o corpo. — Não tenho como argumentar contra isso. Especialmente depois de um divórcio recente na minha vida. E, devo dizer, você é muito bonita, Ward. Linda. E magra. Pequena. Provavelmente um tamanho zero cobiçado. Ouviu isso, Maine? Olhe como ela é pequena.

— Não estou ouvindo.

— Ward, por que deixou que Jennifer cedesse a uma compulsão como aquela?

— Eu não a controlo, srta. Blackwell.

— E quem consegue? Ela é cabeça dura à décima potência. Não consigo mantê-la na linha, ela é um barril de pólvora. Fico surpresa por ela não se balançar em cipós.

— Como? — perguntei.

Blackwell me ignorou e olhou para Lisa de forma interrogativa. — Você é loira natural?

— Sim, sou.

— Abaixue a cabeça.

Lisa me olhou com um ar divertido e abaixou a cabeça.

— É mesmo. Tão raro. Tão escandinavo. Você é escandinava? Não? Só do Maine? Ok. Bem, não importa, devo admitir que admiro sua aparência chique.

— É da Macys.

— É de onde?

— Macys. Das prateleiras de liquidação. Acho que estava com noventa por cento de desconto, e mais cinco se você tivesse um cupom, que eu tinha.

— Cupom?

— Isso mesmo.

— Por que estou me sentindo subitamente tonta? Conseguem ver as bordas cinzentas se fechando sobre mim? Conseguem ver os demônios? Eles são ensurdecedores. — Ela sacudiu a cabeça com força. — Nunca mais mencione Macys, cupom ou liquidação na minha presença novamente. Entendido? Ótimo. Meu Deus! Preciso ensinar tudo a vocês? Parece que sim. Há algumas coisas que não se diz perto de mim ou de qualquer outra pessoa nessa cidade. Vocês deixarão todos lívidos. Agora preciso alguma coisa para o meu refluxo. Esse será um dia infernal, tenho certeza disso.

— Lamento, srta. Blackwell — disse eu.

— Já disse a você para me chamar de Barbara.

— Prefiro srta. Blackwell.

— Bem — disse ela. — É claro que prefere. Não a culpo. Afinal de contas, combina mais comigo.

* * *

Mais tarde, no carro, ela perguntou: — Onde querem morar?

— Perto da Wenn.

— Essa é a coisa mais sensata que você disse hoje. Então, Upper East Side?

— Seria perfeito.

— Onde?

— Na Quinta?

— Sério, Maine? Na Quinta?

— Isso mesmo.

— Bem, quem não quer morar na Quinta? Mas você está com sorte. Tenho o lugar certo. De morrer. E, com o seu novo salário, você poderá pagar. Soprará beijos para mim quando o vir.

— Veremos.

— Ah, não, Maine. Você soprará milhões de beijos. E me enviará flores. Talvez até mesmo me convide para jantar, mas eu recusarei no mesmo instante.

— Por quê?

— Porque você provavelmente me serviria algo parecido com McDonald's. Ou tentaria me enfiar pizza. Ou algum outro tipo de porcaria. Você sabe que não aprovo comer. Nunca.

— Ora, vamos.

— Ora, vamos você. As únicas coisas necessárias são café, água, gelo e uma vitamina diária. Espere e veja o que tenho para vocês duas. — Ela se inclinou em direção ao motorista. — Quinta Avenida, 800. RÁPIDO!

— Será que tem vista para o parque? — Lisa me perguntou.

Dei de ombros. — Tem, srta. Blackwell?

— Tem o quê?

— Vista para o parque.

Ela pareceu muito aristocrática ao erguer o queixo e olhar pela janela à direita. — Vista para o parque. Você acha mesmo que eu não lhes daria uma vista para o parque? Pensa tão mal assim de mim? Acha que não tenho visão? Bom senso? Um maldito coração? É claro que vocês terão vista para o parque. E muito mais do que isso. Espere e verá.

Quando chegamos na Quinta Avenida, 800, o motorista estacionou perto da calçada e um valete se aproximou imediatamente da porta de Blackwell para abri-la. Nós três saímos para a calçada movimentada. Antes que pudéssemos entrar no prédio, Blackwell nos virou de costas para que olhássemos para o outro lado da rua.

— Aí está o seu parque.

Ela nos virou novamente para que olhássemos para o prédio. — O apartamento é a cobertura. A da esquerda. Consegue vê-lo daqui? Provavelmente não, claro demais. Mas é no 34° andar. Maravilhoso.

— Cobertura? — perguntou Lisa.

— Sim, isso mesmo. Cobertura.

— Acho que estamos mesmo subindo na vida.

Eu sorri para ela e cantarolei. — Para um apartamento de luxo no cé-é-éu.

— Não sei o que isso significa — disse Blackwell.

— Nada — disse Lisa.

— Desculpe — eu disse. — Só um pouco de nostalgia.

— Um pouco de quê?

— Nada importante.

— Que seja. Vamos entrar e olhar o apartamento? Ele está no mercado há apenas dois dias. Vocês têm tanta sorte. Se gostarem dele, fecharemos negócio agora. Assim, agora mesmo. Sem demora. Esse apartamento sairá muito depressa. Até amanhã, no mais tardar.

Fomos conduzidas para dentro de um saguão enorme, lindamente mobiliado e com bastante luz natural. Um homem de aparência amigável estava atrás de uma mesa à direita.

— Srta. Blackwell — disse ele.

Blackwell andou até ele com passo determinado. — James, James, James. Querido James. Que bom ver você. Somos os primeiros?

— Receio que não.

— Já receberam alguma oferta?

— Eu não saberia dizer. Mas, pela atitude de um casal, que vi saindo com o corretor há algumas horas, tenho certeza de que há uma a caminho.

— Eles tinham aquela atitude, é?

— Tinham.

— Um passo leve e feliz?

— Definitivamente feliz.

— E aquela aparência horrorosa de "acredita que finalmente encontramos um maldito lugar"?

— Ela mesma.

— Merde.

Ele entregou uma chave a ela. — Talvez se vocês andarem depressa?

— É claro. Por favor, telefone para a administração. Suspenda tudo até que tenhamos visto o apartamento. Não devem aceitar oferta alguma. Ela virá de mim e do sr. Wenn.

— É claro, srta. Blackwell.

Ela olhou para nós. — Elevador. Estamos em uma missão. Agora.

* * *

Quando chegamos ao 34º andar, andamos para a direita dos elevadores e fomos até o final de um longo corredor, onde havia uma porta marcada 34F. Blackwell não perdeu tempo. Destrancou a porta, abriu-a e disse: — Vamos.

Entramos e o apartamento era simplesmente glorioso. Um lavabo à esquerda. Pisos maravilhosos. À esquerda, ficava a sala de estar, que tinha a vista mais impressionante possível do parque além das janelas. No outro lado do saguão, havia uma biblioteca ou sala de jantar, o que quiséssemos colocar lá. Provavelmente uma sala de jantar. Seguimos Blackwell, que apontava para isso e aquilo, mas Lisa e eu só conseguíamos nos entreolhar descrentes. O espaço era imenso. Dois quartos enormes com banheiros de mármore privativos. Uma cozinha imensa, com balcões de granito e aparelhos de última geração de aço inoxidável. Janelas por todo lado enchiam o lugar de luz.

— Eu quero ficar com ele — disse eu. — Lisa?

— É incrível.

— É claro que é — disse Blackwell. — Pelo menos, vocês duas têm o bom gosto para reconhecer um bom *design*.

— Quanto é o aluguel?

— Dez mil.

— Dez mil? — perguntou Lisa, soando chocada. — Ah.

— Vamos ficar com ele — disse eu. — Agora mesmo. Garanta que todas as outras ofertas tenham chegado tarde demais e que essa cobertura seja nossa.

A srta. Blackwell me olhou friamente. — Não quer ver mais nada?

— Por que eu veria mais alguma coisa depois de você nos mostrar a perfeição?

— Às vezes, eu realmente gosto de você, Maine.

— Às vezes, é mútuo, srta. Blackwell — disse eu. E, ao dizer isso, nós duas reprimimos um sorriso.

* * *

No elevador, enviei uma mensagem para Alex. — Encontramos um lugar. É fantástico. Cobertura na Quinta, 800. Conto mais depois. Saudades.

Um momento depois, ele respondeu. — Estou feliz por você e Lisa. Excelente local. Queria poder buscar você no trabalho hoje à noite. Falo com você mais tarde. Muita, muita saudade.

Sorri para o telefone e levantei o olhar para ver as duas mulheres me encarando. — O que foi? — perguntei.

— Isso é tão errado — disse Blackwell.

— O que é tão errado?

— Esse olhar feliz no seu rosto. Acabei de passar por um divórcio terrível e aí está você, sorrindo para um telefone com os olhos brilhando. Sinto vontade de vomitar.

— Devo dizer isso a Alex?

— Pode dizer isso a ele com todas as letras. Ele sabe pelo que passei. Sabe como sou. E ele me adora, apesar disso.

— Na verdade, eu também.

— Ora, Maine, pelo amor de Deus.

— Você acha que é durona, mas não passa de uma farsa.

— Sou um Godzilla humano e devorarei você, se for preciso.

— Meus zumbis também fazem isso — disse Lisa.

— Seus o quê?

— Os caras mortos-vivos sobre os quais eu escrevo.

— Está desenvolvendo um novo idioma? "Caras mortos-vivos". Onde estou? O que é isso?

O elevador começou a reduzir a velocidade.

— De qualquer forma, sou uma força, Maine. Você não faz ideia de com o que está lidando. —

Ela retirou alguns fios de cabelo preto do rosto e olhou para o mostrador do elevador que se aproximava do saguão. — Mas devo dizer que aprecio nossas excursões. Elas são... qual é a palavra que nunca uso? Divertidas? Não, forte demais. Agradáveis? Talvez. Acho que "agradáveis" eu posso tolerar.

— Que bom — disse eu. — Que tal assinarmos a papelada e almoçarmos? Precisamos enfiar um hambúrguer em você.

— Talvez uma salada mista — concordou ela. — Uma gota de vinagre. Acho que serve. Na verdade, tenho o lugar perfeito em mente. E será por minha conta, já que vocês duas não foram totalmente impossíveis hoje.

Ao passarmos por James no saguão, ela disse a ele: — Esse já era. Conheça as novas inquilinas, Jennifer Kent e Lisa Ward. Elas se mudarão imediatamente. Toda a papelada será assinada até o fim do dia. Obrigada, James. Meu querido James. Obrigada, obrigada. Amor, amor, amor. Vamos comer uma salada.

CAPÍTULO 7

Quando saí do trabalho naquela noite, foi estranho e um tanto solitário não encontrar Alex me esperando do lado de fora. Assim que pisei na calçada, vi a limusine dele parada e o motorista sair para abrir a porta traseira para mim. Alex dissera que enviaria o motorista para ter certeza de que eu chegaria em casa em segurança e, conforme prometera, lá estava a minha carona.

Mas eu queria ir para casa?

Um pensamento cruzou a minha mente. Considerei a ideia ao entrar na limusine e, quando o motorista sentou no banco da frente, pedi a ele que me levasse ao prédio da Wenn.

— Ao prédio da Wenn? — perguntou o homem.

— Por favor — disse eu. — Eu sei que Alex não estará lá, mas não tem problema.

— É claro.

Não tinha problema porque Alex me dera a chave do apartamento, que estava na minha bolsa e, provavelmente, o motorista sabia disso. Portanto, fomos para a Wenn. Quando chegamos lá, o motorista abriu a porta e pedi a ele que, quando fosse buscar Alex, não mencionasse que eu estava lá.

— Quero fazer uma surpresa — disse eu.

— Seu segredo está seguro comigo, srta. Kent.

Eu agradeci e entrei no prédio. Os guardas na recepção me cumprimentaram pelo nome. Fui até eles e pedi que não dissessem a Alex que eu estava lá quando ele chegasse.

— Eu agradeço — disse eu.

— Sem problemas, srta. Kent.

— É Jennifer — disse eu. — Por favor, podem me chamar de Jennifer.

— É claro, srta. Kent.

Eu sorri e passei por trás da mesa deles até o elevador privativo de Alex. Passei a chave na ranhura, as portas se abriram e eu entrei. Enquanto o elevador subia, enviei uma mensagem para Lisa avisando onde estava. Quando cheguei ao apartamento de Alex, apertei o botão para mandar o elevador de volta ao térreo antes de sair. Alex esperaria que o elevador o estivesse aguardando no saguão quando usasse a chave. Caso contrário, saberia que alguém o usara e suspeitaria de alguma coisa.

Liguei as luzes, entrei no apartamento e, enquanto caminhava pelo corredor, enviei uma mensagem a ele. — Estou em casa — escrevi. — Tem ideia de quando chegará em casa para podermos conversar? Quero ouvir a sua voz antes de dormir.

Quando ele respondeu, a mensagem dizia: — Acho que só mais uma hora. Não durma, ok? Também quero falar com você.

Então, eu tinha uma hora. Tempo mais que suficiente.

Fui para a cozinha, acendi as luzes e procurei duas taças de martíni. Eu as encontrei dentro de um dos armários. Coloquei-as no congelador, peguei uma garrafa gelada de Grey Goose e procurei algum tipo de jarro de vidro. Havia um elegante, com alça de prata, em outro armário. Dentro dele, havia um bastão fino de prata. O vermute estava na geladeira, bem como as

azeitonas de que precisaria mais tarde. Em algum lugar, eu sabia que encontraria os palitinhos de prata que ele usara para as azeitonas quando me servira um martíni na outra noite.

Quando terminei de preparar o jarro de martíni, coloquei-o no congelador, olhei em torno e encontrei guardanapos de coquetel e nozes na despensa, bem como uma tigela de prata em outro armário. Coloquei uma boa quantidade de nozes na tigela e levei-a com os guardanapos para a sala de estar, deixando-os sobre a mesa em frente ao sofá.

E é isso.

Sentei no sofá, fiquei observando a bela silhueta de Nova Iorque e pensei em coisas que não deveria enquanto esperava que Alex chegasse. Para minha surpresa, depois de apenas quarenta minutos, ele enviou uma mensagem. — Estou no carro agora a caminho de casa. Espero que não tenha dormido ainda. Quero muito ouvir a sua voz, Jennifer.

Eu sorri e respondi: — Estou acordada, esperando você. Quanto tempo?

— Cinco minutos.

— Falo com você em dez minutos.

Imediatamente, levantei-me do sofá. Servi os dois martínis nos copos gelados, encontrei os palitinhos de prata para as azeitonas em uma prateleira e levei os drinques para a mesinha da sala.

Sentei no sofá e tive um sobressalto. As luzes estavam acesas. Com um salto, eu as apaguei, encontrei o caminho de volta para o sofá, estendi as pernas ainda calçando os sapatos vermelhos de salto alto e ouvi o zumbido do elevador que começou a subir.

Meu coração começou a bater mais rápido à medida que ele se aproximava. Eu usava uma camiseta de seda branca curta com uma blusa de seda aberta no pescoço, da mesma cor dos sapatos. Nenhuma joia. Os cabelos estavam soltos, do jeito como ele gostava. Tentei de todas as formas ficar em uma posição em que parecesse um banquete para ele, mas não tinha ideia de como fazer isso. Portanto, fiz um esforço para parecer que saíra de um dos anúncios das revistas de moda de Lisa. Eu era só ângulos, um par de pernas longas, seios fartos e uma juba. Senti-me ridícula.

Eu sou tão idiota quando se trata desse tipo de coisa. O que estou fazendo? Pareço uma completa amadora. Isso não é sexy. Pareço um travesti.

Mas, pelo menos, eu tentei.

Tomei um gole rápido do martíni para acalmar os nervos, mas um gole claramente não era suficiente. Ainda assim, o drinque estava gelado e gostoso, e isso era o mais importante. Só um toque de vermut e o sal das azeitonas. Eu queria que ele tomasse um drinque decente ao chegar em casa. Algo que acalmasse os nervos.

Quando as portas do elevador se abriram e eu ouvi os passos dele entrando na cobertura, prendi a respiração e fiquei completamente imóvel quando as luzes do saguão foram acesas. Eu o ouvi suspirar. Não sabia onde ele fora naquela noite. Alex não dissera nada e eu esquecera de perguntar. Mas comentara que o evento seria mais longo do que os outros e eu só podia imaginar o quanto fora importante. Fiquei imaginando se ele conseguira manter os lobos à distância e fazer os negócios que queria. Assim que eu começasse a trabalhar como consultora para, aquilo não seria mais um problema.

Eu o ouvi andando em direção à sala de estar. Mordi o lábio e esperei que ele entrasse. Quando o fez, ele acendeu as luzes. E congelou quando me viu.

Por um momento, ficamos olhando um para o outro. Houve um momento de choque no rosto dele, que foi imediatamente substituído por um sorriso.

— O que está fazendo aqui?

— Queria ver você. Espero que não se importe.

— É claro que não me importo. Foi por isso que dei uma chave a você. Achei que não a veria hoje à noite. Não faz ideia de como estou feliz.

— Eu queria fazer uma surpresa, sr. Wenn.

— E conseguiu, srta. Kent. A melhor possível.

Ele não perdeu tempo e aproximou-se de mim. Eu me levantei e caí no abraço dele, que foi mais aconchegante do que o normal. A forma como me segurou foi diferente, quase como se estivesse aliviado. Ele manteve a cabeça em meu ombro por um momento a mais do que normalmente e respirou em meus cabelos. Senti o corpo dele relaxar contra o meu. Depois de um instante, eu me afastei e beijei-o.

— Não posso pensar em uma surpresa melhor — disse ele.

— Não posso pensar em uma forma melhor de terminar o dia.

Os olhos dele estavam inflamados pelo fato de eu estar lá. — Você está muito sexy — disse ele com voz baixa.

— É assim que você fala com todas as funcionárias novas?

— Só uma.

— Por falar nisso, devo devolver o elogio. Mas você sabe que, sempre que o vejo vestido assim, eu me derreto...

— Um dia, precisaremos fazer uma análise psicológica disso.

— Você já disse isso antes, mas para que perder tempo com isso? Basta continuar usando esses ternos e eu serei uma mulher feliz. Obviamente tenho algum tipo de fetiche. Não importa qual você use. A não ser, claro, daqui a um tempo, quando eu conhecer a roupa com a qual veio ao mundo. Quem sabe? Essa talvez seja a minha favorita.

— Jennifer...

Até mesmo eu corei com o comentário. *Devagar, garota*, pensei. — Preparei um martíni para você.

Ele olhou para a mesinha e viu os dois drinques, os guardanapos e as nozes.

— Você veio até aqui e fez tudo isso para mim?

— Não foi nada difícil. E não é nada demais. Encontrei o que precisava na cozinha. Espero que não se importe.

Havia ternura na voz dele quando disse: — Aquela cozinha é tão sua quanto minha. O que importa é a intenção. Eu sei que você esteve de pé a noite inteira e, ainda assim, veio aqui para fazer isso. Obrigado.

Eu toquei o rosto dele e beijei-o novamente. Só que, dessa vez, não havia como segurá-lo. Ele era forte, mais forte do que parecia, o que era bastante, pois estava em plena forma. Ele colocou os braços em volta de mim, apertou-me como se fôssemos um só e beijou-me nos lábios, no lado e na base do pescoço com uma ferocidade que correspondi. Senti meus mamilos se enrijecerem quando ele encostou em mim. Pelo jeito, eu não era a única que estava excitada. A sensação de tê-lo pressionado contra a minha coxa quase me enlouqueceu de desejo. Eu o queria muito, mas sabia que precisava esperar. Ele tinha razão. Isso tinha que crescer até que não conseguíssemos mais aguentar.

Mas isso não significava que não pudéssemos nos divertir até lá.

Naquela noite, mesmo que fosse por apenas uma hora, ficaríamos deitados no sofá, nos braços um do outro, tomaríamos o martíni, aproveitaríamos o tempo juntos, conversaríamos sobre o dia e

depois eu iria embora. Sabia que ele precisava acordar cedo e não queria que estivesse exausto. Mas eu não deixaria que as coisas fossem tão fáceis.

Sentei-me no sofá e estiquei a perna. — Importa-se de tirar o meu sapato, sr. Wenn?

O olhar dele se ergueu para encontrar-se com o meu e ele se abaixou, retirando o sapato com facilidade. Ele massageou o meu pé antes que eu estendesse o outro. — E esse?

— Com prazer, srta. Kent.

Ele tirou o outro sapato. E, inesperadamente, começou a beijar cada um dos dedos, colocou um deles na boca e passou a língua em torno dele enquanto o chupava gentilmente. A sensação foi inegavelmente erótica. Eu me recostei no sofá e deixei que ele fizesse o que queria comigo. Enquanto passava a boca no meu pé, a mão direita subiu para a minha coxa direita até desaparecer sob o tecido da saia. A mão dele foi mais fundo até que puxou a calcinha e deslizou o dedo sob ela. E, ao olhar para mim, percebi que ele notara como eu estava molhada. Ele recuou a mão, passando-a pela minha perna até chegar ao pé.

Eu estava quase sem fôlego quando disse: — Tire a camisa.

— E se eu não quiser?

— Então terá que esperar muito mais tempo do que planejou. Levante-se e tire a camisa.

— Quem está no controle agora? — perguntou ele ao se levantar.

— Nós dois. Somos iguais aqui.

— Alguém tem que estar no controle.

— Você continua nos anos cinquenta? Posso ser virgem, mas sei o que quero. Na verdade, como esperei esse tempo todo, provavelmente sei o que quero muito mais do que a maioria das mulheres.

— Bom argumento. — Ele fez uma pausa. — Talvez eu precise de ajuda com o casaco — disse ele.

— Eu prefiro assistir.

— Mas, se você ajudar, posso tirá-lo mais depressa.

— Não estou com pressa. E foi você quem enviou aquela foto. Não consigo tirá-la da cabeça.

O que fez comigo foi cruel. Tenho o direito de vê-lo sem camisa em carne e osso.

— E aquela foto que você mandou? Não foi cruel?

— Foi o troco.

Alex tinha um olhar divertido no rosto ao retirar o casaco. Ele o jogou sobre uma cadeira, retirou as abotoaduras, colocou-as sobre a mesa e perguntou: — Tem certeza de que é isso que quer?

— Quero ver você.

E, com isso, lentamente — lentamente demais para o meu gosto — ele puxou a gravata, jogou-a para o lado, desabotoou a camisa e retirou-a. Ele a deixou cair no chão e ficou parado com o peito à mostra na minha frente. Achei que ele parecia másculo, forte e lindo. Meu olhar passeou pelo peito largo, pelos mamilos rígidos e pelo abdômen. O que vi foi o suficiente para me deixar extasiada.

— Feliz? — perguntou ele.

— Quase.

— O que a deixaria mais feliz?

— Isso.

Antes que ele pudesse reagir, eu me levantei e coloquei as mãos sobre o peito dele. A pele era macia e ele era ligeiramente peludo. Eu senti o coração dele batendo contra as minhas mãos e inclinei a cabeça, colocando a boca sobre um dos mamilos dele, lambendo-o e mordendo-o até que

ele não aguentou mais. Estendendo a mão, ele me puxou para longe pelos cabelos com força suficiente para ser um pouco agressivo, o que me agradou, pois eu me sentia segura com ele.

— Você está bem animada — disse ele.

— Não veja coisas que não existem.

Ele soltou os meus cabelos. — Tire a blusa — disse ele.

— Não.

— É um pedido justo.

— Por que não bebe o seu martíni?

— Talvez, depois que você tirar a blusa.

Eu nunca exporia meus seios para ele — pelo menos, ainda não — mas, na verdade, se tirasse a blusa, não mostraria nada além do que se estivesse de biquíni. Parecia seguro o suficiente, sem falar que seria sexy. E eu estava bastante excitada naquele momento.

— O quanto quer que eu faça isso?

A voz dele era quase um rosnado quando disse: — Acho que você sabe o quanto.

— Isso não responde à minha pergunta, Alex.

— Quero tanto quanto quero você. Quero porque mereço ver você, da mesma forma como você acabou de me ver. Agora, por favor, tire a blusa.

Eu fiz com que ele se sentasse no sofá, entreguei o martíni e joguei os cabelos para trás ao me levantar. — Acha que consegue aguentar?

Ele emitiu um som baixo na garganta ao olhar para mim.

Eu acenei para o drinque. — Beba isso, garanhão. Vai precisar dele.

Todo o desajeitamento que eu sentira mais cedo quando tentara me posicionar no sofá desaparecera. Eu sabia que era da natureza dele estar no controle, mas ele estava me deixando assumir as rédeas, o que era desconcertante, pois nunca fizera nada parecido antes. Não sei o motivo, mas eu ainda queria o controle. Gostava dele. Gostava do efeito que tinha nele e em mim própria. De uma forma estranha, aquilo tudo parecia muito natural. Ele fizera desabrochar em mim um aspecto que eu não reconhecia, mas que queria explorar.

Desabotoei a parte de cima da blusa para revelar o sutiã de renda vermelha que usava por baixo. Ele manteve os olhos sobre mim o tempo todo, bebendo o drinque apenas uma vez, quando concluí a tarefa. Puxei a blusa para soltá-la da saia e fiquei parada em frente a ele com a barriga exposta. — Quer tirá-la, sr. Wenn? Ou vai só ficar sentado aí olhando?

— Eu poderia olhar para você o dia inteiro.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Se precisa de ajuda...

— Seria bom ter ajuda, sim.

Quando ele se levantou, vi a excitação dele nas calças. Parecia incrivelmente grande, o que me deixou úmida e apavorada, particularmente quando ele se aproximou por trás e pressionou-o contra o meu traseiro. Eu não vira aquela parte dele ainda, mas não era boba. Alex era obviamente bem dotado.

Como vou conseguir aguentar aquela coisa?

Ele colocou as mãos sobre a minha barriga e segurou-me por um momento, incendiando o meu corpo ao passar a barba lentamente pelo meu pescoço.

— Gosta disso? — perguntou ele.

Tentei manter a voz normal, mas foi difícil. — Achei que ia me ajudar a tirar a blusa.

Ele passou as mãos pelo meu corpo, parando para acariciar os seios, que pareciam

estranhamente pesados, e mordeu minha orelha bem de leve. Senti o hálito quente contra a pele quando ele disse como eu era linda. Eu queria me virar e beijá-lo, mas não o fiz. Queria que as coisas fossem assim. Queria me privar dele e, no fim das contas, também queria privá-lo de mim. Era assim que as coisas cresceriam, mesmo que fosse cada vez mais difícil negar o que eu sentia. A umidade entre as minhas pernas só se tornou mais pronunciada quando ele pressionou o membro entre as minhas nádegas, esfregando-o para cima e para baixo. Ele não estava com pressa de tirar a minha blusa e fiquei imaginando quem estava no controle naquele momento. Ele ou eu?

Eu.

Virei-me para ele e beijei-o no rosto. — Isso foi gostoso — disse eu. — Mas você perdeu a chance.

Ele tinha um olhar confuso quando comecei a abotoar a blusa.

— O que está fazendo?

— Estou me vestindo.

— Mas você disse que eu podia tirar a sua blusa.

— Você demorou demais.

Gentilmente, ele pegou as minhas mãos e eu vi, pelo fogo que tinha nos olhos, que aquilo ainda não tinha terminado. Não que eu quisesse. — Coloque as mãos para trás, Jennifer.

Eu as coloquei e ele desabotoou os dois botões que eu abotoara antes de me interromper. Quando ele retirou a minha blusa, jogou-a atrás de mim, sobre o sofá, e deu um passo atrás para me admirar. Ou, pelo menos, foi o que pareceu. Eu nunca vira tanta paixão no rosto dele.

— Não é nessa hora que devemos ir para o quarto? — perguntou ele.

— Não acho que isso deva acontecer. Ainda não. Cedo demais.

— Você não veio aqui só para tomar um martíni, Jennifer.

— É verdade. Eu vim aqui para ver você.

— Sem a blusa?

— Talvez a ideia tenha passado pela minha cabeça.

— Eu disse a você uma vez que há coisas que posso fazer praticamente sem tocá-la. Lembra disso?

Senti meu coração bater mais depressa. Quanto mais eu conseguiria aguentar e ainda não fazer amor com ele? — Lembro.

— Posso fazer isso agora, se quiser.

— Acho que devemos esperar.

— Posso fazer uma pergunta pessoal?

— Estamos praticamente nus, Alex. O que o impede?

Ele sorriu com a resposta e ficou sério novamente. Quase hesitante. — Você não precisa responder, mas estou curioso. Você já teve um orgasmo?

Eu não hesitei. — Não — respondi. — Nunca.

Ele franziu a testa. — Você nunca se masturbou?

— Também nunca fiz isso.

Isso o deixou perplexo. — Por quê?

— Porque, há muito tempo, disse a mim mesma que esperaria o homem certo. Uma série de motivos me impediu, mas a maior parte deles se resume à forma como o meu pai tratava a mim e à minha mãe. Eu queria mais do que aquilo. Eu sabia que merecia mais do que aquilo. — Dei de ombros. — Eu sei que tenho problemas para confiar por causa do meu pai. Portanto, esperei e continuarei a esperar até que eu saiba que posso confiar totalmente no homem certo, seja ele

quem for.

— Está resolvendo os problemas de confiança comigo?

— Alex, eu os resolvo com qualquer pessoa que passe a significar alguma coisa para mim.

Portanto, sim, estou, mas não é só você. É com qualquer pessoa que entre na minha vida. Entenda que não é pessoal. Mas vou dizer uma coisa. Minhas emoções estão à beira do precipício com você. Nunca confiei tanto em alguém como confio em você. Nem mesmo em Lisa, porque isso é íntimo de uma maneira que nunca acontecerá entre eu e ela. Esse é um nível totalmente novo para mim.

— Estou feliz por estar tentando.

— Eu preciso tentar. Em algum momento, precisarei arriscar e confiar. Acho que você é minha melhor chance.

O rosto dele estivera tenso durante a conversa. Mas a vida não segue um roteiro e, às vezes, as conversas não seguem pelo caminho desejado. Havia um silêncio entre nós naquele momento do qual eu queria me livrar. Inclinei a cabeça para o lado e disse: — Eu não sou perfeita.

— Para mim, você é.

Ele respirou fundo como que para acalmar os nervos. Um momento antes, estávamos jogados no asfalto quente das emoções selvagens, mas o problema da confiança surgira e jogara água fria em tudo. Eu não mentiria para ele, entrara nesse relacionamento com uma bagagem, da mesma forma que ele por causa da morte da esposa. Em alguns aspectos, eram seres humanos capazes e totalmente ajustados. Em outros, estávamos danificados por eventos passados.

— Posso fazer outra pergunta? — perguntou ele.

— Pode fazer uma dezena delas.

— Acha que sou o homem certo?

— Você fez coisas comigo que nenhum outro homem teve permissão para fazer.

— Você gostou delas?

— Você sabe que sim.

— Então nada mais acontecerá hoje à noite. Sua primeira vez será especial. Será tudo o que você sempre quis. Se for comigo, garantirei isso. Mas, se continuarmos fazendo o que estávamos há um momento, eu poderia ir longe demais e fazer com que tivesse um orgasmo. Você merece mais do que isso.

— Você soa terrivelmente seguro disso.

— Porque estou. Eu poderia sussurrar em seu ouvido e fazer com que gozasse agora mesmo. Sem tocar em você. Só a minha voz. E isso aconteceria, Jennifer. Você gozaria.

A ideia quase me fez ter vontade de fazê-lo.

— Aqui — disse ele, passando por mim e indo até o sofá onde estava a minha blusa. —

Coloque isso de volta antes que me deixe mais louco do que já estou. — Ele parou atrás de mim e segurou a blusa para que eu colocasse os braços nas mangas. Depois, deu um passo à frente e beijou-me na boca enquanto a abotoava. O beijo ficou mais profundo e, logo, ele estava pressionando o corpo contra o meu novamente. Fechei os olhos e senti-me estremecer antes que ele finalmente se afastasse.

— Desculpe — disse ele.

— Pelo quê?

Ele não respondeu. Em vez disso, terminou de abotoar a blusa.

— Posso fazer o mesmo para você? — perguntei.

— Você pode fazer o que quiser.

Peguei a camisa dele do chão, mas parei. — Acho melhor você não vesti-la novamente. Está dura por causa da goma e não será muito confortável.

Ele foi até o sofá e sentou. — Não preciso da camisa. — Ele bateu de leve na almofada ao lado e disse: — Venha, sente-se aqui comigo. Vamos conversar sobre o dia.

Fui até lá e sentei-me ao lado dele. Conversamos sobre a cobertura na Quinta e ele me contou sobre a festa em que estivera mais cedo. Depois de algum tempo, minha cabeça estava deitada sobre a barriga dele, minha mão logo acima da virilha e ficamos em silêncio. Ele acariciava o meu cabelo e eu passava a mão na pele sedosa dele. Era um silêncio confortável. O melhor tipo de silêncio. Era o tipo de silêncio que marcava o poder da nossa ligação e mostrava como as palavras podiam ser desnecessárias entre duas pessoas. Porque, mesmo naquele silêncio, estávamos conversando. Havia uma energia passando entre nós e a noite tomou uma forma diferente. Ouvi o ritmo uniforme do coração dele, puxei-o para mais perto, fechei os olhos e adormeci.

CAPÍTULO 8

Quando acordei na manhã seguinte, foi com um sobressalto e, por um momento, fiquei confusa.

Havia uma manta sobre mim e um travesseiro sob a minha cabeça. Não sabia ao certo onde estava, mas, quando eu me sentei, lembrei-me de tudo. Na noite anterior, enquanto repousava a cabeça no colo de Alex, devia ter pego no sono. Ainda assim, era estranho. Eu sempre tivera o sono leve, desde criança. Era uma medida de proteção contra o meu pai, que invadia meu quarto, bêbado, a qualquer hora da noite, gritando comigo, dando-me socos e ameaçando me matar por nenhum outro motivo além de me aterrorizar. Como Alex se levantara sem me acordar? Eu estava tão cansada assim?

Ou eu apenas me sentia confortável o suficiente com ele?

Olhei em torno para ver onde ele estava e vi um copo de suco de laranja sobre a mesinha à minha frente. Eu estava com a boca seca e bebi o suco, que estava gelado e fresco.

Da cozinha, Alex falou: — Alguém acordou.

— Acho que sim — disse eu.

— Venha tomar café da manhã — disse ele. — Ainda é muito cedo, não são nem seis horas.

Temos bastante tempo juntos antes que eu tenha que tomar um banho e vestir-me para o dia.

Peguei o copo de suco e fui para a cozinha, despreparada para ver Alex sem camisa e usando apenas uma bermuda azul-clara. A visão era desconcertante, mas, claro, eu não pediria a ele que fizesse alguma coisa a respeito. Ele estava lindo, sentado no bar com o *Times* à frente. Fui até ele, coloquei os braços em torno dos ombros largos, desci-os até a cintura e abracei-o antes de sentar ao lado dele. Beije o rosto e depois os lábios dele.

— Café? — perguntou ele.

— Seria ótimo.

Ele se levantou. — Agora mesmo.

— Há quanto tempo você está acordado? — perguntei, observando-o se afastar de mim. Ele tinha um sulco profundo nas costas, que eu achava muito sexy. E o traseiro... Perfeito.

E as pessoas ainda falam do meu traseiro. Deveriam ver o dele.

— Mais ou menos uma hora.

— Você sempre acorda cedo?

— Sim, mas tenho todo um ritual. Preciso de café, sossego, o jornal, silêncio. Depois de uma ou duas xícaras, estou pronto para o dia.

— Você é meu irmão gêmeo?

— Você também é assim?

— Você não faz ideia.

— Então ficarei em silêncio enquanto faço café.

Coloquei os cotovelos sobre o bar e apoiei o queixo nas mãos enquanto o observava usando uma prensa de café. Era outro truque que aprendera com a cozinheira da infância, Michelle? Poucas pessoas sabiam como usá-la da forma correta. Eu sabia e, ao observá-lo, parecia que ele também. Quando terminou, ele adicionou a quantidade exata de creme e açúcar de que eu

gostava. Devia ter me visto preparando o café dois dias antes, no dia em que fez a omelete.

Esse homem não deixa passar nada.

O café e o aroma delicioso foram suficientes para desanuviar a minha mente. No café da manhã, comemos fatias de abacaxi geladas, que estavam deliciosas, e ovos mexidos extremamente leves, servidos com *croissant* fresco, ainda morno, com manteiga. Nenhum dos dois disse nada até que a minha segunda xícara de café chegasse e os pratos fossem removidos com cuidado, sem fazer muito barulho. Ele era um perfeito cavalheiro.

— Satisfeita? — perguntou ele finalmente.

— Completamente — respondi. — Você cozinha muito bem.

— Devo tudo a Michelle.

— A que era o seu refúgio quando era criança?

Vi um olhar sombrio passar pelo rosto dele, mas ele o escondeu depressa. — Ela mesma. Acho que falei sobre isso com você.

O que significava que ele não passaria daquele ponto.

— Olhe — disse ele. — Você acabou de acordar. Por que incomodá-la com o meu passado agora?

Aquilo era misterioso. Blackwell me contara que ele não fora próximo da mãe, mas nunca mencionara o pai. Mas Alex sim. Quando nos conhecemos na entrevista, ele sugeriu que nunca quisera assumir a Wenn, mas fora obrigado, pois o pai colocara isso no testamento. E, uns dias antes, ele mencionara como Michelle também o mantivera afastado do pai. Portanto, a família não se dava bem. Qual seria o motivo? Naquele instante, percebi que tínhamos muito mais em comum do que eu deduzira antes. Eu respeitei os limites e deixei passar. Quando ele quisesse, conversaria comigo sobre o assunto, mas eu não o pressionaria. De todas as pessoas, eu sabia como era não querer discutir a vida particular ou o passado.

Mudei de assunto. — Lamento por ter pego no sono sobre você. Literalmente em cima de você.

— Eu não. Por causa disso, tenho você aqui comigo hoje de manhã.

— Devo dizer que sua barriga, apesar de ser sólida, foi um belo travesseiro na noite passada.

— Não diga.

— Digo sim.

Pude ver que aquilo o deixou feliz, pois ele piscou para mim.

— O que tem para fazer hoje?

— O mesmo de sempre. Reuniões o dia inteiro e um evento à noite. Mas, dessa vez, vou poder buscá-la no restaurante.

— Seria ótimo. Sei que isso soa bobo, mas o motivo pelo qual eu vim aqui ontem à noite foi porque eu me senti sozinha quando não o vi do lado de fora do restaurante me esperando. Vim aqui por impulso. Queria vê-lo. Só não pensei que passaria a noite com você.

Quando eu disse aquilo, lembrei-me de Lisa. — Lisa — disse eu.

— Já falei com ela. Sabe que você está aqui e que está em segurança. Apesar de eu querer carregá-la para um dos quartos de hóspedes, ela sugeriu que eu a deixasse no sofá para que pudesse dormir. Telefonei para ela na hora em que eu fui dormir. Sabia que você ficaria preocupada por não ter falado com ela.

— Obrigada, fico aliviada. Ela disse alguma coisa?

— Só que está empolgada com o novo apartamento e ansiosa para me conhecer. Eu disse que, em breve, nós três jantaremos aqui. Ela gostou muito da ideia.

— Lisa é minúscula. Mas, em se tratando de uma boa comida, nada consegue detê-la. Um jantar

a três seria fantástico. Eu a adoro.

— Ela foi muito simpática no telefone.

— Ela é maravilhosa. Sou tão grata por tê-la. Passamos alguns meses difíceis juntas.

— As coisas estão melhores agora.

— Sim, estão. Por sua causa.

— Não, não é por minha causa. Você mereceu o emprego no db, Jennifer. Eles tiveram sorte em contratá-la. Quando você sair e começar seu segundo emprego na Wenn, verá que também o mereceu. Seus horários serão irregulares. Estará comigo noite e dia.

— E isso é uma coisa ruim?

— Teremos nossos momentos. Discutiremos, as coisas esquentarão, ficaremos furiosos um com o outro em algum momento do caminho, mas isso é bom. Na verdade, isso é necessário. Se estivermos considerando um negócio, será preciso considerar cada ângulo possível e argumentar um com o outro para garantir que seja o negócio certo a propor para o conselho diretor. Mas, por favor, nunca ache que lhe dei algo porque foi você quem propôs. Não é assim que eu trabalho. Não é assim que se faz negócio. Você já provou a si mesma com Stavros. Por sua causa, a Wenn ganhará uma fortuna com aquele negócio. Mas deixe-me avisá-la. Em se tratando do conselho diretor, eles esperarão que você apresente coisas novas sempre, que tire outro negócio como o da Stavros Shipping da cartola. É por isso que nós trabalharemos juntos. Antes que eu apresente qualquer coisa a eles, eu e você teremos discutido todos os prós e contras de qualquer possível negócio. Cuidaremos um do outro. Iremos a eventos à noite, nós nos misturaremos, escutaremos o que as pessoas dizem e como a Wenn poderá fazer parte da conversa. Só com isso, fecharemos negócios. E, depois, viremos para cá, tomaremos um drinque e ficaremos juntos por algumas horas.

— Eu fico preocupada com Lisa.

— Por quê?

— Ficarei bastante tempo com você. Ela ficará bastante tempo sozinha. Sempre estivemos juntas. Eu queria poder achar alguém para ela.

— Ela está procurando?

— Ela diz que não, mas eu sei que está. É claro que ela adoraria estar em um relacionamento amoroso. Não faz muito tempo que o ex terminou com ela, que passou a se dedicar totalmente aos livros. É uma fuga. Não acho que ela escreva sobre mortos-vivos por acaso. Acho que ela vê os dois ex-namorados naquele grupo. Mas seria ótimo se ela conhecesse alguém que esteja à altura dela. Lisa é extremamente inteligente, gentil e muito, muito bonita. Mas é difícil encontrar um homem bom, não importa onde você mora. A maioria deles só quer um encontro casual e nem Lisa nem eu queremos isso. Somos a antítese da maioria das jovens em Manhattan. Nada de bares, nada de namoricos. Nada disso. Viemos do Maine com a intenção de subir na vida e levamos isso a sério. Ainda assim, eu adoraria vê-la com um cara gentil pronto para se aquietar.

— Eu tenho alguns amigos que estão prontos para isso.

— E eles são o máximo, como você? Tão adoráveis, atenciosos, sensuais e interessantes quanto você?

— Você está pedindo demais, senhorita.

Eu ri.

— Mas são todos caras legais — disse ele. — Com relação ao fator sexy, não posso dar opinião. Não olho para eles desse jeito, eles são meus amigos. Mas já vi mulheres enlouquecidas por eles. E não porque são ricos, pois ninguém sabe disso a respeito deles. Portanto, em se tratando de atração sexual, eles obviamente estão no páreo. Eu diria que um dos meus melhores

amigos, Michael, parece ser um solteirão cobiçado. Mas, nessas alturas da vida, ele quer o mesmo que eu. Uma pessoa do mesmo nível. Uma boa parceira. Uma melhor amiga. Não uma transa rápida. Ele tem idade suficiente para querer se acomodar. Há anos, eu espero que isso aconteça comigo, e acho que aconteceu. Então, talvez possamos convidar Michael para jantar conosco e com Lisa?

— Vou falar com Lisa sobre isso.

— Você é um amor.

Eu não sabia o que ele quisera dizer com aquilo. — Para ela?

— Sim, para ela. E para mim. Eu sei que, para você, sou apenas um ficante. Mas, para mim, é diferente. Penso em você como a minha namorada. Quero você como minha namorada. Tenho a esperança de um dia poder dizer a todo mundo que você é a minha namorada. Quando você me disser que posso fazer isso, será um dos dias mais felizes da minha vida.

E como eu deveria responder àquilo?

CAPÍTULO 9

As duas últimas semanas no *db* passaram mais depressa do que eu esperara. O restaurante era movimentado, o que fez os dias passarem rapidamente. Passei o tempo livre, durante as manhãs e as tardes, com o nariz enfiado no *Journal* e no *Times* para estar preparada para o que enfrentaria na Wenn. Eu já tinha algumas ideias.

Passei o tempo que pude com Alex, o que geralmente significava ir ao apartamento dele depois do trabalho, quando conversávamos sobre o que fizemos durante o dia com uma taça de vinho ou um martíni.

A tensão sexual crescia entre nós, o que deixava algumas noites bem interessantes, apesar de eu não ter passado a noite com ele novamente. Quando fizesse isso de novo, seria por um motivo muito bom.

No último dia de trabalho, depois que o restaurante fechou e meu último turno acabou, o pessoal surgiu com um bolo para a minha despedida. Stephen o carregou, liderando o grupo.

O bolo, com uma decoração em chocolate adorável, tinha uma única vela e todos, incluindo os *chefs*, estavam lá para se despedir.

Apesar de eu saber que só ficara lá por um curto tempo, não pude evitar as lágrimas ao olhar para o bolo e o carinho por trás dele. Naquele pouco tempo, nós tínhamos virado uma equipe. Eu não sabia que ficaria tão emocionada com a sensação de fim daquele período, mas fiquei. Eu estava grata por ter tido um emprego tão maravilhoso, mesmo tendo durado pouco. Aquele lugar me tirara de um aperto financeiro e permitira que eu ficasse em Nova Iorque. Eu me sentia em dívida com ele.

Stephen colocou o bolo sobre uma mesa.

— Por favor, não me faça chorar — disse eu.

— Não posso prometer isso, ainda mais que você já está praticamente chorando. Mas espero que prometa uma coisa a todos nós.

— O quê?

— Que você virá nos visitar.

— Você acha que eu não viria? — respondi, abraçando-o. — Voltarei mais cedo do que imagina. Quem sabe eu até trabalhe um pouco quando vier!

* * *

Quando saí do restaurante, Alex me esperava do lado de fora. Estava recostado na limusine e, no rosto, tinha um ar de preocupação. Eu o beijei rapidamente nos lábios antes de entrar no carro e ele me seguiu.

— Você está chateada — disse ele.

— Vou ficar bem. Só estou um pouco triste, acho. Eles foram maravilhosos. Trouxeram um bolo.

— Sequei as lágrimas e respirei fundo. — Sou uma boba — disse eu. — Desculpe.

— Por que acha que precisa pedir desculpas? Tenho certeza de que foi difícil. — Ele pegou a minha mão e segurou-a no colo. — Amanhã será um novo dia. Amanhã, você será funcionária da Wenn. Nesse momento, a maioria das suas coisas já estão no apartamento novo. Falei com Lisa, que supervisionou boa parte da mudança, e ela disse que falta pouca coisa, que serão levadas para lá amanhã pela manhã. E, então, vocês duas estarão em seu novo palácio à tarde.

— Obrigada.

— O prazer é meu. — Ele ficou em silêncio por um momento e, em seguida, disse: — Sabe de uma coisa?

Eu me virei para ele com os olhos ainda brilhando de emoção. — O quê?

— Faz mais de quatro anos que não tiro férias.

A esposa dele morreria quatro anos antes. Blackwell me dissera que, desde então, só o que ele fazia era trabalhar. Tentei imaginar onde ele queria chegar com aquilo, mas não disse nada e deixei-o falar.

— Não visito a propriedade da família no Maine desde que era adolescente. Quero tirar uma semana de folga com você e ir até lá. Eu mereço isso. Você merece isso. O conselho diretor aprovou a ideia. Pedi à minha equipe que preparasse o lugar para nós. Passaram a semana passada arejando a casa. Quando eles forem embora, e se você concordar em ir comigo, será só nós dois. Nada de negócios. Nada de cidade. Só nós. Faz tanto tempo que estive lá que nem me lembro direito de como ela é. Mas preciso me lembrar. Preciso viver um pouco novamente. Se estiver disposta, eu gostaria de passar uma semana lá com você. Quero ver as barracas de lagostas, quero fazer compras e, mais do que tudo, quero estar com você sem interrupções. O conselho diretor foi avisado disso. Nenhuma comunicação, a não ser que seja uma emergência absoluta. Depois, voltaremos para Manhattan e começaremos a trabalhar. O que acha da ideia? Quer ir comigo?

Então, lá estava, o próximo nível. Se eu fosse com ele, não havia dúvida alguma do que aconteceria entre nós. Mas estava na hora. Não havia como saber quando aconteceria depois que chegássemos lá, mas aconteceria. Ele me possuiria. Estava na hora de depositar minha confiança total nele. E eu estava ansiosa para fazer isso.

— Eu sei o que está pensando — disse ele. — Não precisa ser assim.

Sim, precisa. — Quando é o voo?

— Amanhã às nove. Usaremos um dos jatinhos da empresa diretamente até Bar Harbor. Contando com a parte que percorreremos de carro, estaremos lá em menos de duas horas.

— Amanhã de manhã? Mas preciso de tempo para fazer as malas.

— Lisa me ajudou com isso. Ela me deu todas as suas medidas. Blackwell também ajudou. Já pedi que enviassem um guarda-roupa completo para você. Todos os seus utensílios de toalete preferidos estão esperando. Tudo de que você precisa. E, se achar que precisa de mais alguma coisa, iremos até Ellsworth e compraremos.

— Há quanto tempo Lisa sabe disso?

— Uma semana.

— Ela não disse uma palavra sobre o assunto.

— Sua amiga sabe manter segredo.

— Parece que sim.

— Ela é maravilhosa. Dá para entender por que são tão próximas. Então, você irá comigo?

— É claro que sim. — Eu lhe dei um abraço apertado, mas, dessa vez, foi diferente. Dessa vez,

eu realmente o senti e parecia que estava no lugar certo. Eu me senti ligada a ele de uma forma que nunca sentira antes. Era um território estranho para mim, mas não era hostil. Eu me sentia segura. Queria dizer a ele que iria porque eu era a namorada dele, não uma ficante. Mas, por algum motivo que não consegui definir, as palavras não saíram. Em vez disso, falei apenas: — Estou tão feliz por ter você, Alex.

— Você não tem ideia do que isso significa para mim — respondeu ele.

CAPÍTULO 10

Perto do meio-dia no dia seguinte, chegamos à casa dele no Point. Ela ficava em um local deslumbrante, ao longo da praia e com vista para as montanhas, com Bar Harbor à distância. Era completamente privada, rodeada de pinheiros altos e árvores que começavam a mudar de cor por causa do outono.

O ar era tão puro que eu o respirei com sofreguidão ao sair do carro. Era uma das coisas de que eu sentia falta do Maine. Era possível respirar o ar. Depois de passar um verão incrivelmente sufocante na cidade, o ar salgado do oceano era maravilhoso, assim como a brisa fresca e o som das ondas batendo na praia.

— Deixe-me mostrar a casa — disse ele.

A casa era grande, mas não excessivamente. Parecia ter sido pintada recentemente e, na verdade, eu tinha a impressão de que fora. Em volta dela, havia canteiros de flores que pareciam ter sido plantados havia pouco tempo. As janelas brilhavam como se tivessem acabado de ser lavadas. Ele dissera que enviara algumas pessoas para arejar o lugar, mas estava claro que a casa fora esfregada e renovada para a visita.

— É uma sensação estranha — disse ele ao colocar a chave na fechadura e abrir a porta. — Honestamente, não consigo me lembrar de quando estive aqui pela última vez. Foi há pelo menos quinze anos, se não mais.

Eu entrei depois dele e senti um leve cheiro de tinta nova. O piso de madeira fora polido e encerado, e refletia o sol que entrava pelas janelas. Fomos até a cozinha, que tinha aparelhos de aço inoxidável totalmente novos, provavelmente porque, se ninguém estivera lá nos últimos quinze anos, os antigos precisaram ser substituídos. Ao andarmos de um aposento a outro, notei os detalhes brancos das paredes, que eram pintadas de um cinza azulado sutil, e as vistas magníficas.

Fizemos o *tour* completo e, à medida que as lembranças surgiam, ele fazia comentários breves. — Aqui era a biblioteca do meu pai — disse ele, colocando a cabeça brevemente dentro do aposento antes de se afastar. — E ali era onde minha mãe sentava para ler.

— Eles não liam juntos?

— Eles não faziam muita coisa juntos.

Decidi não me aprofundar no assunto e continuei a acompanhá-lo. Olhamos os quartos de hóspedes, uma bela sala de estar com vista completa para o oceano, os banheiros e, finalmente, o quarto principal, que ficava no segundo andar, logo acima da sala de estar, e que tinha a mesma vista panorâmica incrível. Nele, as paredes eram pintadas de um tom de verde suave e a cama imensa era obviamente nova, como as demais camas na casa. Eu o vi cruzar o quarto até uma porta fechada, que ele abriu. Dentro dela, estava o guarda-roupa que prometera. — Esse é o seu quarto — disse ele. — Espero que goste das roupas.

— Esse era o quarto dos seus pais?

Ele balançou a cabeça. — Minha mãe usava esse quarto. Meu pai usava um dos quartos de hóspede e eu usava outro.

— Eles não dormiam juntos?

— Eles não aguentavam um ao outro, Jennifer. O casamento deles era uma farsa. Era hostil.

Mas não vamos falar sobre isso agora. Mais tarde. Primeiro, vamos dar uma volta na praia.

Obviamente, ele estava abrindo-se aos poucos para mim. Era justo. Eu sabia como era ser pressionada sobre assuntos desagradáveis em relação à família e não disse nada, decidindo apenas ouvir. O que ele não me contara no passado seria colocado para fora com o tempo, provavelmente durante a semana seguinte, e eu queria que ele se sentisse confortável se e quando isso acontecesse.

— Onde você vai dormir? — perguntei.

— Logo depois da esquina. No quarto onde passamos antes de vir aqui. Está tudo bem para você? Posso mudar para um dos outros quartos no fim do corredor, se preferir.

— Não — disse eu. — Eu acho que você deveria ficar com esse quarto.

Ele sorriu para mim. — Nem pensar. Quando acordar pela manhã, a primeira coisa que quero que veja é aquilo. — Ele apontou para a janela e para o oceano além dela. Era adorável, mas eu achava que ele também deveria vê-lo quando acordasse.

E, de verdade, Alex, a primeira coisa que eu gostaria de ver quando acordar é você. Então, veremos como será...

A praia era uma mistura de pedras e o que parecia areia. O Maine tinha pouquíssimas praias de areia e o restante do litoral era totalmente selvagem e bruto, não muito diferente da maioria dos nativos que moravam nele.

A maré estava baixa, deixando montinhos de algas quando as ondas recuavam, e o sol brilhava. Alex pegou a minha mão e começamos a andar ao longo da beira da água, com os ombros quase encostados. Retirei a minha mão e coloquei-a em volta da cintura dele para deixá-lo mais perto. Ele usava *jeans*, uma camiseta branca e chinelos. Eu usava uma bermuda amarela, uma blusa branca curta e também chinelos. O vento estava forte o suficiente para fazer com que os meus cabelos esvoaçassem furiosamente e, apesar de saber que eles estariam uma bagunça quando voltássemos para casa, não me importei. Eu me sentia no céu.

— Olhe — disse eu. — Logo ali na frente, naquela pedra grande. Uma estrela-do-mar.

— Lembro delas de quando eu era criança.

Nós nos aproximamos e ajoelhamo-nos ao lado dela. Era pequena e alaranjada, com marcas azuis na parte de cima. Passei a mão nela cuidadosamente, admirei-a por um momento e deixei-a em paz. No poço de água que envolvia a pedra, notei também um pequeno caranguejo que dançou para longe quando tentei tocar nele, erguendo as garras de forma desafiadora, apesar de a minha mão ser muito maior que ele. Eu não queria assustá-lo, não que ele parecesse se assustar com alguma coisa, e também deixei-o em paz.

— Esse lugar é mágico — disse ele. — Especialmente agora. Quando era garoto, eu morria de medo quando me diziam que viríamos para o Maine.

— Por quê?

— Porque nunca foi um lugar alegre. Depois de um certo ponto no relacionamento deles, meus pais não deveriam ter ficado juntos. Aqui, tinham que lidar com o que sentiam um pelo outro, pois não havia para onde ir. Não havia onde se esconder, como havia em Manhattan, onde cada um podia fazer o que e quando quisesse. Portanto, eles brigavam constantemente aqui. Eu lembro de desejar, quando garoto, que eles se divorciassem. Mas, ao ficar mais velho, ficou claro que a minha mãe nunca concederia o divórcio que ele queria. Ela desejava tudo o que vinha com o nome Wenn. É claro, ela teria mantido o nome, com ou sem divórcio, mas sabia que meu pai a teria destruído

socialmente e que só o que sobraría seria uma parte do dinheiro dele. Portanto, eles ficaram juntos por todos os motivos errados. É por isso que estar em um relacionamento saudável é importante para mim. Não quero nunca o que eles tiveram. Tive a chance uma vez com Diana, mas ela foi tirada de mim. — Ele olhou para mim enquanto andávamos. — Não achei que teria essa chance de novo. Agora, quatro anos depois, aqui está você. Estou tão feliz por você ter entrado na minha vida.

— Você nunca me contou nada disso. Eu sei que foi difícil. Ainda é difícil para mim falar sobre os meus pais. Pode ser doloroso lembrar de algo que prefiro não reviver, mas acho que é importante que você saiba de onde vim. Ajudará a entender por que sou quem sou. Obrigada por confiar em mim.

— Você está muito à minha frente em termos de lidar com o passado com os seus pais. Pelo menos, consegue falar sobre isso. Para mim, é quase impossível. Mas você está aqui agora e está na hora de saber mais sobre mim e de onde vim. Depois, pode decidir por conta própria se ainda quer ficar comigo. Uma vez, você me disse que não era perfeita. Eu estou muito longe de ser perfeito, Jennifer. Tenho meus próprios demônios com quem lutar.

— Que demônios?

— São muitos para contar.

Eu o parei. — Não importa o que os seus pais fizeram um ao outro, Alex, isso não se reflete em você. O mesmo vale para o meu pai. E para a total falta de intervenção da minha mãe. O que eles fizeram comigo é culpa deles, não minha. As imbecilidades do meu pai bêbado me afetaram? Claro que sim. Ainda me afetam. Sinta-se à vontade para compartilhar o que quiser comigo, mas não precisa compartilhar o que não tiver vontade. Eu confio em você o suficiente para saber que podemos conversar sem que me julgue. Espero que sinta o mesmo a meu respeito.

— Eu sinto, sim — disse ele. — Esse é um dos motivos pelos quais estamos aqui.

CAPÍTULO 11

No jantar, o cardápio tinha rolinhos de lagosta e batatas fritas. Fomos para a cidade e comprei dois rolinhos para cada em um restaurante antes que Alex tivesse tempo de pegar a carteira. Em seguida, nós os levamos para a casa.

Quando Alex abriu a geladeira, notei que alguém o enchera até em cima. Ele procurou por alguns momentos e pegou uma garrafa de champanhe. Eu a reconheci imediatamente depois de trabalhar no db Bistro. O rótulo laranja o denunciou. *Veuve Clicquot*. Stephen me deu uma prova dele uma vez. Disse a ele que só conhecia o champanhe mais barato.

— É só o que posso pagar — dissera eu.

— Você trabalhará muito melhor depois de experimentar isso — respondera Stephen.

Como sempre, Stephen estava certo. O champanhe era leve e inebriante.

— Agora estamos falando sério — eu disse a Alex.

— Sim, agora estamos.

Ele abriu a garrafa, pegou duas taças de champanhe antigas de um dos armários e serviu a bebida. Do fundo do pé oco da taça, as bolhas subiam até o topo e estouravam.

— Ao Maine — disse ele, erguendo o copo.

— Ao Maine — concordei. — E à lagosta. Olhe como esses rolinhos são enormes. Estou com água na boca. Se Blackwell soubesse o que vou comer, ela me daria um chute no traseiro.

— Ela gostaria de ter o seu traseiro.

— Só ela?

— Acho que você sabe que não.

Nós tocamos os copos, bebemos e começamos a comer.

— É tão doce — disse eu.

— E não tem maionese demais.

— É assim que devem ser feitos. Só um pouquinho de maionese. As pessoas normalmente os estragam enchendo-os de maionese.

— Somente alguns poucos lugares em Nova Iorque sabem fazê-los da forma certa.

— Eles realmente fazem certo?

— Alguns lugares sim. E eles servem lagosta do Maine. A lagosta de verdade.

— Então nós temos que ir lá.

Ele sorriu e entregou-me um guardanapo.

— Estou um caos, não estou?

— Tem um pouco de maionese no seu queixo, mas eu não diria que está totalmente arruinada.

Eu me limpei. — Eu pediria perdão, mas estaria mentindo. Estou adorando isso. Que coisa gostosa.

— Lembra-se da primeira vez em que comeu lagosta?

— Não, não lembro. Eu tive sorte, cresci comendo lagosta. Meu tio Vaughn pescava lagostas e comíamos sempre que tínhamos vontade. Minha infância foi cheia de lagosta. Uma ironia. Éramos absolutamente pobres, mas, por causa do tio Vaughn, comíamos como reis. Algumas vezes, quando

meu tio sabia que eu precisava ficar longe do monstro que era o irmão dele, levava-me nas pescarias. Você devia ver a quantidade enorme de gaivotas que o barco atraía. Era uma loucura.

— E provavelmente nada seguro.

— Você tem razão. Mas não era tão ruim assim. A maioria ficava afastada. Mas havia centenas delas. Eu tenho saudade daquela época. Você teria gostado do meu tio. Meu desejo era que ele fosse o meu pai.

* * *

Mais tarde, depois de limparmos a cozinha, levamos o restante do champanhe para a sala de estar. Alex o colocou em um balde cheio de gelo e assistimos ao pôr do sol sobre a montanha Cadillac.

— Adoro a silhueta de Manhattan, mas nada se compara a isso — disse Alex.

— É muito pacífico. Olhe os carros subindo a montanha. Consegue ver os faróis?

— Sim, consigo.

Ele encheu novamente as taças de champanhe, colocou a garrafa de volta no balde e ergueu o braço para que eu pudesse me aproximar e repousar a cabeça no peito dele.

Ficamos lá por várias horas e, muito antes que o sol finalmente desaparecesse da vista, eu sabia o que aconteceria em breve. E eu não queria aquilo. O que aconteceria era que iríamos dormir — em quartos separados. Algo que eu não queria.

Aquele dia fora uma mistura de diversão e verdades, mas nada especialmente erótico, apesar de estar deitada perto dele naquele momento fosse algo muito bom. Ainda assim, nada acontecera entre nós que sugeria que talvez acabássemos juntos na cama. Eu não buscava sexo, mas não diria não naquele instante porque estava mais do que pronta para estar com ele. Eu buscava intimidade. Não tínhamos ido para lá para dormirmos separados. Pelo menos, eu não. Eu fora para estar com ele de todas as formas possíveis, o que incluía dormir com ele. Sabia que, quando voltássemos para Nova Iorque, o tipo de paraíso que estávamos vivendo chegaria a um fim abrupto. Enquanto pudesse, queria aproveitar ao máximo nosso tempo juntos.

— O que planejou para amanhã? — perguntei.

— Mais disso. Talvez no dia seguinte possamos ir à cidade, fazer compras e jantar em algum lugar. Talvez em um restaurante agradável. Talvez não. Para mim, um restaurante pequeno serviria.

— Para mim também. Parece perfeito.

— Deveríamos dormir um pouco — disse ele.

Relutantemente, ergui o corpo para longe dele, levantei e espreguicei-me. Eu senti os olhos dele em mim e percebi que ele também não queria se afastar. Pensei no que diria a ele e senti-me ridícula. *Vejo você amanhã de manhã, Alex?* Por favor. Eu decidi que não. — Quer dormir comigo essa noite?

— Dividir a cama com você?

— Sim.

— Tem certeza disso?

— Eu não teria perguntado se não tivesse. Não quero ficar longe de você hoje. Na verdade, não quero ficar longe de você enquanto estivermos aqui. Eu me sentiria só naquela cama imensa e, de qualquer forma, ficaria pensando em você no outro quarto.

— Eu também.

— Então vamos nos livrar dessa frustração. Está pronto para ir para a cama?

* * *

No quarto, a atmosfera ficou repleta de ansiedade.

— Em que lado da cama você gosta de dormir? — perguntou ele.

— No direito.

Ele sorriu. — É todo seu. Eu prefiro o esquerdo.

Fomos cada um para o seu lado da cama e Alex pigarreou. — Realmente não sei como dizer isso — comentou ele.

— Dizer o quê?

— Isso é constrangedor.

— Nada deveria ser constrangedor entre nós a essas alturas.

— Eu geralmente durmo nu.

Senti um calor ao pensar naquilo, mas me esforcei para refreá-lo. A ideia de vê-lo nu me deixou excitada. — E quem o está impedindo?

— Tem certeza disso?

— Quero que se sinta confortável e durma bem. — Eu mesma percebi minha voz hesitando.

Putá merda, vou ver Alex nu.

— Você não parece muito segura disso.

Não sei o que deu em mim, provavelmente anos de repressão alimentados pela urgência de ir em frente, mas, por algum motivo, puxei a blusa sobre a cabeça. Joguei-a sobre uma cadeira próxima, desabotoei o sutiã, joguei-o em cima da blusa e, depois, tirei o restante das roupas, ficando só de calcinha. Como era a primeira vez, havia um certo limite, mas chegar àquele ponto me deu uma sensação de libertação. Parei em frente a ele e vi-o olhando para meus seios fartos com lascívia e desejo estampados no rosto. O olhar dele desceu por todo o meu corpo, que ele nunca vira tão exposto, e, em seguida, voltou aos seios antes de encontrar os meus olhos.

— Você é linda — disse ele em voz baixa.

Sorri com uma sensação de trepidação e ansiedade enquanto esperava que ele fizesse o mesmo. Não demorou muito para que ele entendesse, mas fiquei imaginando até onde iria. Ficaria de cuecas ou tiraria tudo?

Ele puxou a camisa sobre a cabeça e largou-a no chão. Logo depois, tirou a calça *jeans*, que também ficou jogada no chão. Ele hesitou por um momento e fez-se um longo silêncio entre nós. Mas ele foi adiante e tirou a cueca, jogando-a de lado, e ficando parado diante de mim, nu.

Assim como ele estudara meus seios, absorvi cada centímetro dele e, finalmente, vi o que eu sabia que seria um desafio. Ele era realmente grande. E grosso. Parecia perfeitamente proporcional, como todo o restante do corpo.

E, assim que olhei para ele, começou a intumescer.

Antes que eu pudesse olhar melhor, deitei na cama e ele me seguiu. Os lençóis estavam frios e macios. O colchão era firme e confortável. Pedi a Alex que se deitasse de lado e pressionei meu corpo quase nu contra as costas dele para que ele não ficasse contra o meu. Se ele fizesse isso, eu sabia que não aguentaria. Passei o braço pela cintura dele e gentilmente acariciei-lhe o abdômen,

enquanto beijava o ombro dele. Não demorou muito para que a cabeça do pênis dele encostasse na minha mão. Naquele momento, quase senti a energia pulsando entre nós porque, obviamente, ele sabia o que estava acontecendo. Quando não aguentei mais, apertei seu membro com a mão e, ao fazer isso, senti o corpo inteiro transformando-se em uma bola de calor. Eu senti o tamanho dele na mão, com a grossura de um punho, latejando. O fato de que pretendia ir adiante era extremamente excitante, um território inexplorado. Eu o acariciei gentilmente e senti minhas partes íntimas ficando molhadas quase imediatamente.

— Jennifer — disse ele.

— Sim, Alex?

— Se continuar fazendo isso...

— Não pretendo parar agora.

— Ok, então está bem.

Com uma agilidade que me surpreendeu, ele se virou na cama, arrancando os lençóis que nos cobriam, e ficou sobre mim, prendendo-me firmemente contra o colchão com as mãos.

O pênis dele repousava pesadamente sobre a minha barriga. Arquejei com a mudança súbita de posição. Mas, à luz do luar, vi o olhar ansioso e senti a urgência no toque dele ao remover a minha calcinha em um movimento rápido.

— Espero que não esteja cansada — disse ele — porque ficará acordada por horas.

— Alex...

— Eu disse a você que sua primeira vez seria especial. E falei sério. Mas você precisará de muita energia para isso. Sua primeira vez será algo de que se lembrará com carinho pelo resto da vida. Vou garantir isso. Você verá.

Ele beijou gentilmente a minha boca, aprofundando o beijo até que eu mal conseguia respirar. Senti novamente a barba por fazer, que arranhou meu rosto e depois o pescoço à medida que ele descia. Sons baixos saíram da garganta dele até que encontrou um dos meus mamilos e cobriu-o com a boca.

Lá, ele parou.

— Eu já disse isso duas vezes e agora vou provar. Quase sem tocar em você, farei com que goze. Depois, você gozará de outras maneiras hoje à noite. Durante toda a noite. Está pronta para isso?

Senti como se meu corpo não fosse aguentar muito mais, e tínhamos apenas começado, o que era ridículo. Estremeci sob o toque dele. Lutei contra o tremor quando ele baixou a boca até minha orelha, pressionando o peito bem de leve contra os meus mamilos e começou a esfregar os próprios mamilos neles enquanto sussurrava tudo o que pretendia fazer comigo.

Era insuportável. Uma sobrecarga de sensações. Lutei contra Alex, mas ele me disse que era em vão. De novo e de novo, ele esfregou os mamilos contra os meus. De novo e de novo, ele me disse coisas impensáveis. De novo e de novo, ele me forçou até um limite que eu não sabia que existia, só ouvira falar. Mas aquele limite era bruto e inesperado. O rosto dele abaixou e a barba arranhou minha pele nua, fazendo-me estremecer sobre a cama a ponto de eu achar que explodiria.

— Alex — disse eu.

Ele não respondeu. Simplesmente continuou a fazer o que estava fazendo. Os mesmos movimentos sem parar. Mal tocando em mim, o que parecia ser a parte mais cruel. Eu queria as mãos dele sobre mim, mas ele estava determinado a me negar isso. Aquilo era tão próximo de uma sessão de tortura que tive vontade de bater nele.

Foi naquele ponto que perdi o controle. Senti como se não pudesse me conter por mais tempo.

Queria bater nele pelo que fazia comigo. Queria flutuar acima do corpo até o teto e olhar para nós dois, lá embaixo, para que pudesse testemunhar o que ele fazia comigo. Queria fugir. Queria ficar. Mas, acima de tudo, queria gozar.

E então, com uma única palavra inesperada, ele disse: — Agora!

Algo que eu nunca sentira antes invadiu meu corpo e gritei com tanto prazer que continuei tremendo mesmo depois de terminar. Fiquei deitada na cama, trêmula. Olhei para ele, depois para a escuridão do teto, onde quisera estar um momento antes, e não acreditei no que tinha acabado de sentir. Ia muito além do que esperara. Mas, obviamente, ele tinha mais coisas em mente.

— Eu lhe disse — falou ele. — Posso fazer com que chegue ao orgasmo praticamente sem tocar em você.

— Isso foi incrível — disse eu.

— Foi só o começo.

Ele deslizou dos meus seios para a barriga. Afastou ligeiramente as minhas pernas, hesitou e afastou as coxas ainda mais. A cabeça dele desapareceu de vista, mas senti a língua dele deslizar para dentro de mim. Não pude acreditar que a boca dele estava lá embaixo nem no que ele fazia lá. Não pude acreditar que um dia me abriria tanto para um homem. Ele lambeu minhas dobras molhadas, pressionou em volta delas e percorreu-as novamente com a língua. Saboreou-as por longos momentos antes de subir até o clitóris, cobri-lo com a boca e chupá-lo até que gritei novamente.

— O que está fazendo comigo?

— Tudo aquilo de que você se privou.

— É demais.

— Você já disse isso. E nem começamos ainda.

Eu o ouvi cuspir na mão e soube o que aquilo queria dizer. Ele estava lubrificando-se. Senti o braço dele subindo e descendo. Ele ergueu meus quadris um pouco e perguntou-me se eu estava pronta.

— Se não estiver pronta agora, nunca estarei. — Não pude evitar uma risada curta, mas era uma risada nervosa, quase insana. Era uma risada cheia de incerteza por causa do inesperado. Era uma risada com um traço de medo.

Será que vai doer?

Senti a ponta do pênis dele sendo pressionada contra mim e fiquei surpresa porque não parecia que doeria. Ele pressionou ainda mais e a sensação era de aperto, mas boa. Ele me preparara para isso. Passara uma hora garantindo que eu estivesse molhada e pronta pra ele. Sabia exatamente o que estava fazendo, provavelmente porque sabia que, por causa do tamanho do pênis, poderia causar muita dor.

Lentamente, centímetro a centímetro, ele se moveu dentro de mim até que senti dor. Arquejei quando tive uma sensação estranha, uma espécie de carne cedendo e, em seguida, uma umidade quente se espalhou entre as minhas pernas. Ambos sabíamos o que aquilo significava e, por um momento, ele parou. Os olhos dele procuraram os meus, a alma dele um espelho da minha.

— Você está...?

— Não pare — respondi.

Alex foi mais fundo, o que fez com que eu me encolhesse e agarrasse os ombros dele enquanto ele se movia para a frente e para trás. O ritmo dele era uniforme e forte. Os olhos dele não se afastaram dos meus. Absorvi cada investida que balançava a cama com uma mistura de dor e prazer, principalmente prazer. Graças a Deus pelo prazer. Derreti em volta dele e, em certo

momento, comecei a responder às investidas dele com as minhas próprias. Quando eu estava loucamente excitada, joguei a cabeça para trás e ele falou novamente: — Agora!

A ordem me sobressaltou de tal forma que gozei. E gozei novamente. E mais uma vez. De alguma forma, cada orgasmo deixava o quarto, banhado pelo luar, ainda mais escuro. Joguei as mãos sobre o rosto enquanto ele continuava a pulsar dentro de mim. Senti como se estivesse fora dali, sem fazer parte do meu corpo. Eu flutuava logo acima, o que não fazia o menor sentido, pois o agarrava ferozmente para me apoiar. Eu agarrava os ombros dele com tanta força que sabia que estava fisicamente presa a ele, mas uma parte minha flutuava pelo espaço. Eu estava em outro lugar. Ele continuou a investir, abaixando a cabeça para sugar meus mamilos ou para enterrar a boca em meus lábios, enquanto o suor pingava em mim. Ele era como uma máquina, preciso e eficiente. Sem exaustão, continuava a entrar em mim, sempre verificando minha expressão para ver se eu o acompanhava. Quanto tempo conseguia durar? Certamente, não demoraria muito mais.

Mas foi muito mais tempo do que eu esperara. Trinta minutos depois, quando o corpo dele finalmente estremeceu ao gozar, soltando um gemido alto, ambos exaustos, percebi que não tinha ideia do que teria pela frente.

Ele ainda estava sobre mim. — Agora você é minha namorada? — perguntou ele.

Eu não respondi. Apesar de, no fundo do coração, eu ser namorada dele, não estava pronta para me comprometer ainda. Era uma palavra que tinha uma carga enorme. Uma vez meu pai me dissera que eu nunca encontraria alguém. Dissera que, caso algum dia conseguisse encontrar alguém, essa pessoa me deixaria assim que descobrisse que eu nada mais era que uma vadia imunda, exatamente como a minha mãe. Isso não fizera sentido para mim na época, mas, quando estava bêbado, era ele quem não fazia sentido. Mas as palavras grudaram na minha mente e, até aquele ponto na minha vida, ainda não conseguira me livrar delas.

Minha cabeça girava, mas Alex não pretendia desistir.

— Muito bem. Cedo demais. Mas você é minha?

— Só se você for meu.

— Isso iguala as coisas novamente, não é?

— Eu sinto muito.

— Não peça desculpas — disse ele baixinho. — Eu sou seu. Sou seu há algum tempo.

Completamente seu.

— Faça amor comigo de novo.

De alguma forma, ele fez. Ficou ereto no que pareceu segundos. Depois, deslizou para dentro de mim e eu não soube mais quem era nem onde estava enquanto ele me movia pela cama em posições que nunca imaginei. Mas eu sabia que aquilo era certo. Sabia que eu era dele e que ele era meu. E sabia que, em alguma parte do meu ser, enquanto ele continuava movendo-se e sussurrando coisas alimentadas pela paixão, que não havia mais como voltar atrás.

Apesar de ser selvagem na cama, nenhuma única vez deixei de confiar nele. Alex parecia saber de forma intuitiva exatamente como posicionar o corpo para que eu tivesse o máximo de prazer.

Ficamos acordados até tão tarde que vi a manhã começar a nascer. E, quando gozei novamente, o corpo exausto por causa das convulsões de mais um orgasmo, ele gentilmente saiu de cima de mim, virou meu corpo de lado e colocou o braço em volta da minha cintura. Rapidamente, caí em um sono profundo.

CAPÍTULO 12

Na manhã seguinte, acordei e vi que estava sozinha. Sentei-me na cama e fiquei desapontada quando não vi Alex ao meu lado até que olhei para o relógio sobre o criado-mudo. Eram quase 11 horas da manhã. Sem acreditar, fiquei olhando alguns segundos para o relógio. Sentindo-me culpada por ter dormido até tão tarde, puxei as cobertas e vi as manchas de sangue no centro da cama. Como estava nua, vesti as roupas que usara no dia anterior e tirei o lençol sujo.

Eu me sentia envergonhada, apesar de saber que o sangue era natural. Ainda assim, eu não precisava vê-lo, e nem ele.

Enrolei tudo em uma trouxa e só quando vi, aliviada, que não manchara o colchão, foi que senti a dor no corpo. Cada pedaço dele estava dolorido, especialmente uma parte de mim que parecia pedir flores, um cartão de condolências e um pedido de desculpas sincero.

Virei-me para colocar as roupas de cama no chão e vi que Alex estava lá fora. Estava parado na praia, jogando pedras na água. Ele usava uma bermuda bege e estava sem camisa. Era assim que ele era quando pequeno? Era assim que fugia dos pais?

Eu fazia a mesma coisa quando era criança, especialmente quando meu tio me levava para o oceano para pescar lagostas. O efeito de jogar pedras para que saltassem na água era calmante a ponto de ser hipnótico.

Fiquei imaginando o que mais Alex não me contara sobre o passado dele, mas isso viria com o tempo. Ocorreu-me que eu não sabia como os pais dele morreram. Havia quanto tempo que isso acontecera? Que idade tinham? Aos trinta anos, Alex era relativamente jovem para ter pais falecidos. Mesmo que a mãe tivesse dado à luz aos trinta e cinco anos, teria apenas sessenta e cinco. O mesmo era verdade para o pai dele, mas os dois morreram tão jovens? Havia alguma coisa ali, mas afastei o pensamento porque queria que ele me contasse e precisava me apressar se quisesse estar com aparência pelo menos decente quando o encontrasse.

Vendo a chance para tomar um banho rápido, vasculhei o armário, encontrei algo curto e bonito para vestir e fui para o banheiro. Fechei a porta e entrei no chuveiro envolto em vidro. Liguei a água, mas mantive a temperatura baixa. Eu estava com calor o suficiente depois de me agitar pelo quarto.

Nas prateleiras acima de mim, estavam todos os produtos Aveda que usava em casa. Lisa devia ter dito a ele o que comprar. É claro que dissera. Mas o que havia diante de mim era uma seleção ainda maior do que a que tinha em casa. E, como uma criança em uma loja de doces, olhei para os diversos tipos de produtos para o rosto, escolhi um esfoliante, enfiei a cabeça sob a água morna até estar totalmente molhada e comecei a me lavar. Vinte minutos depois, eu estava vestida, com os cabelos secos e presos em um rabo de cavalo chique. No rosto, usei apenas um leve toque de maquiagem, pois a pele estava praticamente brilhando depois da noite anterior.

Quando voltei para o quarto, fiquei surpresa ao ver que a roupa de cama fora trocada e que Alex estava sentado em uma das cadeiras. Sem camisa e com as pernas estendidas, tive que me esforçar ao máximo para olhar nos olhos dele.

— Bom dia — disse ele.

Meu Deus, como ele é sexy.

— É quase boa tarde — respondi.

— Como você está? — perguntou ele.

Eu sabia o que ele estava perguntando e corei ao pensar em uma resposta. — Estou bem.

— Só bem?

— Talvez um pouco dolorida.

— Dolorida demais para mais?

— Decididamente não estou dolorida demais para mais. Dê-me a tarde e estarei pronta para a noite.

Olhei para as roupas de cama da noite anterior e vi que tinham desaparecido. Eu não queria que ele visse o sangue, mas não havia nada que pudesse fazer agora. Em algum lugar da casa, ele já começara a lavar os lençóis enquanto eu tomava banho. Novamente, senti uma onda de vergonha.

Mas que droga.

Eu me aproximei, sentei-me no colo dele e corri os dedos pelos cabelos grossos antes de beijá-lo. Coloquei o braço sobre os ombros nus enquanto ele acariciava uma das minhas pernas com a mão direita.

— A noite passada foi maravilhosa — disse eu. — Obrigada.

— Por que está me agradecendo?

— Porque você sabia exatamente o que estava fazendo. Porque as coisas poderiam ter acontecido de um milhão de formas diferentes. E porque é algo que nunca esquecerei.

— Nem eu.

Alex sorriu, mas o sorriso não se refletiu nos olhos. Ele parecia distraído. — Está tudo bem? — perguntei.

— Está tudo bem. Só alguns problemas no trabalho, mas isso não é novidade.

— Há alguma coisa que eu possa fazer?

— Se estiver com tanta fome quanto eu, sim.

— Você não tem noção do tamanho da minha fome.

— Com isso, suponho que esteja falando de comida.

— Talvez sim, talvez não.

Ele deu um tapinha no meu traseiro. — Quando chegamos aqui ontem, passamos pela vendinha de uma fazenda a alguns quilômetros de distância. Achei que talvez pudéssemos ir até lá para ver se encontramos alguma coisa que inspire o jantar de hoje. É época da colheita e deve haver todo tipo de coisa lá: milho, tomate, batata, brócolis, o que você quiser. Também notei que eles servem almoço lá, mas passamos muito rápido e não consegui ver o que era. Mas acho que falava em queijo.

— É claro que você não saberia. Estava dirigindo bem depressa.

— É verdade. E quem pode me culpar, com um carro daqueles? Quer tentar?

— O carro ou a vendinha?

— A vendinha.

— É claro que sim. O mercado do Maine, só que melhor. Vamos lá. — Eu bati de leve no traseiro dele quando ele se levantou e ficou parado ao meu lado. — Vista uma camisa. Não quero todas as garotas da cidade babando por sua causa.

Ele foi para o que deveria ser o quarto dele e saiu com uma camisa polo branca que colava no corpo como uma segunda pele. De alguma forma, ele parecia ainda mais sensual, o que não fazia

o menor sentido, pois era um deus sem camisa.

— Não pense que não vou espantar os garotos da cidade se chegarem perto de você — disse ele.

— Isso bem que poderia acontecer. Um jovem garanhão da fazenda em busca de uma garota...

— Estou preparado.

— Ele pode precisar de mim para domesticar um dos novos cavalos dele. Um dos grandes.

— Acho que isso aconteceu na noite passada.

Eu ri. Ele pegou minha mão e saímos.

— Sabe, Alex, acho que você deveria se alimentar muito bem hoje. Escolha alimentos cheios de nutrientes. Espero que tenham algo com muita proteína. Você precisará disso mais tarde.

Ele deu uma risada. — Como se você não precisasse. Ontem à noite foi só uma amostra. Hoje à noite, ora, provavelmente quando voltarmos, as coisas ficarão realmente interessantes.

— Você só está tentando me provocar.

— É mesmo? Quando voltarmos, verá que só estou falando a verdade.

* * *

Quando saímos da casa e começamos a andar na direção do Mercedes SL Roadster preto de Alex, que brilhava no sol da tarde como uma joia, notei dois homens que não vira antes.

Um estava parado à direita do portão de entrada da propriedade de Alex e o outro à esquerda. Meu primeiro pensamento foi de que eles não eram homens comuns. Eram algum tipo de segurança.

Óculos escuros escondiam os olhos deles. Estavam vestidos totalmente de preto, parados ao lado da rua, perto da área com árvores onde a folhagem os escondia parcialmente.

O que me alarmou foi que cada um deles carregava uma arma em um coldre na altura da cintura. Tinham um dispositivo de comunicação avançado na cabeça. O microfone ficava perto da boca e tinham um fone de ouvido em uma das orelhas. Eles pareciam concentrados e sérios.

— Quem são eles?

Alex manteve o tom de voz leve. — Seguranças.

— E desde quando precisamos de seguranças?

— Eles chegaram logo depois de nós ontem. — Ele se virou para mim. — Você estava distraída demais para notá-los.

— Você sempre viaja com segurança?

Alex não teve tempo de responder, pois o homem à direita acenou para ele e os dois começaram a conversar. Fiquei parada ao lado do carro, tentando ouvi-los, mas não conseguia escutar. Uma brisa irritante agitava as folhas nas árvores e eles falavam baixo demais para que eu escutasse o que diziam. Olhei para o homem à esquerda, que acenou ligeiramente.

— Bom dia, srta. Kent.

— Bom dia. Vocês estão aqui fora há muito tempo? Quer que eu lhe traga água ou alguma coisa para comer quando voltarmos?

— Estamos bem, srta. Kent. Obrigado.

Recostei-me no carro enquanto Alex continuava a conversa. Foi então que vi outro homem. Bem à minha frente, mais adiante na rua, havia um Range Rover preto estacionado. Um homem vestido

de forma semelhante aos outros estava parado do lado de fora da porta do motorista. Ele também tinha uma arma e equipamentos semelhantes na cabeça.

Mas que diabos?, pensei eu.

— Pronta? — perguntou Alex ao correr de volta na direção do carro.

— Com certeza. Podemos abaixar a capota?

— Vamos mantê-la assim hoje. Há previsão de chuva.

— Está um dia perfeitamente ensolarado, Alex.

— O clima no Maine pode mudar em questão de minutos. Você sabe disso. Vamos, estou faminto.

Entramos no carro e afivelamos o cinto de segurança. Na rua, vi o homem perto do Range Rover entrar no carro. Quando ele abriu a porta, vi mais um homem sentado no banco do passageiro.

— Então, isso é meio incomum — disse eu. — Quatro guardas?

Ele ligou o carro, colocou a mão na minha coxa e disse: — Tente ignorá-los. Só estão fazendo o trabalho deles.

— De protegê-lo contra o quê?

Ele estava prestes a sair com o carro, mas parou e olhou para mim. — O tempo todo em que estive comigo, desde a primeira noite no Four Seasons, tive proteção por perto. É que aqui, no campo, isso é muito mais fácil de notar do que quando estamos em um lugar cheio de gente. É algo que faço como precaução. Faço isso por um motivo e você sabe qual é. Por causa da minha posição e do meu dinheiro, sempre serei um alvo. É por isso que eles estão aqui, para garantir que eu não seja um alvo. Estão fazendo o trabalho deles. E, caso alguma coisa aconteça, não que vá acontecer, estaremos protegidos. Ok?

— Vou levar algum tempo para me acostumar. Mas entendo. É novo para mim, só isso. — Em seguida, ocorreu-me um pensamento. — Espero que eles não tenham me escutado na noite passada. Seria bastante constrangedor.

Ele engatou a marcha do carro. — Estamos a algumas centenas de metros deles. Sinceramente, duvido que tenham escutado alguma coisa.

— Espero que tenha razão, porque não vou me conter mais tarde.

Ele deu uma risada, acelerou e partimos pela rua, com o Range Rover logo atrás. Alex colocou a mão entre as minhas pernas e começou a me estimular até o ponto de eu saber com certeza o que me esperava mais tarde.

* * *

A vendinha que Alex notara quando passamos lá no dia anterior trouxe memórias doces de minha tia Marion, casada com o tio Vaughn, e que era uma das grandes alegrias da minha vida. Aos setenta anos, ela tinha mais disposição do que Beyoncé aos trinta anos.

Ela já falecera e eu sentia muito a sua falta. Às vezes, quando o tio Vaughn saía para pescar lagostas, minha tia me buscava e, se fosse no fim do verão, íamos a um lugar parecido com aquele. Passeávamos por entre as frutas, as ervas e os legumes frescos, conspirando sobre o que faríamos para o jantar.

Exatamente como Alex e eu estávamos prestes a fazer.

Olhei para a direita quando o Range Rover estacionou ao lado da Mercedes, com a poeira

espalhando-se como uma nuvem.

Ótimo, pensei. *Eles são tão sutis.*

Torci muito para que os homens não saíssem do carro, mas, claro, um deles saiu. Virei-me para olhar para ele e vi que observava as pessoas que andavam pelo estande, cerca de uma dúzia delas, com cestos na mão enquanto escolhiam os produtos frescos. Algumas olharam de volta para ele, que não pareceu se importar tanto quanto elas. Aquele não era o lugar para carregar uma arma. Mais tarde, eu pretendia perguntar a Alex se eles poderiam ser um pouco mais discretos.

— Acho que já entendi o que quis dizer sobre o almoço que servem aqui — disse eu, determinada a ignorar o guarda para que pudesse passar um tempo agradável com Alex. — Parecem paninis caseiros frescos e há também chá gelado. Aceito com prazer. E você?

— Com certeza.

— Ótimo, porque estou faminta.

Eu me aproximei de uma senhora mais velha que estava atrás de um balcão e sorri. Ela tinha sessenta e poucos anos, compleição robusta e usava o que era obviamente um vestido feito em casa, de um tecido estampado e que parecia leve e confortável. Tinha olhos azuis, não usava maquiagem e os cabelos grisalhos estavam presos em um lenço.

— Olá — disse eu.

Ela acenou com a cabeça para mim e olhei para o quadro-negro logo acima, onde estava escrito o menu. Ele não listava apenas paninis. No balcão resfriado de vidro à minha frente, havia tudo o que uma garota do Maine poderia querer. Uma salada de batatas tradicional. Macarrão e queijo que provavelmente seriam aquecidos antes de serem servidos. Uma salada francesa que parecia divina, cheia de ervas e cebolinha picada e provavelmente temperada com limão fresco e vinagre. Havia uma montanha de tomates picados, manjerição e rodela de muçarela caseira feita com leite de ovelha em uma travessa grande. E sobremesas por toda parte. Qualquer coisa que eu desejasse. Elas eram maravilhosas.

Alex passou o braço em volta da minha cintura.

— Você fez tudo isso? — perguntei à mulher.

— Algumas coisas. Fiz as saladas. As minhas irmãs fizeram a maioria das sobremesas. — Ela apontou para um cesto cheio de *brownies* de chocolate. — Exceto esses, que fui eu que fiz.

— Eles parecem deliciosos. Mas é a salada francesa que tem meu nome escrito.

— É a minha receita de *mémère*. Também fui eu que fiz.

— Morei no Maine a vida inteira. Faz algum tempo desde que vim ao Point pela última vez.

— Quanto tempo faz que saiu daqui?

Eu não disse a ela que parti. O que ela viu em mim que a fez dizer isso? O quanto mudei desde que saí do Maine para que fosse tão fácil de notar? — Apenas alguns meses.

— Ainda é uma garota do Maine — disse ela. — E uma bela garota. Você me lembra da minha irmã quando ela era jovem. Era a mais bonita. Sempre saía para dançar. Sempre tinha um rapaz bonito pendurado no braço. Os seus cabelos e os seus olhos são parecidos com os dela. Ninguém conseguia manter os garotos longe dela. Nosso pai não tinha a menor chance.

— É por isso que ela me ganhou — comentou Alex.

A mulher olhou para ele com um sorriso zombeteiro. — Você não é do Maine. Vi o carro em que chegou. Ostensivo. E dá para notar outras coisas. Portanto, boa sorte com os garotos locais quando colocarem os olhos nela.

— Vou lembrar disso — respondeu ele.

Notei a agitação na voz dele e perguntei: — O que você quer comer?

— Nem sei por onde começar. Tudo parece muito gostoso. Você pode escolher — disse Alex. —

Faz muito tempo desde que estive aqui pela última vez.

— Você costumava vir aqui? — perguntou a mulher.

— Sim — respondeu Alex. — Quando era garoto. Passei o verão aqui durante quinze anos.

— No Point, não é?

— Sim.

Ela olhou para mim e, naquele olhar, vi um mundo de preocupação que não era desconhecido. Alex e eu éramos de mundos diferentes. Ela sabia disso. Estando tão perto do Point, provavelmente sabia disso melhor do que eu. Naquela parte da costa, onde os ricos colidiam com os pobres, ele era o que chamavam de pessoa de veraneio, algo que atraía a desconfiança dos moradores locais. Para ela, ele era um dos rapazes mimados e ricos. E isso nunca era uma coisa boa para os habitantes locais, que tinham que lavar a própria roupa e comprar a própria comida para sobreviver. Ela não escondeu a desaprovação no rosto duro nem nos olhos e eu meio que a adorei por isso. A honestidade dela era algo de que eu sentia falta. Os nova-iorquinos eram diretos, mas os habitantes do Maine conseguiam transmitir mais com um olhar — ou apenas ficando em silêncio — do que dizendo alguma coisa.

Alex e eu continuamos a conversar para tomarmos uma decisão. Quando estávamos prontos, eu disse: — Ok. — Olhei para a mulher, que tinha uma expressão divertida no rosto ao nos observar. Perguntei a mim mesma se parecíamos um novo casal, se ela namorara um dos garotos de veraneio durante a juventude. Fora isso que eu vira nos olhos dela? Uma lembrança? Um momento antes, ela estava prestando atenção em nós. Mas, agora, parecia estar olhando através de mim e, ao mesmo tempo, para outra época. Não ouviu quando falei, mas eu sabia o motivo. Notei que ver Alex e eu juntos a levava a outra época da vida. Estava estampado em seu rosto e vi a expressão dela passar por várias emoções — primeiro alegria, depois uma certa saudades e, finalmente, uma tristeza distinta. Fiquei imaginando onde ela estaria, e com quem estaria. Onde a vida a levava para que chegasse àquele ponto?

Quem fora a pessoa que desaparecera?

Pigarreei de leve e observei quando ela voltou à realidade. Pedimos o almoço — dois sanduíches de tomate com muçarela no pão de trigo caseiro, duas porções de salada francesa, dois chás gelados sem açúcar — e fomos até uma das mesas de piquenique do lado de fora.

Nós nos sentamos e Alex olhou para mim. — Ela é estranha — disse ele.

— É mesmo? Achei que ela foi ótima.

— Hmmm...

— Não se lembra dela? — perguntei.

— De onde?

Peguei meu sanduíche antes de encará-lo. — De sua infância. As mulheres do Maine não mudaram muito, especialmente aqui na costa. Se você for a Bangor, será diferente. Mais ainda se você cometer o erro de ir a Portland, que morre de vontade de ser Boston e, por isso, não conta como parte do Maine, pois não é. Mas aqui? Aqui, continua a mesma coisa. Ela deve ser familiar para você.

— Eu lembro de mulheres como ela. Também lembro que elas não gostavam muito de mim.

— Bem, você era rico. Elas são pobres e lutam para sobreviver. Você usava roupas novas e sofisticadas. Elas usam roupas usadas e lavavam a sua roupa para que pudessem receber algum dinheiro e colocar comida na mesa. Elas acham que perderam a costa para os que têm dinheiro. Venderam por motivos financeiros e por necessidade e a costa não está mais disponível para elas

em muitos lugares. É complicado, mas, como resultado, anos de ressentimento se acumularam entre as duas classes.

— Consigo ver isso.

— Como está o seu sanduíche?

— Deprimente.

— Desculpe. Mas aqui é o meu lar. Foi aqui que eu cresci. Poderia ter acabado como ela, desejando ter tomado outro rumo e ter a coragem de procurar uma vida melhor. Você viu o olhar nos olhos dela agora há pouco? Foi muito triste. Ela estava lembrando-se de alguma coisa do passado. Não sei o que era, mas claramente foi uma oportunidade que ela perdeu. Ou algo parecido com isso. Vi isso vezes demais enquanto morava aqui para não conhecer aquele olhar. Por isso, eu me esforcei na escola e saí desse buraco com Lisa. Não pense que eu a estou julgando, porque não estou. Ela me lembra de alguns de meus parentes estoicos favoritos. O que me devora por dentro é o de sempre, os meus pais. Meu pai esperava que eu fosse igual a ela. Como minha mãe se recusava a discordar dele ou de qualquer coisa que ele fizesse comigo, supus que ela sentia o mesmo. Assim que pude, fui para o mais longe possível deste lugar e deles.

— Lamento que tenha passado por isso, Jennifer. Ninguém merece isso.

— De certa forma, estou... qual é a palavra? Certamente não é grata. Mas, de uma forma estranha, estou em paz por ter passado por tudo o que passei. Mas, em algum lugar mais profundo, não estou em paz com isso. Se é que isso faz sentido. Acho que o que estou dizendo é que aquilo pelo que passei com eles moldou a pessoa que sou hoje. Queria mais para mim mesma e fiz com que se tornasse realidade. Eles odiariam se eu lhes dissesse que a forma como me trataram acabou me ajudando.

— E deixou cicatrizes.

— Da mesma forma como os seus pais deixaram cicatrizes.

Ele não reagiu àquilo. Em vez disso, mudou de assunto. Com o foco agora nele, a conversa chegara ao fim. Ele pegou o sanduíche e deu uma mordida. — Na verdade, ele está delicioso — disse ele. — E o seu?

Eu o perdoei por todas as coisas que ele não conseguia encarar, pois eu estivera naquela situação por muitos anos. Sabia como era difícil enfrentar o passado, especialmente em se tratando dos pais. Eu nunca o julgaria por ficar em silêncio. Queria dizer a ele que não importava se você fosse Alexander Wenn ou Jennifer Kent, todos devem enfrentar os demônios que afetam a vida. Para conseguir prosseguir, precisamos aceitar todas as coisas erradas que fizeram conosco. Caso contrário, ficaríamos presos, como senti que a mulher que nos atendera estava presa. Ou atolada nos arrependimentos do passado. Não importava, era a mesma coisa. Eu estava indo em direção a um lugar mais saudável, mas ainda tinha um longo caminho a percorrer antes de destruir meus próprios demônios.

Parecia que ele também. Ninguém sabia quem realmente éramos além de nós mesmos, especialmente se negássemos quem era a pessoa em evolução porque era simplesmente mais fácil fazer isso. Mas eu esperava que, um dia, ele conseguisse descobrir quem era Alex Wenn sem o abuso dos pais nem a perda da esposa, pois boa parte daquela pessoa não existia mais.

Mantive o tom leve ao falar novamente, deixando que a brisa levasse a feiura da minha vida anterior. Não deixaria que aquilo estragasse o dia.

— São os tomates — disse eu, dando outra mordida no sanduíche. — E o queijo. — Dei de ombros enquanto ele mastigava. — E o pão também, claro.

— Fico feliz por estar satisfeita.

— Estou. Espero que você também esteja.

— Você não imagina o quanto estou satisfeito — respondeu ele.

CAPÍTULO 13

Quando saímos do mercadinho, carregávamos três sacos de papel cheio de legumes, dois buquês de girassóis, queijos, pães e saladas. De alguma forma, conseguimos colocar tudo no porta-malas minúsculo da Mercedes.

Enquanto eu colocava as sacolas no porta-malas de tal forma que minimizaria o risco de virarem no caminho para casa, vi Alex falando com um dos guardas. Ele gesticulava agitado e vi quando mostrou ao guarda o celular, para o qual o homem olhou antes que Alex falasse novamente.

Há alguma coisa acontecendo. Mas até onde posso pressioná-lo? Se fosse algo relacionado aos negócios, ele não consultaria a segurança. Consultaria o conselho diretor. Ou talvez eu mesma. Então, o que é?

Quando ele voltou para o carro, parecia tenso e, ao me ver, o rosto dele se iluminou. No entanto, aquilo aconteceu um pouco depressa demais, como se um interruptor tivesse sido ligado, e minhas suspeitas aumentaram. Entramos no carro.

— Há algo errado, Alex?

— Só as mesmas merdas de sempre.

— Quais são as mesmas merdas de sempre?

— Pessoas — disse ele. — Quando nos conhecemos na primeira entrevista, eu disse a você que não me importaria de deixar Manhattan para trás e morar no Maine. Mas agora não posso fazer isso e preciso aguentar os problemas. O tempo todo. Geralmente, consigo lidar com as coisas. Mas não tenho tempo para isso aqui, quando estou com você. Desculpe se pareço agitado.

— Não se preocupe com isso. Pode explicar o que é?

— Prefiro não falar no assunto. Estão cuidando de tudo. Não estou tentando deixá-la de fora, Jennifer, não é essa a minha intenção. Na verdade, o que estou tentando fazer é exatamente o oposto. Quero deixar que lidem com o que for necessário para que eu possa envolvê-la. Deixem que eles cuidem da merda toda.

Que merda toda? — Está bem. Mas se precisar falar, estou aqui para ouvir.

Ele ligou o carro. — Agradeço por isso. E obrigado por me deixar desabafar e cuidar disso por conta própria. Vim para cá descansar e passar o máximo possível de tempo com você. E pretendo fazer isso. Eles podem cuidar do resto.

Que resto?

* * *

Quando voltamos à casa dele, paramos o carro sob a sombra de uma árvore e descarregamos o porta-malas. Um dos guardas queria falar com Alex, mas ele instruiu o homem a conversar com o outro guarda, que estava estacionando o Range Rover na rua.

— Scott acabou de falar comigo — disse ele. — Jennifer e eu não queremos ser incomodados pelo resto do dia, a não ser que seja algo crítico. Entendeu? Crítico.

— Sim, senhor.

— Obrigado, Ben.

O que poderia ser crítico?

Com as sacolas nas mãos, entramos na casa. Enquanto Alex guardava as compras na geladeira já lotada, fiquei perto da pia e cortei a ponta dos caules dos girassóis com uma tesoura que encontrei na gaveta.

— Você tem um vaso grande? — perguntei.

— Com certeza.

Ele saiu da cozinha, voltou com um vaso na mão e beijou-me a nuca. Arrumei as flores, enchi o vaso com água e admirei o buquê sobre o balcão. Em seguida, levei-o para a sala de jantar e coloquei-o no centro da grande mesa retangular.

Alex se aproximou por trás e colocou os braços em volta da minha cintura. — É lindo — disse ele.

— Adoro girassóis.

— Quer dar um passeio comigo na praia?

— Eu adoraria.

Descemos os degraus de madeira que levavam à praia e andamos para a direita. Mesmo com a brisa que vinha do oceano, ainda estávamos no início de setembro e o clima era bom o suficiente para usar bermudas e uma camiseta leve. Olhei para longe e notei, pela primeira vez, que não parecia haver casa alguma além da de Alex.

— Que parte da praia é sua? — perguntei a ele.

— Praticamente até onde você consegue ver.

Eu me virei para ele. — Você é dono disto tudo?

— Meus pais eram donos. Então, acho que sim, agora sou eu o dono.

Eu queria perguntar a ele como seus pais tinham falecido, mas também queria manter o clima leve depois da tensão que acontecera. Eu esperaria até que ele mesmo me contasse. Sabia que poderia procurar no Google, mas parecia ser algo invasivo. Ele me contaria quando estivesse pronto.

Segurei a mão dele e ele apertou a minha de leve, puxando-me para perto. Eu não tinha certeza do que senti quando os dedos dele se entrelaçaram aos meus — uma necessidade, um desejo —, mas era algo importante. Alguma coisa estava acontecendo com ele, que não queria discutir comigo. Precisava respeitar a privacidade dele, como esperaria que ele respeitasse a minha se houvesse algo sobre o qual eu não quisesse falar. Mas, no nível dele, os problemas que tínhamos estavam a um mundo de distância. Eu não conseguia imaginar o que poderia ser, mas era algo sério. Eu nunca o vira daquele jeito. Era diferente da tensão resultante do excesso de trabalho. Era alguma coisa diferente.

Andamos por cerca de dez minutos até que a natureza finalmente começou a agir. Gradualmente, senti que ele começava a relaxar. A mão dele não segurava mais a minha com tanta força. Eu o ouvi respirar fundo, de forma libertadora, e, depois disso, éramos apenas nós dois, com o oceano batendo na praia e nas rochas ao fundo. Gaivotas sobrevoavam com uma cacofonia de gritos. Larguei a mão dele, levantei o braço, soltei o rabo de cavalo e balancei a cabeça para liberar os cabelos. A brisa bateu neles imediatamente, com uma sensação maravilhosa. Ele ficou observando enquanto eu fazia isso e senti uma mudança em seu humor.

Ele parou e virou-se para mim. — Desculpe-me por hoje.

— Eu sei que você está sofrendo algum tipo de pressão. Quando quiser me contar, conte. Não precisa pedir desculpas.

— Obrigado.

— E não precisa me agradecer.

— É só que, algumas vezes, as coisas na minha vida podem virar um inferno em um segundo.

Não tenho controle sobre isso. Direi isso de novo porque vale a pena repetir. A única coisa que quero durante esta semana é ficar com você e ter uma certa sensação de normalidade. — Ele se inclinou, colocou as mãos em volta do meu rosto e beijou-me com força. — E quero fazer amor com você, Jennifer. Agora.

Eu gostaria que ele não usasse a palavra "amor", mas não havia como impedi-lo. Até que eu soubesse que o que tínhamos era real e que era realmente amor o que crescia entre nós, preferia que ele simplesmente dissesse que queria ficar comigo. Era melhor. Deixaria meus próprios demônios mais felizes. Caso contrário, era algo confuso para mim e para eles. Meus problemas de confiança ressurgiram e minhas barreiras subiram novamente.

Mas eu não pretendia deixar que eles levassem a melhor. Não naquele momento. Não depois da noite anterior e certamente não depois daquela confissão.

— Quer fazer isso aqui?

— Por que não?

— Porque estamos em um lugar aberto.

— E isso importa?

Havia um tom de desafio na voz dele ao qual respondi imediatamente. Eu raramente dispensava um desafio. Olhei em volta. Não parecia haver uma alma à vista, mas isso não significava que um dos guardas não estivesse à espreita nas árvores. — E se alguém nos vir?

— Qual é o problema com isso?

— Poderemos ser presos.

— Esta é uma propriedade particular. Venha cá. Está seco aqui. Não há pedras, só cascalho e um pouco de areia. Venha.

Aquele dia fora totalmente estranho. Eu esperara que aquilo acontecesse à noite, não tão cedo, à tarde. E certamente não ali. Mas queria mesmo assim. Queria que fosse como na noite anterior, quando estávamos ligados e antes que eu soubesse que alguma coisa o perturbava, que aqueles homens protegiam a ele e à propriedade por algum motivo desconhecido. Eu queria que voltássemos ao que fora antes. Portanto, eu o segui em direção às árvores e para longe do oceano. Sentei-me e olhei para ele. O sol brilhava atrás dele, deixando-lhe as feições nas sombras.

— Tire a camiseta — disse ele.

— Tire as calças.

— A camiseta primeiro.

— Ou fazemos isto junto, ou não fazemos nada — disse eu.

— Então, sempre estaremos em posição igual?

— Talvez não sempre. É possível que isso flutue. Mas, neste momento, estamos.

— Está bem. Camiseta por camiseta.

— Ok, serve assim. — *Claro que não serve assim.*

Puxei a camiseta por cima da cabeça e ele fez o mesmo. Alex estendeu a camiseta dele no chão à minha esquerda. Tirei a minha e coloquei-a abaixo da dele, formando uma espécie de manta no chão.

— Levante-se — pediu ele.

Eu me levantei.

— Vire-se.

Eu fiz o que ele pediu.

Ele limpou a areia do meu traseiro e pediu que eu sentasse. — Nada de encher as camisetas de areia. Não será nada agradável quando eu entrar em você.

Meus lábios se abriram ao ouvir aquilo, mas eu não disse nada.

— Para sermos justos, você precisa tirar o sutiã. Assim, estaremos em pé de igualdade.

Hesitei, mas tirei o sutiã, sem conseguir impedir um arrepio de ansiedade misturado com a adrenalina inesperada da exposição. Como ele sabia exatamente o que fazer para que eu me sentisse assim? Eu era tão fácil assim de entender? Era tão óbvia? Nunca achei que fosse, mas ele claramente sabia o que fazia comigo e até onde podia ir. Ele passara facilmente pela minha linha autoimposta de "não vá além daqui". Depois, pressionara mais adiante e fora um pouco mais além, deixando-me um pouco fora da minha zona de conforto, mas não o suficiente para que eu me sentisse incomodada. Ele era traiçoeiro, mas eu estaria mentindo se dissesse que aquilo não me excitava. Alex me levou ao ponto de me deixar extremamente nervosa, mas não o bastante para que eu quisesse fugir. Era um ato equilibrado que ele dominava.

E eu estava totalmente subserviente.

Ele tirou a bermuda e vi que não usava cueca, o que me deixou surpresa. O pênis, longo e flácido, estava pendurado entre as pernas. Eu o achava perfeito e agora, à luz do dia, tinha uma vista muito melhor do que na noite anterior. Vê-lo foi o bastante para me encher de desejo. Eu queria estender a mão e tocá-lo, mas sabia que Alex não deixaria que isso acontecesse até que estivesse completamente nua.

— Agora, a bermuda — disse ele com voz rouca.

Eu a tirei e notei o olhar de incredulidade que cruzou o rosto dele quando percebeu que eu não usava calcinha. Sentindo-me quente, abri as pernas para ele e inclinei o corpo para trás, apoiando os braços na camiseta dele. Eu já estava molhada. Sabia que ele percebera e vi seu rosto ficar sério ao estudar meu corpo de cima abaixo.

Sem dizer nada, ele se ajoelhou e colocou as mãos cuidadosamente sobre a camiseta para que não encostassem na areia. Por um momento, nossos olhares se encontraram. Um traço de sorriso surgiu em seus lábios e, com uma força que eu não esperava, enterrou a boca entre as minhas pernas.

Ele me penetrou com a língua, o que fez com que eu arqueasse as costas em êxtase e gemesse de excitação quando a barba por fazer causou sensações que só intensificaram o ato. Ele me cobriu o clitóris com a boca, chupou-o e lambeu-o, levando-me ao orgasmo mais depressa do que eu esperara. Ainda era uma sensação estranha — *como eu pudera me negar aquilo por tanto tempo?* — mas tivera motivos para isso e não me arrependia. Havia um motivo para estar com Alex agora. Havia um motivo para tê-lo deixado tirar minha virgindade e havia um motivo muito bom para que ele estivesse perto de me levar além do limite. Ele esfregava o queixo sobre o clitóris em movimentos circulares leves, o que me fez ter vontade de estender o braço e detê-lo, pois o prazer era quase insuportável. Os olhos velados dele encontraram os meus e houve um fogo entre nós que queimou até que eu explodisse novamente.

Caí deitada sobre as camisetas, mas ele ainda não terminara. Agora, estava com a boca sobre a minha e senti meu gosto nele. Em seguida, de forma tão metódica quanto na noite anterior, ele começou a descer pelo meu corpo. Abaixando a cabeça sobre meus seios, ele os acariciou

incansavelmente e introduziu um dedo dentro de mim. Ele pediu que eu apertasse em volta dele, o que fiz, e ele começou a sondar mais fundo. Primeiro um dedo, depois outro. E finalmente mais um. Senti-me repleta e prestes a gozar novamente. O polegar começou a esfregar o clitóris de leve e perdi o controle. Balancei a cabeça quando uma onda explodiu dentro de mim.

— Não consigo de novo — disse eu.

— Consegue sim.

— Dê-me uma...

— Goze!

Eu gozei, de forma mais poderosa que antes. Fechei os olhos e senti quando Alex tirou os dedos. Logo depois, ele estava dentro de mim. Começou a investir com gestos longos e lentos, empurrando o corpo sempre que avançava para garantir que encostasse na minha parte mais sensível. Os olhos dele me percorriam com tanta intensidade que não consegui encará-lo. Virei a cabeça para o lado, mas senti a mão dele virá-la de volta para que eu olhasse diretamente para ele.

— Não vire o rosto.

— Isso é muito intenso.

— Solte-se.

Senti minhas entranhas se contorcerem ao fazer isso. Senti-me totalmente leve enquanto ele me penetrava. Ouvi os sons guturais que fazia, a respiração quente contra minha pele, ouvi o barulho das gaivotas passando sobre nós e voei com elas. Abri as pernas ainda mais e comecei a me mexer com a mesma intensidade que ele.

— Isso mesmo — disse ele.

Pressionei o corpo contra o dele. Enterrei as mãos na areia com uma força que não sabia ter. Eu queria fazer com que ele gozasse. Queria que ele sentisse o que eu já sentira quatro vezes. Ergui o corpo sobre o cotovelo e passei a mão livre em volta do pescoço dele, agarrando-o e puxando o corpo na direção dele.

— Vamos — disse eu.

— O quê?

— Mais depressa — respondi.

— O quê?

— Enfie esse pau em mim — disse eu.

Eu nunca falara com ele daquele jeito, mas estávamos totalmente primitivos naquele momento e vi que aquilo o excitou.

— Então, é isso? — perguntou ele. — Quer que eu coma você?

— Isso mesmo, seu filho da puta. Quero que me coma.

Eu apertei os músculos em volta do pênis com toda a força que consegui reunir. Puxei a cabeça dele para baixo e nós nos beijamos profundamente. Desta vez, foi a minha língua que foi ao encontro da garganta dele. Alex gemeu quando ficou quase sem fôlego, mas eu o segurei por mais tempo, afastando-me somente quando necessário. Coloquei a boca perto da orelha dele e disse: — Isso mesmo. Vamos, Alex. Quero que me coma.

— Pare...

— Quero que me coma com mais força.

— Jennifer...

— Não seja mole. Vamos! Não vou desmontar.

E ele fez o que pedi. Pelos minutos seguintes, ele estava ardente e eu também. No calor do ato, eu não sabia ao certo se aguentaria o que pedira, mas aguntei. Mantive o mesmo ritmo que ele.

Empurrei o corpo à frente quando o dele bateu no meu e mordi-lhe o mamilo com tanta força que foi o fim. Ele segurou minha cabeça, enquanto continuava a investir. E, em seguida, ele gozou dentro de mim até o ponto de derramar e sujar a camiseta.

Alex caiu sobre mim e eu o abracei com força. Eu estava ofegante e vi que ele também. Logo depois, comecei a rir. Ele ergueu a cabeça e olhou para mim quando a risada se transformou em uma gargalhada.

Com um sorriso no rosto, ele perguntou: — Do que você está rindo?

— Está falando sério? Este foi um dos melhores momentos da minha vida. Estou feliz. Minha nossa, não tinha ideia de que seria assim.

— Não seria — disse ele. — Não com qualquer um.

— Eu não saberia.

— Pode confiar.

Recuperei o fôlego e beijei-o nos lábios. O rosto e os cabelos de Alex estavam cheios de suor. — Eu confio em você, Alex. Espero que saiba o que significa para mim dizer isso. Não digo isso nunca.

— Eu sei que não. E fico grato por isso. Estou me apaixonando por você, Jennifer.

Por favor, não diga isso.

— Você é minha? — perguntou ele.

Com aquilo, eu conseguia lidar. — Você sabe que sim. Por que vive perguntando?

— Porque preciso ter certeza — respondeu ele. — Não quero que vá embora, não importa o que aconteça.

— E o que acontecerá?

— Nada que eu não possa resolver — respondeu ele.

— O que isso significa?

— Não é nada com que tenha que se preocupar. Só preciso saber que é minha.

Eu reiterei que era, mas, mesmo assim, sabia que, em algum nível, especialmente depois daquele dia com a presença dos seguranças, ele tentava me proteger de alguma coisa. Eu não sabia do quê. Mas estava assustada. Alguma coisa estava acontecendo sobre a qual eu não tinha conhecimento nem controle. Eu o abracei com força e ficamos deitados, nus e cansados. Depois de algum tempo, nós nos levantamos, vestimos as roupas e voltamos para a casa.

* * *

Mais tarde, naquela noite, fizemos o jantar, tomates, abobrinha, pimentões, alho, cenouras e batatas com azeite de oliva, assados em alta temperatura e cobertos de ervas frescas que compramos mais cedo. Em seguida, relaxamos na sala de estar, que tinha vista para as montanhas e o oceano além delas.

Alex serviu uma taça de Pinot Grigio para cada e desfrutamos da bebida em silêncio, vendo os carros contornando a montanha Cadillac, mas também perdidos em pensamentos sobre o que fora um dia nervoso e excitante.

Começamos o dia com seguranças sobre os quais eu não sabia de nada, tivemos um almoço divertido, apesar da vigilância e ficamos juntos pela segunda vez, dessa vez em plena luz do dia na praia de Alex.

Duas vezes naquela noite, Alex foi chamado ao lado de fora pela equipe de segurança. Nas duas vezes, ele votou cheio de pedidos de desculpa, mas não me deu informação alguma sobre o que estava acontecendo. Eu não insisti. Se queríamos ser um casal, aquilo era um teste. Em algum momento, ele teria que me contar o que estava acontecendo. Eu esperaria até que fizesse isso.

Mas ele não disse nada naquela noite.

Quando foi chamado pela terceira vez e não deu explicação alguma ao me deixar, perdi as estribeiras. Subi até o quarto, vesti uma camiseta curta e uma bermuda, e fui dormir enquanto ele resolvia o que quer que estivesse acontecendo e que não queria que eu soubesse.

Quando ele foi para a cama, percebi a presença dele ao entrar em silêncio no quarto e tirar as roupas. Mas, quando ele deitou sob as cobertas, comecei a respirar profundamente em um esforço para convencê-lo de que estava dormindo e não ser incomodada. Senti quando ele me beijou o ombro e depois o pescoço. E depois senti quando virou de lado. Ele colocou o braço sobre mim e abraçou-me, fazendo com que eu sentisse o carinho que tinha por mim. Eu queria me virar e dar-lhe um beijo de boa noite, mas estava desapontada por ele não dividir comigo o que era obviamente um problema.

Será que era mesmo?

Abri os olhos e encarei a escuridão. Talvez ele simplesmente vivesse assim. Eu não sabia. Senti-me confusa. Ele era um bilionário. Alguém estava atrás dele? Era isso? E, se fosse, isso era normal para ele? Eu só queria que ele fosse aberto e contasse tudo, apesar de eu achar que me protegia da verdade ao não dizer nada. Talvez, naquele ponto do nosso relacionamento, ele não quisesse que eu soubesse como a vida dele realmente era. Talvez achasse que eu ficaria assustada e iria embora.

Tantas incertezas, pensei. Em seguida, fechei os olhos e dormi.

* * *

Quando a manhã chegou, veio acompanhada de más notícias. Tivemos que voltar para Manhattan. Não sei o motivo, mas nossa viagem para o Maine fora interrompida.

— Eu sinto muito — disse Alex quando me falou que teríamos que partir.

— Dois dias é melhor que nada, acho.

— Obrigado por entender.

Decidi que era hora de abrir o jogo. — Eu não entendo. Você não me disse nada. Mas alguma coisa está acontecendo. Não sou burra, Alex. Não vou me intrometer na sua vida, da mesma forma como espero que não se intrometa na minha. Mas eu queria passar uma semana com você. Não vou fingir que não estou desapontada.

— Peço desculpas.

— Está tudo bem. Ficarei feliz em ver Lisa e o apartamento novo. Prometi revisar o livro dela, que está pronto. Suponho que você me deixará tirar esses próximos cinco dias de folga, já que, de qualquer forma, não íamos trabalhar?

— É claro. Se precisar de mais tempo, é só falar, tire o tempo que for necessário. Só espero que se encontre comigo durante esse período.

— Depende da velocidade com que revisarei o manuscrito. Ela é tudo para mim e é uma pessoa que eu nunca desapontaria. Mas terminarei a tempo de me apresentar na Wenn no dia

certo. Espero que, até lá, tenha resolvido o problema pelo qual está passando.

Eu sabia que o que dissera soara frio, mas não consegui evitar. Ele me considerava namorada dele. Se alguma coisa importante estava acontecendo, devia confiar em mim o suficiente para me contar o que era. E eu não conseguia entender por que não fazia isso.

Parei para pensar. Isso vindo de uma pessoa que tinha os próprios problemas para confiar? Isso vindo de uma pessoa que não conseguia se comprometer verbalmente a ser namorada dele? Como eu não me comprometera, por que ele deveria dividir alguma coisa pessoal comigo? Talvez só quisesse manter as coisas em particular por enquanto e, mais tarde, quando tudo se resolvesse, ele me contaria. A vida dele era muito mais complexa que a minha. Sempre seria. Eu precisava aceitar isso ou, para ser justa com os dois, precisava me comprometer totalmente ou acabar com aquilo.

A última opção estava fora de cogitação. Eu gostava demais dele para deixá-lo. Portanto, precisava aceitar e entender que a vida dele, com todas as complicações que tinha, estava em um patamar muito mais alto que a minha. Namorar Alex não seria como namorar alguém com uma vida normal. Era um nível totalmente diferente. E eu precisava estar preparada para me envolver ou aceitar ficar à margem.

Escolhi a segunda opção e pedi desculpas.

Uma hora depois, estávamos em um avião para Nova Iorque. Ele perguntou se eu queria me sentar ao seu lado. Mas preferi sentar na poltrona do outro lado do corredor, pois tinha a sensação de que ele queria ficar sozinho. Eu também precisava meditar sobre o que seria ficar com ele. Depois de entender e aceitar isso, as coisas seriam mais fáceis.

Depois que o avião decolou, a viagem até em casa foi silenciosa. Nenhum dos dois estava com vontade de conversar. Mantive a cabeça abaixada com o *Kindle* na mão e tentei ler um novo livro de ação, mas estava distraída demais para conseguir absorver as palavras. Eu tentava entender uma situação que não conhecia totalmente, sem conseguir. Olhei para ele algumas vezes. Ele tinha o rosto enterrado sobre o *notebook* enquanto digitava furiosamente. O que estava escrevendo? Para quem estava escrevendo? E o que estava acontecendo que nos roubara cinco dias?

CAPÍTULO 14

Chegamos ao aeroporto La Guardia no meio da manhã e, apesar de ser setembro, o ar estava úmido quando saímos do avião. Dois homens, que eu conhecia de vista da equipe de segurança de Alex, estavam lá para nos receber. Alex os cumprimentou com um aceno da cabeça, mas não falou com eles. Pelo menos, não na minha presença.

Saímos do aeroporto até onde uma limusine aguardava para nos levar para a cidade. Dois Cadillac Escalades pretos estavam parados atrás da limusine. Vi os dois homens entrarem em uma delas e os dois SUVs nos seguiram ao entrarmos no trânsito.

Não comentei sobre nada do que vi. Em vez disso, tirei o celular da bolsa e enviei uma mensagem para Lisa: "Chego em 30 minutos."

— Se a mensagem era para Lisa, diga que mandei lembranças.

— Direi quando chegar em casa.

— Vou compensar isso — disse ele.

— Não precisa.

— Sim, preciso.

— Podemos conversar sobre isso outra hora.

— Você está brava comigo?

— Não.

— Mas está distante.

— Só estou desapontada.

— Quer se sentar mais perto de mim?

Olhei para ele e vi que estava distraído, tenso e com uma atitude de desculpas. Tudo o que ele fazia era refletido nas feições, especialmente nos olhos. Como eu poderia dizer não? Sentei-me mais perto dele e encostei a cabeça em seu ombro, o que teve um efeito calmante que eu não esperara. Ele passou o braço pelas minhas costas e abraçou-me. Fisicamente, Alex era um homem forte, o que fora uma das coisas que fizera com que eu me sentisse atraída por ele.

Forte e silencioso, pensei. Especialmente agora.

Quando cruzamos a ponte para Manhattan, percebi que nosso tempo juntos estava acabando, peguei a mão dele e beijei-o no rosto. — Obrigada pelo tempo maravilhoso — disse eu. — Não importa o fato de ter sido breve, nunca esquecerei dele por muito motivos. — Dei de ombros. — O que posso dizer, Alex? Estar com você me deixou mimada. Quero aqueles cinco dias. Não vou me desculpar por isso. Adorei ficar com você. Simples assim.

— Eu queria aqueles dias tanto quanto você. Quando verei você de novo?

— Em breve.

— Quando?

— Telefone quando as coisas estiverem sob controle. Senão, verei você na Wenn na segunda pela manhã. Também podemos conversar à noite.

Quando nos aproximamos do meu apartamento na Quinta, o carro se desviou para a esquerda e olhei pela janela para o meu novo lar maravilhoso. Saí do carro quando ele parou e, sem olhar

para Alex quando me soltou relutantemente dos braços, atravessei a calçada cheia de pessoas com a mochila pendurada no ombro. Acenei de leve para o porteiro quando ele abriu a porta e, com o coração pesado que estava inesperadamente cheio de tristeza, confusão e saudade, desapareci das vistas de Alex.

* * *

Para minha alegria, Lisa me esperava no saguão. Quando me viu, ela saltou de uma das cadeiras elegantes no centro do espaço e aproximou-se correndo. Eu só ficara fora dois dias, mas sentira muita falta dela. Ela caminhou na minha direção e nós nos abraçamos calorosamente.

— Lá se foi a semana inteira — disse ela.

— Lá se foi a semana inteira — suspirei.

— Você está bem?

— Vamos conversar lá em cima. Aqui não. É cedo demais para um martíni?

— Amiga, por favor.

— Mal posso esperar para ver o que você fez no apartamento. Se a conheço bem, ele estará perfeito.

Ela começou a falar, mas hesitou. Eu a conhecia bem demais para não entender aquele olhar. — Qual é o problema? — perguntei.

— Não há um problema. Pelo menos, não acho que seja um problema. Você poderá julgar por si mesma.

— O que isso significa?

— Praticamente tudo o que está prestes a ver. Não fui eu.

Apertei o botão de um dos elevadores e olhei para ela. — O que quer dizer?

— Digamos apenas que você não acreditará quando vir.

— Alex — disse eu.

— Quem mais?

— Ele decorou o lugar para nós, não foi?

— Ahm, sim, pode-se dizer que sim. Mas também não chega nem aos pés da verdade.

* * *

Quando entramos no apartamento, foi como entrar em outro espaço, um que não reconheci da última vez em que estive lá com a cobertura vazia.

Lisa e eu andamos de um aposento a outro e só absorvi tudo, sabendo que ele fizera aquilo tudo por gentileza. Também sabia que eu nunca conseguiria impedi-lo de demonstrar generosidade. Era assim que ele era. Apesar de ser muito difícil para mim aceitar isso, precisava aprender a apreciar.

— É lindo — comentei eu.

— Eu esperava que dissesse isso.

— Olhe só esses tapetes persas.

— São de verdade.

— E aquelas pinturas. Adoro a forma como elas se destacam contra as paredes cinzentas.

— São de verdade.

Entrei na sala de jantar e vi um buquê de girassóis dentro de um vaso que reconheci imediatamente. Ver os girassóis foi o suficiente para fazer com que eu prendesse a respiração por causa da mensagem que carregavam depois que nós os compramos durante a viagem. O vaso era outro tesouro. — Eu sei por que os girassóis estão aqui, mas esse vaso é ridículo. É Lalique. É uma das peças mais valiosas. E parece ser muito antigo.

— Porque é antigo. O próprio Rene o assinou. Eu olhei no fundo do vaso quando ele chegou. O nome dele está gravado lá.

— Ele vale uma fortuna.

— E o que aqui não vale? Olhe em volta. Por falar nisso, qual é o significado dos girassóis?

— Compramos girassóis perto de Point, mas isso foi ontem. Quando eles chegaram?

— Esta manhã.

Ah, Alex.

— Venha ver o seu quarto.

Fomos até lá e descobri que agora eu tinha uma cama *king* imensa, entalhada em mogno e coberta com uma colcha bordada que complementava as paredes verdes e o piso de madeira.

Entrei no quarto, olhei em volta e notei que, no criado-mudo do lado direito da cama, onde Alex sabia que eu dormia, havia uma fotografia em preto e branco dele, com moldura de prata.

Era um retrato de Alex usando *black tie*, que ele sabia que eu adorava, até mesmo aquilo era intencional.

O que eu via não era obra de algum decorador aleatório que entrara lá e assumira o controle com a própria visão e os próprios gostos. De alguma forma, em algum momento, Alex concebera aquilo tendo a mim em mente. Ele devia ter comandado o máximo possível diretamente do Maine, apesar de eu não saber quando nem como. Ele fizera aquilo tarde da noite, enquanto eu dormia? Ou de manhã, quando dormi até mais tarde? Ele encomendara os girassóis do avião, enquanto usava o computador? Não importava. Havia toques pessoais demais no apartamento inteiro para ser algo em que ele simplesmente jogara dinheiro sem pensar duas vezes. Senti-me emocionada com o gesto. Senti-me culpada por me afastar dele tão friamente momentos antes.

— Você precisa ver o meu quarto — disse Lisa.

Fomos até lá. O aposento estava lindamente decorado, mas ela me chamou a atenção para o pôster da versão original do filme "O Despertar dos Mortos". O diretor, George A. Romero, assinara o pôster, que mostrava a cabeça enorme de um zumbi subindo no fundo. Era original, provavelmente comprado em um leilão, e fora emoldurado.

— Consegue acreditar nisso? — perguntou ela.

— Você conseguirá dormir com essa coisa pendurada ali?

— Amiga, por favor.

Olhei para o pôster, que ficava na parede à esquerda da cama, perto da janela, e admirei-o, não só por causa do que ele significava para Lisa, mas por causa do que representava. Ele reconhecia que aquela casa era minha e de Lisa. Ao dar a ela o pôster, Alex fez o possível para garantir que soubéssemos que ele sabia disso.

— Preciso perguntar uma coisa — disse eu. — Uma certa pessoa supervisionou tudo isto?

Ela sorriu para mim.

— Blackwell? — perguntei.

— A lenda em pessoa.

— Sabe, quando eu a conheci, não gostei dela. Foi muito grosseira e cáustica comigo. Mas as coisas mudaram. Desde então, várias vezes ela fez muito por mim.

Lisa me encarou com cuidado. — Ela é paga para isso.

— Acho que é mais do que isso.

Ela pensou por um momento e reconsiderou. — Na verdade, acho que o que eu disse foi muito cínico. Nós nos divertimos muito olhando o apartamento. Depois foi o almoço, excelente e com uma conversa agradável, que não foi falsa. Mas devo dizer que ela é venenosa se você comer qualquer coisa que não seja salada.

— Nem me fale. Mas ela é assim e eu meio que a adoro por ser assim. Ela é muito direta. Nós duas apreciamos isso. E ela fez um excelente trabalho aqui.

— Em um período de dois dias, ela gastou umas trinta horas para fazer o que você vê. Ela foi incansável. Em algum momento, acho que devia haver umas vinte pessoas aqui dentro. E ela passou muito tempo no telefone. Acho que falando com Alex.

— Eu sei que estava — respondi.

* * *

— Martíni?

— Sim, por favor — respondi.

Na sala de estar, sentei em um sofá chique e confortável. Além das janelas imensas, ficava o parque. Àquela altura, a vista fazia com que eu percebesse que, naquela cidade, havia algo maior que não necessariamente era visto nas ruas. As árvores, ainda verdes ali, apesar de terem apenas começado a florescer no Maine, eram magníficas. Eu me perguntei como aquilo podia ter acontecido. Por meses, ficamos em uma prisão minúscula na East Tenth Street e, agora, estávamos em uma cobertura na Quinta Avenida. Não fazia o menor sentido, mas eu me sentia grata.

Em alguns dias, eu também precisaria trabalhar para sustentar aquela vida.

Lisa saiu da cozinha com dois martínis, feitos com vermute e azeitonas, sentou-se ao meu lado, brindamos e bebemos.

— Eu sei que isso soa egoísta, mas estou feliz por estar em casa.

— Senti a minha falta?

— Mais do que imagina.

— Também senti sua falta. Mais do que você imagina.

Ela olhou para mim com uma expressão maliciosa. — Do que mais sente falta?

— Se está falando da minha virgindade, ela já era.

— Eu sabia! Conte!

Contei tudo a ela.

— Vocês fizeram na praia?

— Sim, fizemos.

— Mas vocês poderiam ter sido pegos!

— Era uma praia particular.

— Quem é você?

— Pelo jeito, alguém que está cansada de ser eu. Ou, no mínimo, aquele lado meu. Não quem

eu realmente sou. Eu nunca mudaria isso por ninguém. Mas ele acordou alguma coisa dentro de mim, isto é certo.

— Como foi?

— Depois do oitavo ou do décimo orgasmo?

— Em uma noite?

— Não, sua boba, em dois dias.

— Ah, coitadinha.

— Você não está me vendo fazer caretas.

— Como ele foi?

— Não tenho nada com o que compará-lo, mas eu diria que ele sabe exatamente o que está fazendo. Foi maravilhoso. Fiquei feliz por ter esperado tanto tempo. Fez com que fosse mais importante, especialmente porque ele sabia que, na minha idade, não estava me entregando levianamente. Ele entendeu e respeitou isso. Mas agora as coisas estão estranhas.

— Como assim?

Contei a ela sobre os guardas que surgiram do nada e tudo o que resultou disso, inclusive voltar do Maine cinco dias antes do esperado.

— Alguma coisa está acontecendo — disse ela. — Ele lhe disse o quê?

— Nem uma palavra.

— Por quê?

— Eu não sei. Talvez seja alguma coisa particular. Sou uma pessoa reservada e respeito a privacidade dele. E só estamos juntos há pouco tempo, portanto, ele não me deve nada, especialmente porque não quero me comprometer a ser namorada dele. Estou preocupada por ele? Com certeza. Isso afetou meu humor? Certamente. Estou desapontada por não ter passado os sete dias com ele? Sim. Mas estou sendo egoísta e preciso aceitar as coisas como são se quisermos ficar juntos.

— Quando você o verá novamente?

— Eu disse a ele que, depois de revisar o seu livro, estarei disponível para encontrá-lo. Há duas pessoas na minha vida, Lisa. Você e ele. Não vou deixá-la na mão.

Ela bebeu um gole do martíni e virou-se no sofá para me encarar, colocando as pernas sob o corpo esguio. Quando falou, o tom era sério. — Jennifer, se você continuar com ele, nós seremos melhores amigas até que o último zumbi caia. Mas precisa ser realista sobre isso. Eu sou. Sei que, se vocês dois se tornarem mais íntimos, terei cada vez menos tempo com você, como aconteceu comigo quando estive envolvida com os meus ex-namorados idiotas. E não me importo, porque fico feliz por você finalmente ter encontrado alguém. Não se preocupe comigo.

— Eu nunca deixarei de me preocupar com você.

— Está bem. Então se preocupe comigo, mas viva a sua vida. Você me conhece. Não paro quieta. E acho que já se passou tempo suficiente, está na hora de começar a pensar em namorar novamente.

Fiquei animada com aquilo. — Sabe, eu perguntei a Alex se ele tinha algum amigo que poderia apresentar a você.

— Ah, não, não perguntou.

— Ah, sim, perguntei.

— E são tão lindos como ele?

— Quem sabe? O que sei é que caras bonitos tendem a andar com caras bonitos. Vimos isso várias vezes. Eles são atraídos uns pelos outros, como uma mariposa para o fogo.

— É uma forma estranha de colocar as coisas, mas não há como discordar.

— Ele falou de um cara chamado Michael.

— O que ele faz?

— Não faço a menor ideia. Mas Alex disse que esse Michael já passou da época de sair com todas as mulheres que encontra e quer a mesma coisa que Alex, um relacionamento. Está procurando a mulher certa, mas ainda não a encontrou.

— Pode me inscrever!

— Alex sugeriu sairmos para jantar, nós quatro.

— Pode contar comigo.

— Mas precisamos primeiro terminar o seu livro. Está satisfeita com ele?

Ela corou, mas isso normalmente acontecia quando falava sobre o próprio trabalho, especialmente se estivesse satisfeita com ele. — Acho que está bom.

— Quando poderei lê-lo?

— Você pode ler agora mesmo, no seu *Kindle*.

— Como vou ler no *Kindle* se ainda não revisei o livro?

— Ok, veja só. Quando Blackwell chegou na primeira manhã, viu o manuscrito na nossa velha mesa de café. Sem nem mesmo me consultar, leu algumas páginas e perguntou se eu gostaria que ela o desse a um dos editores na Wenn Publishing. Disse que, em vinte e quatro horas, teria o livro editado e revisado. E foi o que ela fez, recebi o livro de volta ontem. Não sei para quem ela entregou o livro, mas a pessoa fez um trabalho incrível e pensou em várias coisas que não me passaram pela cabeça. Trabalhei a noite passada inteira para fazer as alterações e, antes de dormir, transferi o livro que, agora, está disponível na Amazon.

— Dois dias e o mundo inteiro muda.

— Ficou chateada porque não deixei que você o lesse primeiro?

— Lisa, você conseguiu que um editor profissional revisasse o seu livro. Não, não estou chateada. Estou muito feliz por você. Isso não acontece com a maioria dos autores independentes. Mal posso esperar para ler. Como ele está se saindo?

— Na última vez em que olhei, estava subindo na lista, então veremos. Não quero olhar novamente, só mais tarde. Preciso deixar o assunto de lado por enquanto para que as coisas se desenvolvam sozinhas.

— Estou orgulhosa de você. É uma grande conquista.

— Agora, preciso começar o próximo livro. Amanhã mesmo.

— E preciso telefonar para Blackwell para agradecer por tudo o que ela fez aqui e por ter sido gentil o suficiente para ajudar você. Dê-me um segundo.

Fui até a cozinha e peguei o telefone de dentro da bolsa. Percorri a linha de contatos até encontrar a linha direta de Blackwell e disquei.

Ela atendeu no segundo toque.

— Jennifer — disse ela.

— Olá, srta. Blackwell.

— Lamento muito sobre o Maine.

— Eu também.

— Falei com Alex e sei que ele está determinado a compensá-la.

— Não é necessário.

— Sim, é. Nós duas sabemos disso, portanto, vamos simplesmente ser honestas uma com a outra e deixar por isso mesmo. Gostou do apartamento?

— É um dos motivos pelos quais estou telefonando. Você tem um excelente gosto. Não sei como dizer como foi inesperado nem quanto o apartamento é adorável. Sei que trabalhou muito para fazer tudo e queria agradecê-la pessoalmente.

— Foi um prazer. Você sabe como eu adoro estilo, seja enfiando esse seu traseiro em uma bela roupa ou decorando o seu apartamento. Não importa. Está no meu sangue. Eu não consegui aguentar a ideia de você acabar com um monte de lixo da Crate & Barrel. Minha nossa! Suponho que você tenha notado alguns toques que não foram meus.

— Sim.

— Ele pode estar ocupado agora, mas está pensando em você. E você precisa saber disso.

Eu queria perguntar a ela o que o preocupava, mas não perguntei. Aquilo a colocaria em uma situação difícil e, francamente, eu precisava ouvir do próprio Alex. — Também queria agradecer pelo que fez por Lisa.

— Também foi um prazer. Aqueles editores da Wenn Publishing passam a maior parte do tempo sem fazer nada, sonhando com os próprios livros, coisa que nunca acontecerá. É ridículo. Eles são um bando de preguiçosos. Eu queria dar algum trabalho a um deles e devo dizer que ela foi ótima. Espero que Lisa tenha ficado feliz com o produto final.

— Ela ficou encantada.

— Perfeito. Ela é uma boa garota. Por falar nisso, ainda bem que me telefonou porque eu pretendia telefonar para você. Alex tem uma oportunidade de ir a um evento hoje à noite e gostaria que você fosse com ele. Está livre?

A minha desculpa para dizer não desaparecera: o livro de Lisa estava editado e fora publicado *on-line*. Mas eu estava exausta e não estava disposta a passar pelo redemoinho de compras necessário para aqueles eventos. Eu disse isso à srta. Blackwell.

— Não se preocupe, já resolvi isso — respondeu ela.

— Como assim?

— Garota boba. Depois de dois vestidos, já tenho as suas medidas. Dei alguns telefonemas. Agora, tenho um armário inteiro de vestidos aqui para você. E sapatos. Espere até ver os sapatos. Eles são divinos. Só precisa vir até aqui hoje à noite, digamos, às seis, e encontraremos algo adequado. Bernie está de prontidão para arrumar o seu cabelo e maquiá-la, pois adora você. E, depois disso tudo, você poderá sair com Alex hoje à noite, o que acho que é importante.

— Você adora se meter, não é?

— Só estou encorajando o que acredito ser certo, Jennifer. Há uma diferença.

— Qual é o evento?

— É a festa de aniversário de Henri Dufort.

— O homem de negócios?

— Para colocar as coisas de forma leve. Dufort tem um dedo em tudo, particularmente na mídia emergente, que é uma das frentes em que a Wenn quer crescer. Alex vem tentando conseguir um momento sozinho com Dufort há meses, mas o homem é tão ocupado que é impossível chegar nele. Esse pode ser o momento de Alex. E ele acha que você poderá ajudar.

— Ele não mencionou nada disso hoje pela manhã.

— É porque ele não sabia de nada até voltar. Naturalmente, ele vai à festa. Precisa ir. E disse que gostaria que você o acompanhasse. Você vai?

— Por que ele mesmo não me telefonou?

— Ele está ocupado agora. Você vai?

— Eu trabalho para a Wenn — respondi. — Claro que vou. Vejo você às seis.

- Obrigada — disse Blackwell. — E, Jennifer, não ouse comer nada antes de vir para cá.
- Eu estava pensando em comer um saco de batatas fritas.
- Se fizer isso, vou pessoalmente pegar o meu carro...
- E comer uma pizza grande...
- E vou até aí...
- Estou brincando. Vejo você mais tarde.

Desliguei o telefone e fiquei parada na cozinha. *E o dia continua ficando mais esquisito*, pensei.

Contei a Lisa o que estava acontecendo, peguei o martíni, fui para o quarto e liguei o computador sobre a mesa que ficava virada para uma janela com vista para o Parque. Procurei no Google tudo o que havia sobre Henri Dufort. E, ao ler um artigo após o outro, o que descobri sobre ele e o império de mídia que comandava não só me deu uma ideia do homem e do que o levava a criar o império, como também possíveis formas para que a Wenn fizesse uma parceria com ele: se o tipo certo de negócio fosse oferecido de tal forma que relembresse a Dufort do começo como jovem empresário.

CAPÍTULO 15

Depois de chegar na Wenn, levada pela limusine, fui ao escritório de Blackwell, que ficava no 51º andar, e encontrei-a sentada à mesa mastigando um pedaço de gelo.

— Desculpe — disse ela depois de engolir. — Jantar.

— Que saudável.

— Que inteligente. Você devia aprender comigo.

Balancei a cabeça quando ela se levantou e aproximou-se de mim.

— Vire-se — mandou ela.

Eu me virei.

— Você parece bem. Passei duas noites sem dormir pensando em você no Maine comendo um monte de frituras. Todos os vestidos que encomendei foram feitos com as suas medidas anteriores. Não as medidas depois do Maine. Eu tinha certeza de que voltaria de lá gorda. Estou lhe dizendo, não consegui dormir pensando no que estava fazendo com o seu corpo.

— Também passei algumas noites sem dormir — retruquei. — Se fôssemos amigas, eu lhe diria exatamente o que foi feito com o meu corpo.

Ela apontou um dedo para mim. — Você é uma garota levada, Jennifer Kent. E tire esse sorriso do rosto, é informação demais para mim. Consigo lidar com muita coisa, mas não com isso. Eu disse a você que ele é como um sobrinho para mim. — Ela ergueu o olhar para o meu rosto. — E ele ficou muito feliz por você ter concordado em acompanhá-lo hoje à noite.

— Por que eu não iria? Com o livro de Lisa terminado, estou basicamente livre. Ele é meu patrão. Claro que eu iria com ele.

Ela se sentou na beirada da mesa. — Por que você está chateada?

— Você sabe por que estou chateada.

— Há algumas coisas que Alex precisa resolver por conta própria.

— Eu sei disso.

— Não, acho que não sabe.

— Havia guardas lá. Naturalmente, estou preocupada com ele.

— Eu entendo. Mas Alex é adulto e cuidará do que o está preocupando. Olhe. Se pretende ter um relacionamento com ele, precisará lhe dar tempo para se ajustar e ser paciente enquanto isso. Da mesma forma como ele é paciente com você. De certa forma, isso também é novidade para Alex. Faz quatro anos que Diana morreu. Se acha que é a única que está arriscando o coração, estou aqui para lhe dizer que não é assim. Ele também está. Você não está sozinha nisso, pare de agir como se estivesse. Não se esqueça disso.

— Algumas vezes, eu queria ter a sua perspectiva sobre a vida.

— Isso nunca acontecerá.

Revirei os olhos.

— Mas quer saber? Algumas vezes, eu queria ter a sua aparência. Mas não podemos ter tudo, podemos?

— Provavelmente não.

— Esta foi a coisa mais inteligente que saiu da sua boca desde que chegou aqui.

— Podemos ver os vestidos? — perguntei, mudando de assunto. — Estou morrendo de vontade de ver o que você andou aprontando.

— Você vai morrer. A pura arte da costura não chega nem perto de descrever o que preparei para você. Vamos para o seu vestiário. Está tudo lá, incluindo os sapatos.

Eu a segui para a sala de conferência que usávamos como vestiário improvisado e sala de maquiagem.

— Essa festa de aniversário é um evento sofisticado?

— Sofisticado? Você não faz ideia de como é sofisticado. Todos estarão lá. E, com isso, quero dizer todos os que importam em Nova Iorque neste momento. Para Henri, isso se resume a apenas cem pessoas, o que significa que ele deixou milhares de pessoas furiosas. Não que ele se importe. Os convidados foram instruídos a levar apenas um acompanhante. Portanto, espere uma multidão de duzentas pessoas, metade das quais você reconhecerá imediatamente por causa do seu interesse por esse mundo dos negócios. Essa será, de longe, a multidão mais influente com quem você já interagiu até hoje. Você precisará ser rápida. Haverá possíveis negócios por toda parte hoje à noite, particularmente o que ele quer fazer com Dufort. Alex vai realmente depender de você. Não só para ajudá-lo com Dufort, mas também para pensar depressa se notar um possível relacionamento para a Wenn com mais alguém naquele telhado.

— Telhado?

— A festa será no topo do prédio de Dufort na Quinta Avenida. Ele é dono da cobertura, que ocupa o andar inteiro e, como é dono do prédio, também é dono do telhado. E espere só até ver aquele telhado. Ele foi transformado em um dos jardins mais gloriosos da cidade. Haverá flores e folhagens por toda parte. Iluminação dramática. Vistas invejáveis da cidade. Inebriante.

— Agora estou animada.

— Os vestidos e os sapatos deveriam deixá-la animada.

— E deixam. A ideia do telhado também. Mas nada me anima mais do que fazer negócios no momento em que surgem. É a vida que eu sempre quis. Quero ir para lá agora.

— Obviamente, você terá que esperar. — Ela tirou um vestido do cabide e segurou-o à minha frente. — Acho que esse aqui.

Era um vestido preto simples e elegante, com linhas belas, mas sem enfeites. Não era nada parecido com o vestido *Gatsby*. Nenhum brilho. Muito pouco *glamour*. Nada chamava a atenção nele, com a possível exceção do decote sensual.

— Por que tão simples? — perguntei.

Ela pareceu ofendida. — Simples? Não é simples. É discreto.

— Então, por que tão discreto?

— Porque hoje à noite você é uma mulher de negócios. Uma mulher de negócios bem-sucedida. O penteado será um coque frouxo e a maquiagem será sutil, exceto pelos lábios que terão um tom vermelho vivo. Afinal de contas, você quer receber um pouco de atenção. As únicas joias que usará serão estas.

Ela abriu duas caixas da Tiffany. Em uma, havia um par de brincos de diamantes. No outro, uma pulseira adorável. Todos tinham o tipo de pedras brilhantes que sugeririam que eu atingira um alto nível de sucesso. Mas, sem nada no pescoço nem nos dedos, eu pareceria menos alguém mimada por Alex e mais a mulher de negócios inteligente que sempre quisera ser.

— Você é um gênio — disse eu.

— Você acha que não sei disso? Vamos, experimente. *Bernie sera ici dans un instant.*

— Como?

— Bernie estará aqui em alguns momentos. Você não aprendeu francês na escola? Jesus. Tire a roupa. Vamos. Preciso enfiar você em um par de Spanx. Só espero que o gelo que comi no jantar me dê a força necessária para isso.

* * *

Mais tarde, quando Bernie terminou, ele deu um passo para trás. Eu me olhei no espelho e sorri com o que vi. Em seguida, vi Bernie e Blackwell parados atrás de mim. Blackwell assentiu e eu me levantei.

— O que acha? — perguntei.

— Perfeição — disse Bernie. — Adorei, Jennifer.

— Vire-se para mim — disse Blackwell. — Isso mesmo. Agora, deixe-me ver suas costas. Ótimo. Vire de lado. Agora vire-se de novo para mim. — Ela levou a mão ao peito. — Bem — disse ela. — Está perfeito. Ela está adorável. Olhe só o que criamos, Bernie. Há seios suficientes à mostra para captar a atenção de qualquer homem no grupo, mas o resto todo está escondido para que ela possa fazer a mágica dos negócios. Ou sei lá o que ela faz. Foi a nossa melhor obra. Até os gays adorarão. E o mais importante é que ela parece uma profissional séria. Que pretende jogar sem ameaçar nem ser máscula.

— Ei, eu estou aqui — disse eu.

— Pare de ser tão sensível enquanto nós a admiramos. E olhe — disse Blackwell ao se virar para uma mesa atrás de si. — Não esqueci desta vez. Tenho um pequeno arsenal de bolsas para combinar com todos os vestidos naqueles cabides. Aqui estão. Pequena e preta, do mesmo tecido do vestido. E não pense que não tive que barganhar para consegui-las, porque tive. Mas valeu a pena. Você está muito chique. Devo dizer que fazer isso é uma das melhores partes do meu dia. Simplesmente adoro.

— Você é uma especialista em moda — disse Bernie.

— Sinto a atração da moda. Desde que era criança, quando evitava aquela loja de departamentos horrorosa que é a Sears, e que minha mãe preferia, eu ia à Bloomingdales, que ficava logo adiante.

— Como você aguentava? — perguntou Bernie.

— Era terrível, mas tento não pensar nisso. Só faria com que eu odiasse minha mãe ainda mais.

— Você tem um olho que poucos têm.

— Já me disseram isso antes, mas quem sou eu para julgar meu próprio trabalho?

— Uma verdadeira artista julgaria.

— Você acha?

— Eu sei. Já vi você em ação e sei o que consegue fazer.

— *Mon dieu. C'est mon destin.*

— Como é? — perguntei.

— É meu destino, Jennifer. Você realmente precisa estudar francês. É a segunda vez hoje à noite que não entendeu as palavras mais simples. E você está vestindo Dior, pelo amor de Deus, que é francês. Minha nossa!

Olhei rapidamente para Bernie. — *J'aime mes cheveux* — disse eu, tocando de leve no

penteado. — *Vous êtes un artiste. Un génie. Merci pour tout ce que vous avez fait.*

Olhei de novo para Blackwell, que estava de boca aberta. — São quase oito horas — disse eu em tom leve. — Preciso ir. Alex está esperando. Acabamos aqui?

— Você é uma trapaceira, Jennifer Kent.

— Primeiro, sou levada. Agora, sou trapaceira.

— Eu falei sério.

— *Très bien. Allons.*

* * *

No elevador, Blackwell me deu os conselhos normais antes de me dispensar. Era algo a que eu me acostumara e de que gostava, pois ela sempre me dava algo em que pensar.

Novamente, ela não me desapontou.

— Como está se sentindo?

— Animada.

— Para estar com Alex? Ou para fazer negócios?

— Os dois. Mas, sendo bem honesta? Tem mais a ver com mergulhar nas possibilidades do que pode acontecer hoje à noite. A ideia de conseguir fechar dois negócios, se tivermos sorte, é empolgante.

— Primeiro e mais importante, tem a ver com Henri. Se tiver a oportunidade, encante-o. Ele adora uma mulher bonita, mas adora ainda mais uma mulher inteligente. Por algum motivo desconhecido que não me atrevo a imaginar, você é as duas coisas. Acho que você pode ser a chave de que Alex precisa para conseguir a atenção dele. Se Alex conseguir atrair a atenção de Dufort por conta própria, só fique parada como um belo enfeite. Mas, se Dufort falar com você, seja envolvente.

— Entendido.

— E não quero dizer só com o decote, Jennifer. Ele notará seus seios, mas o que realmente perceberá é sua inteligência. Ele só está concentrado em levar o império dele para um nível mais alto. É o que mais importa para ele. É isso que quer ouvir. A Wenn pode oferecer isso. Alex tem uma ideia.

— Eu também.

— Você já conversou sobre isso com Alex?

— Não o vi desde que pousamos. Portanto, não, não conversei com ele.

— Talvez seja melhor.

— Não se preocupe. Se e quando eu oferecer a minha ideia, será depois de sondar a situação.

— Um dia, você ainda me matará.

— Mas preciso de você.

— Eu sei que precisa. É o que me faz continuar, mesmo depois de saber que você escondeu de mim o fato de que obviamente sabe francês. Aquilo foi muito cruel.

— Cruel?

— Sim, cruel. No seu nível, sei que um dia precisará falar francês com um dos contatos internacionais de Alex. Portanto, naturalmente, eu estava preocupada de que seria um fracasso. Mas não será, não é? Você me levou a um caminho sombrio de desespero com a sua suposta falta

de conhecimento de francês e, em seguida, surgiu com essa surpresa medonha de que sabia falar o idioma o tempo todo. Terrível.

— Você não preferiria de outra forma.

Ela me estudou por um momento e sorriu. — Acho que não.

— Deseje-me sorte.

— É claro. E lembre-se, Jennifer. Seja gentil com ele. Não importa o que está acontecendo na vida dele agora, ele está resolvendo. Não se prenda a detalhes tão pequenos. Aproveite o tempo com ele. Aproveite os momentos. Estou aqui para lhe dizer que eles não são frequentes. Achei que eu tinha tudo com Charles. E, então... divórcio. Se você não cuidar do que tem, tudo pode dar errado muito depressa. Mas, se forem bons um com o outro e respeitarem o espaço um do outro, poderão aproveitar esse tempo juntos. Não importa o quanto dure. E pode durar para sempre, quem sabe?

— Acho que você está sendo romântica demais, srta. Blackwell.

Ela ergueu a sobrancelha para mim quando as portas do elevador se abriram. Todos os sinais de humor que estiveram no rosto dela mais cedo sumiram. Ela ficou completamente séria. — O que você não sabe sobre mim, Jennifer, é que, apesar de tudo pelo que passei nos últimos meses, ainda tenho esperança. Ainda não desisti. É cedo, mas eu gostaria de encontrar alguém. Mesmo que, na minha idade, as chances não sejam muito favoráveis, ainda não desisti por completo. Na verdade, não desisti nem um pouco. Todos merecemos amor na vida. Todos usam aquele *clichê* horroroso de que o amor machuca, mas não é verdade. O verdadeiro amor não machuca. O verdadeiro amor é maravilhoso. É a solidão que machuca. E a rejeição. E perder alguém próximo. Todos confundem essas coisas com amor. Mas, na realidade, o amor é a única coisa neste mundo que compensa toda a dor e faz com que as pessoas se sintam maravilhosas novamente.

Eu a encarei espantada com a profundidade do que ela acabara de dizer.

— Agora, esqueça o que aconteceu entre você e Alex e desfrute de algum tempo com o homem que pode ser o certo para você.

CAPÍTULO 16

O elevador desceu até o 47º andar quase depressa demais para que eu me recuperasse. Quando as portas se abriram, Alex estava esperando, como sempre fazia. Mas as mãos dele não estavam nos bolsos, como normalmente ficavam, e ele não estava em uma posição tão relaxada. Na verdade, ele parecia tenso ao me ver.

— Fico feliz por ter vindo — disse ele.

— É o meu trabalho.

— Espero que seja mais que isso.

Eu lembrei de todas as coisas que Blackwell me dissera e amaciei. Sentia uma afeição profunda por ele e sabia que era errado escondê-la. Saí do elevador e beijei-o no rosto. — É claro que é.

— Você está adorável.

— Você já sabe como me sinto ao vê-lo de *black tie*. Diga-me por que está tão interessado em Henri Dufort. Tenho uma ideia, mas ele está envolvido em muitas coisas. Vejamos se estamos pensando na mesma coisa.

— Por que não começa?

— Está bem. Dufort é dono da Streamed que, essencialmente, é a Netflix do mercado global. Eles expandem o mais depressa que conseguem, mas o mercado global é o mercado global e há dezenas de portas fechadas. Minha pesquisa mostrou que Dufort está tendo dificuldades em entrar em alguns dos países onde a Wenn Entertainment já é uma empresa conhecida. Algumas vezes, Dufort tem sorte, mas, em outras, surgem obstáculos, provavelmente porque ele não tem os relacionamentos que a Wenn tem com esses países. Neste mundo, relacionamentos são tudo. Dufort sabe disso. A Wenn poderia fazer uma parceria com ele em um esforço para ir além da bobagem burocrática. E, se você conseguir fechar um negócio com Dufort que o deixe entrar nos países que ele quer dominar antes que seja tarde demais e outros capitalizem nesta ideia, a Wenn ganharia uma fortuna. Estou certa?

Ele não respondeu imediatamente. Em vez disso, simplesmente me encarou.

— Bem?

— Não é nada disso que eu tinha em mente.

Eu me senti derrotada. — Ah. — Eu não tinha certeza de como interpretar a expressão dele. Alex não dissera nada, mas eu estava certa de que estava desapontado comigo. Minha mente varreu as outras opções que eu considerara antes de conversar com ele. Uma delas era uma boa possibilidade e preparei-me para apresentá-la. — Desculpe, achei que essa seria a opção mais lógica. Mas tenho outras ideias.

— Você já tem a melhor ideia de todas. O que eu tinha em mente era sólido e possivelmente lucrativo, mas não chega nem aos pés do que você propôs. Em que países a Streamed está com dificuldades para entrar?

— Índia. China. Brasil. México. Há vários outros, em alguns dos quais a Netflix, maior concorrente da Streamed, está começando a desenvolver a presença. Esses mercados são os maiores e mais cobiçados e a Netflix começou a investir pesadamente neles. Mas ainda há tempo.

Antes que seja tarde demais e a Netflix estabeleça uma base, a Streamed poderia competir se juntasse forças com a Wenn logo, pois a Wenn Entertainment já tem relacionamentos com esses países e com muitos outros onde a Netflix ainda não entrou. Achei que, com os seus contatos, você poderia discutir uma parceria com Dufort que facilitaria a entrada dele. Imagino que ele apreciaria isso. E que pagaria muito bem, dando à Wenn uma participação significativa na Streamed.

— Como você teve essa ideia?

Dei de ombros. — Passei a tarde pesquisando. Dufort tem empresas muito maiores do que a Streamed, mas a transmissão de vídeo é onde está o dinheiro agora e onde ele estará daqui para a frente. É assim que o mundo verá filmes e programas de televisão daqui a algum tempo. É como livros eletrônicos. Eles estão tomando o lugar dos livros físicos porque é assim que a maioria das pessoas lerá daqui a algum tempo. A mesma coisa com música. Quando foi a última vez que você comprou um CD? Não comprou, você baixou. As estatísticas não mentem. A Streamed pareceu uma escolha natural para mim, enquanto que algumas das outras empresas de Dufort eram óbvias demais. A Streamed precisa e quer crescer. No mundo inteiro, ela tem o potencial de gerar bilhões. Mas está tendo dificuldades em conseguir isso e foi o motivo pelo qual optei por ela.

— Você tem uma ideia potencialmente vencedora.

— No que você estava pensando?

— Algo que o conselho propôs. Algo mais óbvio. Não importa agora. Usaremos a sua ideia.

— Mas o conselho espera algo diferente de você.

— E oferecerei as duas coisas a Henri, se achar que é a coisa certa a fazer. Se não achar, não mencionarei o que eu tinha em mente e usarei a sua ideia. O que você precisa entender sobre o conselho é que, apesar de ser sofisticado, não é exatamente muito avançado em se tratando de tecnologias emergentes. Ele é composto de um grupo de homens e mulheres mais velhos que não necessariamente entendem a importância da era digital. Eles entendem até certo ponto, especialmente em se tratando de música e talvez um pouco no que diz respeito à importância de livros eletrônicos, nem que seja por causa da Wenn Publishing. Mas ainda não chegaram lá, o que é compreensível. A Wenn Entertainment é apenas uma parte pequena da Wenn, não é nosso braço mais lucrativo. A atenção do conselho está em outro lugar. Como consultora, você foi contratada para me dar os melhores conselhos, o que fez. É minha opção como presidente decidir o que acontecerá hoje à noite. A Netflix é uma força na América do Norte, mas relativamente nova no mercado mundial. Aqui, é tolice desafiá-la. Mas no resto do mundo? Faz sentido porque a própria Netflix está só começando a se aventurar lá fora. A marca deles é conhecida aqui, mas não tanto em outros mercados. Ainda é nova o suficiente para que nós e Dufort possamos desafiá-la.

— Não quero enfurecer o conselho — disse eu.

— Quem se importa se o fizer? Você trabalha para mim. É uma decisão minha.

— Acho melhor irmos.

— Não antes que eu faça uma coisa.

Ele se aproximou, colocou a mão na minha cintura e beijou-me de leve nos lábios. Quando respondi, ele ficou mais intenso. Fechei os olhos e correspondi ao beijo até o ponto de começar a me perder nele. Alex me beijou novamente, mas eu me afastei e abracei-o com força, repousando a cabeça no ombro dele.

— Eu preciso de você, Jennifer — disse ele baixinho.

— Eu lhe devo um pedido de desculpas — disse eu. — Desculpe por ter estado distante hoje. No Maine, subitamente havia guardas por toda parte. Você continuou falando com eles durante

nossa última noite juntos. Eu estava tão preocupada com você, Alex, que cheguei a passar mal. Você não conversou comigo sobre o assunto. Quando aquilo aconteceu, não sei o motivo, meu instinto foi recuar. Desculpe pela forma como eu agi.

— Não precisa se desculpar. Há coisas que acontecem na minha vida que podem parecer assustadoras, mas só se você não souber como são rotineiras. Decidi protegê-la disso.

— Que coisas?

— Não importa.

— Importa para mim.

— Digamos apenas que o que aconteceu nos últimos dois dias acontece comigo com frequência. No momento, está tudo sob controle. Só preciso que confie em mim caso eu precise lidar com certas coisas por conta própria. Não estou tentando mantê-la afastada. Estou tentando evitar que se preocupe com coisas que estão sendo resolvidas. São coisas com as quais você não precisa de preocupar.

— Algum dia você me contará tudo?

— Sim, claro. Um dia, não terei outra opção além de lhe contar tudo.

— E quando será isso?

— Quando eu me casar com você — disse ele.

CAPÍTULO 17

Na limusine, sentamos próximos um do outro. Minha mão segurava a dele e minha mente ainda girava por causa do que ele dissera um minuto antes. Ele estava considerando casamento? Desde quando? Não devíamos namorar por alguns meses antes de chegar àquele ponto?

Preciso muito conversar com Lisa.

— As coisas mudaram desde a última vez em que saímos publicamente — disse eu. — Agora sou uma consultora contratada, não uma acompanhante. Como agiremos? O que somos hoje à noite? Porque será um pouco estranho se a sua consultora estiver de mãos dadas com você. Só preciso saber o que espera de mim.

— Você é minha namorada e minha consultora. No que me diz respeito, nada mudou. Sei que não está pronta para a palavra "namorada" e provavelmente eu a assustei agora há pouco ao falar sobre casamento. Mas é assim que me sinto sobre você e sobre o nosso relacionamento e falei sério. — Ele sorriu para mim. — E estou convencido de que, mais cedo ou mais tarde, você pensará da mesma forma.

— Você parece terrivelmente confiante.

— É porque estou. Eu não esperava que isso acontecesse de novo na minha vida, mas aconteceu. Estou feliz por isso. E farei o que for preciso para que veja que estou certo.

Ele se inclinou, beijou-me nos lábios, beijou meu pescoço e baixou a cabeça ainda mais em direção aos seios.

— Alex...

— É só um beijo.

— Mas você não pode fazer isso comigo agora. Ficarei um desastre se começar.

Ele segurou um dos meus seios e massageou a ponta do mamilo enquanto beijava minha orelha de leve. *A barba por fazer de novo. Isso vai acabar comigo.*

— Por favor... — implorei.

— Vai ficar comigo mais tarde? No meu apartamento?

— Você sabe que sim. Mas não aqui. Não posso ficar com a cabeça nas nuvens, que é o que você está fazendo comigo.

Ele colocou a mão no bolso do casaco e tirou um pedaço de papel dobrado. — Isso é para mais tarde — disse ele, entregando-me o papel. — Coloque-o na bolsa por enquanto. Sempre que duvidar de como me sinto a seu respeito, leia isso. As palavras de Steinbeck são perfeitas. Copiei uma passagem do livro de cartas dele. Está tudo aí. Tudo o que sinto por você e sobre nós. Leia quando estiver pronta.

Eu queria ler o papel naquele momento, mas ele continuou a beijar meu pescoço. Senti o cheiro do perfume dele que, agora, parecia fazer parte de mim. Algumas vezes, quando eu não estava com Alex, o cheiro dele era uma das coisas de que mais me lembrava. E, naquele instante, ele estava dentro de mim.

— Estamos quase lá — disse eu.

— Você está quase lá?

Eu ri. — Não! Quer dizer, talvez. Se continuar fazendo isso, estarei. Mas estamos quase lá. Nossa, como isso é gostoso. Ok. Pare. Preciso me concentrar. Não posso cair para fora do carro quando chegarmos. E, se não parar com isso, é o que vai acontecer.

— Você acha que consigo me concentrar nesse momento? — perguntou ele. Alex pegou minha mão, pressionou-a entre as pernas e eu senti a ereção dele. Ele me provocava, mas eu podia provocá-lo também. *Muito bem*, pensei. *Vejamos se ele consegue se recompor depressa*. Comecei a acariciá-lo sobre a calça e, quando Alex jogou a cabeça para trás, segurei-o com força, dando a ele o mesmo tipo de prazer que me dera.

— Pare — disse ele.

— Por quê?

— Porque já entendi.

— Não quer cair para fora do carro?

— Não sei se posso sair do carro deste jeito.

— Você começou.

— Comecei mesmo. Pode me culpar?

— Só espero que consiga esconder isso quando sair do carro — respondi, soltando-o. — Você vai ficar parecendo uma barraca.

— Posso dizer o mesmo dos seus mamilos.

— Você é terrível. — Peguei a bolsa, vi o bilhete sobre ela, coloquei-o no interior e fiquei imaginando novamente o que haveria nele. *Mais tarde*. Peguei o pó de arroz e acendi a luz do teto. — Ah, Bernie — disse eu. — Ele ficaria furioso se me visse agora. — Retoquei o rosto e o batom. Olhei para Alex que estava se ajeitando dentro da calça.

— Está apertada?

— Você nem imagina.

— Na verdade, tenho uma ideia muito boa.

Ele sorriu para mim.

— Deveríamos agir como adultos — disse eu, sorrindo.

— Ah, certo. É mesmo. Bem, dane-se se significa que não podemos fazer isto.

— Quer deixar os abraços para mais tarde?

— Muito engraçadinha. Por falar nisso, quero fazer muito mais do que isso.

— Parece que chegamos — disse eu quando a limusine reduziu a velocidade e parou perto do meio fio. — Está pronto?

— Ainda não estou mole o suficiente.

— Problema seu — disse eu.

— Você deveria me ajudar.

— Sério? Essa coisa tem mente própria. Você devia se sentir orgulhoso. Saia do carro e exiba esse negócio.

— Você é incorrigível.

— Olhe só quem está falando.

O motorista abriu a porta e *flashes* começaram a explodir na multidão de repórteres e *papparazzis* parados ao longo do caminho. Estendi a mão para o motorista e tentei sair do carro da forma mais elegante possível, apesar do comprimento do vestido e da excitação que sentia. Logo depois, Alex saiu do carro e, apesar de acenar para a multidão, ficou parado atrás de mim pelo que imaginei ser um motivo muito bom.

— Consegue caminhar? — perguntei por sobre o ombro.

— Por muito pouco.

— As ações da Wenn chegariam às nuvens se você revelasse ao mundo o que tem dentro da calça.

— Muito engraçado. Por falar nisso, são seus mamilos que aparecerão nas manchetes amanhã, meu amor.

— Não me importo. É culpa do percurso até aqui.

Por impulso, eu me virei e beijei-o nos lábios. Nossos corpos foram envolvidos em uma quantidade inimaginável de luz. Homens e mulheres nos chamavam. Eles não me conheciam ainda, mas certamente conheciam Alex e pediram que ele se virasse para um lado e para o outro. Para minha surpresa, ele me manteve a seu lado. Posamos para fotografias e, em seguida, ele devolveu meu beijo de tal forma que eu sabia que muitas daquelas fotografias estariam por toda parte na manhã seguinte.

E o que o conselho da Wenn pensará disso? , pensei.

CAPÍTULO 18

Quando as portas do elevador se abriram e chegamos ao telhado, o lugar estava repleto e uma orquestra tocava no lado oposto. Estávamos mais compostos do que antes e Alex segurou minha mão ao entrarmos em um cenário de conto de fadas.

Como Henri Dufort conseguira criar os jardins que eu via diante de mim? Levar a terra necessária devia ter sido uma operação imensa, sem falar das árvores, dos arbustos em flor e da grama que eu via.

Àquela altura, a vista da cidade era magnífica. O melhor era que, provavelmente pelo fato de o prédio ser protegido pelo Parque, que ficava do outro lado da rua, não ventava muito. Em vez disso, havia apenas uma brisa leve que balançava suavemente as árvores e fazia com que a metade inferior do meu vestido parecesse quase etérea ao esvoaçar em ondas em volta das minhas pernas.

Um garçom parou do nosso lado com uma bandeja de prata cheia de taças de champagne. Alex pegou duas delas e bebemos enquanto andávamos pelos caminhos rodeados pelos jardins. O espaço era imenso e cuidadosamente planejado. Os jardins eram espetaculares, mas não atrapalhavam o objetivo principal do lugar: o entretenimento.

— Isto é incrível — disse eu a Alex.

— Vi muitos telhados impressionantes, mas devo admitir que não se vê algo assim todos os dias.

— Como ele conseguiu fazer isto?

— Procure no Google. O *Times* fez uma matéria grande sobre o jardim quando ele foi concluído. Todos os detalhes estão lá. É uma boa leitura. — Alguma coisa atraiu o olhar dele, que levou a taça aos lábios. — Merda — disse ele.

— O que foi?

— Sua velha amiga Tootie Staunton-Miller está aqui. Ela e o marido, Addy, estão vindo na nossa direção.

— Bem, pelo menos, eu gosto de Addy.

— Não há nada de desagradável nele. Mas ela? É uma víbora.

— Estou pronta para ela.

— Precisarás estar.

— Alex! — disse Tootie ao cobrir a distância até nós. Ela usava um vestido de noite azul-marinho justo que, mesmo na idade dela, não mostrava um quilo extra no corpo, que estava em muito boa forma. Ela beijou de leve o rosto de Alex e fez questão de me ignorar. — Você está mais bonito do que nunca — disse ela.

— Olá, Tootie. Addy — disse Alex.

— É um prazer ver você, Alex — respondeu Addy. — E você também, Jennifer. Cada vez que a vejo, você está mais linda.

— Obrigada, Addy. Você também está muito bonito.

— Obrigado — disse ele, ignorando o olhar desaprovador da esposa. — É uma festa maravilhosa. Chegamos logo depois de vocês.

— Sim — comentou Tootie. — Foi uma bela exibição de afeição que vimos quando vocês saíram do carro. Tudo capturado pelas câmeras. Tudo calculado para a imprensa.

— Como? — perguntou Alex.

— Nada, nada. Desculpe, desculpe. — Ela me olhou de relance. — É que é tão incomum ver esse tipo de coisa neste tipo de evento. A maioria de nós evita a imprensa. Quase engasguei quando vi vocês dois agarrados tão romanticamente.

— Não há nada de errado com espontaneidade — retrucou Alex. — Nem com romance. Eu gostei. Tootie, você se lembra de Jennifer?

— Como eu poderia esquecer Jennifer? Olá, olá.

Levantei a taça de champagne. — Efervescente como sempre, Tootie.

— Sem dúvida. É um bonito vestido. — Ela olhou diretamente para o meu decote. — É quase simples demais para você. Quem desenhou?

— Dior.

Ela fez um gesto no ar com a mão. — Dior, Dior. Na última vez em que a vi, você usava um Dior. Precisa experimentar mais, Jennifer.

— Na última vez em que a vi, eu usava um Valentino.

— Ah. Eu não...

— Não se lembra? Não se importa? Não faz a menor diferença para mim. De qualquer forma, eu andei experimentando. Você devia ver o que ando vestindo. Mas não viu. Acho que não frequentamos os mesmos círculos, Tootie. Estou começando a achar que estamos a um mundo de distância. Pelo menos em alguns níveis.

Ela ficou furiosa com aquilo.

— Acabamos de voltar de uma viagem breve ao Maine — disse Alex, fazendo o possível para quebrar a tensão.

— Maine — retrucou Tootie. — Isso mesmo. É de onde você é, não, Jennifer? Do interior, não é isso?

— Isso mesmo, Tootie. Do interior.

— Consigo entender por que saiu de lá. Manhattan tem muito mais a oferecer.

— Manhattan tem suas vantagens. Mas o Maine? Adoro o Maine.

— É mesmo? Até o interior?

— Até o interior. As pessoas são reais lá. Ninguém é falso nem finge ser algo que não é. Você pode ir a qualquer lugar e sentir-se bem-vinda, não julgada. Nunca julgada. Adoro o Maine por esse motivo.

— Que interessante.

— É interessante?

— Eu acho.

— Então isso que é interessante. Quanto à costa do Maine, da qual você provavelmente gostaria, é uma história totalmente diferente. Os Rockefellers têm várias propriedades lá. Os Morgans e os Vanderbilts também. E obviamente os Astors e os Fords, que têm propriedades lá que a deixariam sem fôlego, Tootie. Ou talvez não, quem sabe o que a impressiona? Além disso, uma boa parte de Hollywood mora lá, apesar de eu duvidar que você se importe com eles, pois nenhum está na sua lista de pessoas importantes. Ainda assim, você entendeu. O Maine atrai as pessoas para a costa. É especial. E, se não quiser se desapontar com o Maine, como acho que aconteceria se, por algum motivo, você se perdesse no interior, por exemplo, só precisa saber aonde ir. Por exemplo, o oceano não fica muito longe de onde eu morava. Em Bar Harbor, há um lugar

fantástico, chamado Thunder Hole. Você deveria conhecê-lo, Tootie.

— Soa como algum parque temático horrroso para crianças.

— Na verdade, é uma exibição impressionante da natureza. Quando a maré sobe, há uma explosão furiosa, quase violenta de água que sobe em direção ao céu. Acho que você adoraria.

— Não sei o que quer dizer com isso.

— Não importa.

— Alex conheceu a sua família enquanto estavam lá? Eu adoraria ouvir sobre isso.

— Fomos para o Point — respondeu Alex. — Você se lembra de nossa casa lá, Tootie. Foi lá com a mamãe várias vezes. Talvez há uns vinte anos. Jennifer e eu decidimos visitar a casa e passar algum tempo sozinhos.

— Soa muito romântico — disse Addy, claramente irritado com a esposa.

— Foi, sim, Addy.

— Só imagino como foi romântico — retrucou Tootie.

Eu provavelmente levaria uma bronca mais tarde, mas não me importei. Aproximei-me um pouco mais dela e disse: — Você não faz ideia. Ainda estou meio dolorida.

Ela ficou de boca aberta e vi Addy tentar reprimir um sorriso. Alex tomou um longo gole de champagne e segurou minha mão.

— Foi muito bom ver você, Addy — disse eu.

Os olhos de Addy brilharam. — É sempre um prazer ver você, Jennifer.

— E você, Tootie. Ver você é sempre uma curiosidade.

— O que isso significa?

Decidi deixar que ela descobrisse por conta própria. Alex e eu começamos a andar na direção da multidão. — Aproveitem a noite — disse eu.

CAPÍTULO 19

— Thunder Hole? — perguntou Alex com voz divertida ao andarmos pela multidão. — Mesmo?

— Eu adoraria jogar ela lá. Obviamente, ela não gosta de mim.

— Eu diria que é mútuo.

— Se ela tivesse sido civilizada comigo na primeira vez em que nos encontramos, eu nunca teria me comportado dessa forma. Mas ela não foi. Foi esnobe. Olhou para mim de cima. Lembra disso? Não sou importante. Ah, ela me tira do sério. Espero não ter envergonhado você.

Ele apertou a minha mão. — Na verdade, tive vontade de rir algumas vezes. E Addy também, vi isso no rosto dele. Ela é uma mulher medonha, sempre foi. Provavelmente, esse é um dos motivos pelos quais ela e a minha mãe eram tão amigas. Pessoas medonhas atraem outras pessoas medonhas. Nunca gostei dela. — Ele aproximou o rosto do meu ouvido. — Está mesmo dolorida ainda?

— Não tão dolorida.

— É bom saber.

— Safado. Então, onde está Dufort?

— Atendendo à corte logo ali. Consegue ver? À sua direita. Parece que ele está sentado em algum tipo de poltrona dourada antiga.

— Parece um trono. E por que não? Ele é o rei hoje à noite. Quantos anos ele está fazendo?

— O convite dizia sessenta anos. Mas todos aqui sabem que ele tem pelo menos setenta. Mas devo admitir que ele parece muito bem para a idade.

— Ele provavelmente usa toxinas.

— Ele usa o quê?

— Botox. Toxinas.

— Você está de bom humor hoje — disse ele. — Gosto de você assim. Significa que será divertida na cama mais tarde.

— Você realmente precisa se concentrar, Alex. Isso foi uma consultoria. Estou fazendo jus ao meu salário.

— Entendido.

Parei de andar e fiquei séria. — Olhe quem mais está aqui.

— Quem?

— A uns trinta metros à nossa frente. À sua esquerda. Darius Stavros e o filho dele, Cyrus. Acho que deveríamos ir até lá cumprimentá-los.

— Eu prefiro que Cyrus fique bem longe de você.

— Já passamos desse ponto, não passamos?

— Acho que sim.

— Você não precisa se preocupar com Cyrus nem com ninguém mais.

— Por quê?

— Porque estou com você.

Ele apertou minha mão com mais força. — Você não diz isso o suficiente. Não sabe o quanto

isso significa para mim. Estou tentando convencê-la a chegar mais perto de mim, mas você continua criando barreiras.

— Não fiz isso durante o fim de semana.

— Não quero dizer fisicamente. Mental e emocionalmente.

— Alex, você é o único homem em quem eu já estive interessada. Você é o único homem com quem eu estive. Isso não lhe diz nada?

— Sim, diz.

— Isso deveria lhe dizer tudo de que precisa para saber qual é a minha posição sobre este relacionamento. Vamos aproveitar o que temos. Deixe-me trabalhar meus problemas de confiança. Quanto mais eu ficar com você e mais suaves as coisas ficarem, mais as minhas barreiras cairão. Mas, neste momento, estamos aqui e estou feliz de estar aqui. Estou ansiosa pelo que acontecerá mais tarde, depois da festa, quando estivermos sozinhos. Mas, agora, estamos trabalhando. Como sua consultora, e não estou brincando, precisamos ir até lá fazer nosso trabalho. Por causa de Cyrus, você conseguiu o negócio com a Stavros Shipping. Precisamos ir até lá e cumprimentá-los para manter todos felizes. Assim, quando chegar a hora de renovar o contrato, conseguiremos fazer isso sem problema algum.

— Você tem razão — respondeu ele. — Vamos lá.

Senti o celular vibrar na bolsa, provavelmente por causa de uma mensagem de Lisa. — Só um segundo — disse eu. — Ela sabe que estou aqui e nunca interromperia se não fosse importante. Deixe-me ver o que é. — Coloquei a taça de champanhe sobre a mesinha ao lado.

— Não se apresse. Não estou com pressa nenhuma de falar com Cyrus.

— Cyrus é nojento, mas foi ele que lhe deu o negócio — retruquei ao pegar o celular.

— Foi mesmo.

Liguei o telefone e vi que não era uma mensagem de texto, mas um e-mail enviado à conta corporativa que eu tinha na Wenn. A linha de assunto dizia: "Morta em breve. Talvez hoje à noite. Talvez amanhã. Ou não. Mas em breve." Eu não reconheci o endereço do remetente e estava prestes a apagar a mensagem quando notei que havia um anexo. Por curiosidade, cliquei nela e uma fotografia do momento em que eu saí da limusine ao chegarmos lá mais cedo encheu a tela. Senti um calafrio.

— Ela está bem? — perguntou Alex.

— Não é de Lisa.

— De quem é?

— Eu não sei.

Ele se virou para mim. — Você parece tensa. Há algo errado?

Eu precisava de tempo para processar aquilo e não queria distraí-lo antes que ele falasse com Dufort. Mudei de assunto. — Vamos cumprimentar Darius e Cyrus. Depois você pode fazer a sua mágica com Darius. E depois podemos voltar para o seu apartamento.

— O que você acabou de receber?

Apesar de estar nervosa, ainda não queria dividir aquilo com ele. Portanto, mantive o foco no trabalho. — Depois eu lhe conto, mas o tempo está passando. Temos um trabalho a fazer. Você conseguirá esse negócio com Dufort. Ou, pelo menos, você o deixará tentado. Vamos — disse eu, colocando o telefone na bolsa e forçando-me a relaxar. Eu estava abalada, mas não podia demonstrar. Sorri para ele. — Vamos acabar logo com isso para podermos voltar para casa e terminar algumas coisas inacabadas.

Trinta minutos mais tarde, depois de terminar a conversa com Darius e Cyrus, Alex conversou com Dufort enquanto eu observava a multidão.

Reconheci muitos dos convidados pelas fotografias no *Times*, no *Journal*, na televisão ou na internet, mas também reconheci dos outros rostos na multidão, um dos quais me olhava com hostilidade aberta.

Era Immaculata Almendarez. Alex a dispensara na festa de arrecadação de fundos no Museu Nacional de Arte quando ela tentara nos separar, fazendo com que sentássemos perto dela para que pudesse flertar com ele. O plano dela falhou miseravelmente quando Alex lhe deu uma bronca e levou-nos para outra mesa. Aqui, ela estava com um senhor mais velho que parecia familiar. Logo depois, eu o reconheci. Era Richard Gould, presidente da AT&T.

Afastei o olhar dela e olhei para Gordon Kobus, cuja companhia aérea Alex se preparava para tomar. Ele conversava com uma loira bonita, com metade da idade dele, confirmando a reputação de *playboy* que Alex dissera ser algo notório.

Eu o observei por um momento e fiquei surpresa quando ele voltou a atenção para mim. O rosto dele não mostrou surpresa ao me ver, o que sugeriu que ele já tinha visto Alex e eu. Ele manteve meu olhar enquanto a boca se apertava em uma linha fina de ódio. Eu não fizera nada para o homem, mas, pelo jeito, minha associação com Alex era suficiente para que Kobus não gostasse de mim, especialmente porque ele sabia que Alex estava conversando com a equipe de gestão dele em um esforço para que o negócio transcorresse de forma suave.

Será que um deles me mandou aquele e-mail? Ou veio de outra pessoa que está aqui no telhado? Perguntei a mim mesma se não estava sendo paranoica. Certamente, as pessoas naquele lugar tinham coisa melhor para fazer do que enviar ameaças.

Será mesmo? No decorrer dos anos, desde que assumira o controle da Wenn, Alex fizera vários inimigos. Ele passara por diversas aquisições hostis e, ao fundir a empresa com outras, deixara muitas pessoas sem emprego em uma economia que já era difícil.

Apesar de todos parecerem amigáveis naquela noite, com a exceção de Immaculata e Kobus, eu conseguia sentir uma aura tóxica, provavelmente porque ainda era uma estranha e não estava acostumada com os joguinhos deles. Dufort convidara os homens e as mulheres mais poderosos da cidade para a festa de aniversário, todos altamente competitivos que sabiam que, a qualquer momento, qualquer um naquele telhado poderia ser virar contra eles de tal forma que os levaria à ruína.

Talvez agora, mais do que nunca, eu via a vida profissional de Alex como ela era e não gostei nem um pouco. Pelo menos, não a parte social dela. Trabalhar nos bastidores como consultora era outra história. Fazia muito sentido, pois eu sabia que poderia ajudá-lo. Mas era a terceira vez que eu ia a uma festa com ele para ser diminuída por uma pessoa esnobe, um concorrente ou uma mulher que queria Alex para si. Eu nunca participara daquele tipo de jogo, mas, sem dúvida, era uma coisa comum naquele meio.

Olhei para Alex e vi, com uma sensação de alívio, que ele tinha a atenção de Dufort. O homem ouvia intensamente e assentia com frequência enquanto Alex falava. Todos eram bons sinais. Torci para que Alex tivesse atraído Dufort o suficiente para conseguir uma reunião com ele.

Um garçom parou ao meu lado e perguntou se eu gostaria de um canapé, mas recusei. Olhei em

volta com uma sensação de cinismo que não sentiria ao chegar, e por um bom motivo. Desde então, tivera que lidar com o e-mail e, depois, com os olhares duros de Immaculata e Kobus.

Pensei no e-mail e fiquei convencida de que viera de alguém que estava lá naquele momento ou de alguém que obviamente queria atingir Alex usando-me como alvo. A pessoa que o enviou esperava que eu mostrasse o e-mail a ele por aquele motivo, mas será que eu deveria fazer isso? Alguém estava seriamente pretendendo me matar? Agora que tivera tempo de refletir, a ideia parecia absurda. O que inicialmente parecera uma ameaça genuína, agora parecia um trote barato com o qual eu não deveria me preocupar.

A pessoa que o enviara não precisava ser nenhum gênio. Eu estava no site da Wenn. Meu endereço de e-mail estava listado lá. Se, por qualquer motivo, alguém quisesse atingir Alex ameaçando-me, tinha tudo de que precisava: meu endereço de e-mail, uma fotografia tirada no momento em que chegamos à festa e uma ameaça de morte. Enquanto Alex continuava a conversar com Dufort, decidi aproveitar o restante da noite e tratar o e-mail como uma tentativa de me fazer abaixar a guarda e, possivelmente, de fazer o mesmo com Alex.

Bem-vinda ao mundo dos grandes negócios, pensei. Talvez seja sobre isso que Alex estava falando ontem quando disse que o que estava acontecendo era normal e estava sob controle. Talvez isso seja meu novo normal. Talvez eu precise aceitar isso.

Pensei no bilhete que Alex me entregara. Enquanto ele estava com Dufort, finalmente vi a chance de lê-lo. Fiquei de costas para Alex, tirei o bilhete da bolsa e desdobrei o papel. Fiquei surpresa ao ver como era longo. Não era um bilhete, e sim uma carta. Com uma sensação de agitação, comecei a ler.

No topo da página, ele escrevera à mão: "Isto é de Steinbeck: *Uma Vida em Cartas*. É um dos meus livros favoritos. Quando estávamos no Maine, sempre que eu a via ou pensava em você, lembrava-me dele, pois estou apaixonado por você, Jennifer. Steinbeck escreveu esta carta para uma amiga. A carta me lembrou novamente de como a vida é curta. Não que eu precise ser lembrado disso depois do que aconteceu com Diana. Mas, ainda assim, eu queria que você soubesse como me sinto. Eu sei agora que a vida é curta demais para não lhe dizer. Para mim, não há vergonha em dizer exatamente como me sinto sobre você, e sobre nós, mesmo que não sinta o mesmo."

Coloquei um dedo nos lábios e fechei os olhos. Nunca um homem dissera que estava apaixonado por mim. E ele dissera aquilo em uma carta de forma intencional. Significava que eu poderia sempre reviver aquele momento. Ele não queria que fosse algo de que eu lembraria vagamente. Queria que fosse algo tangível que eu tivesse sempre que quisesse. Não consegui processar meus próprios pensamentos nem sentimentos naquele momento. Eles estavam confusos. Em vez disso, comecei a ler.

"Há vários tipos de amor", começava a passagem de Steinbeck. "Um deles é uma coisa egoísta, malvada, possessiva que usa o amor para a autoimportância. Este é o tipo feio e que prejudica. O outro é um transbordamento de tudo que há de bom em você, de gentileza, consideração e respeito. Não só o respeito social, mas o respeito maior, que é o reconhecimento de outra pessoa como única e valiosa. O primeiro tipo pode deixar uma pessoa doente, pequena e fraca. Mas o segundo pode liberar a força, a coragem, a bondade e até mesmo a sabedoria que você não sabia que tinha.

"Você disse que não é um amor infantil. Você o sente profundamente – claro que não é um amor infantil.

"Mas não acho que me perguntou o que você sentia. Sabe disso melhor do que ninguém. O que

queria era que eu ajudasse você sobre o que fazer. E isso eu posso lhe dizer.

"Para começar, sinta gratidão. Fique muito feliz e agradeça.

"O objeto do amor é o melhor e o mais lindo. Tente corresponder a isso.

"Se você ama alguém, não há dano possível em dizê-lo. Você só precisa se lembrar de que algumas pessoas são muito tímidas e, algumas vezes, dizê-lo precisa levar essa timidez em consideração.

"Mulheres sabem ou sentem como alguém se sente, mas normalmente gostam de ouvir.

"Algumas vezes, o que você sente não é retribuído, por um motivo ou outro. Mas isso não faz com que o seu sentimento seja menos importante e bom."

Ele terminou o bilhete com: "Para mim, o amor que sinto por você é do segundo tipo. Digo isso a você agora não porque não queira dizê-lo pessoalmente, pois pretendo dizer em breve, mas para que tenha uma carta de amor minha. As pessoas não escrevem mais cartas de amor, mas acho que elas são importantes. Acho que cartas entre amantes são românticas. Elas podem definir um relacionamento. Erguê-lo. Quero que saiba, por escrito, o quanto você significa para mim. Com o tempo, espero que sinta o mesmo. Espero ansiosamente esse dia. Eu amo você, Jennifer. Agora, você sabe disso. Amo você, Alex."

Meio zozna, dobrei o bilhete cuidadosamente e guardei-o na bolsa. Respirei fundo e olhei para a cidade, que pareceu suspirar com uma brisa que me envolveu. Meu coração disparou. Naquele momento, a voz do meu pai começou a resmungar e roubar minha felicidade, mas eu o empurrei para longe com uma força que nunca tivera. Eu neguei a ele acesso àquele momento. Eu o impedi de chegar perto de mim e tranquei a porta para que não conseguisse mais entrar. Estava determinada a saborear aquela carta sem ser interrompida pelo bêbado corrupto e abusivo que fora meu pai.

Eu amava Alex? Não sabia com certeza. O que era o amor? Era um conceito estranho para mim, pelo menos o amor romântico. Steinbeck não falou de sexo ao falar sobre amor. Em vez disso, fora diretamente ao significado do amor, dizendo que o melhor tipo lhe dava força, coragem, bondade e até mesmo sabedoria. E estar com Alex era assim.

Estou apaixonada por ele?

Antes que eu pudesse responder à pergunta, Alex se aproximou e passou o braço pela minha cintura. A presença súbita dele me assustou, mas eu me controlei. — Você me assustou — disse eu.

— Desculpe. — Eu me virei para ele, que parecia contente. Alex me deu um beijo de leve no rosto e perguntou se eu estava pronta para ir embora.

— Vamos ficar mais um pouco.

— Mas você disse que queria ir embora.

— Mudei de ideia. As pessoas estão dançando ali perto da orquestra. Que tal uma dança e depois vamos embora?

— Eu adoraria dançar com você de novo.

Estou apaixonada por você?

— Primeiro, como foi com Dufort?

— Ele ficou intrigado. Sabe que a Wenn Entertainment tem presença nos países em que não consegue entrar. Vamos nos reunir na sexta-feira. Acho que conseguiremos entrar em um acordo.

— Isso é fantástico.

— Foi você quem teve a ideia.

— E você quem a vendeu a ele.

— O que faz com que sejamos uma equipe incrível.

— É verdade.

E era. De tantas formas.

— Mais tarde, quero que me conte sobre a ideia que você teve — disse eu. — Naquela reunião, talvez seja uma boa ideia mencioná-la. Por causa dos seus contatos, haverá uma boa vontade entre vocês dois. É uma oportunidade de fazer mais negócios.

Ele abaixou a voz e colocou a boca perto do meu ouvido. — Você sabe que oportunidade eu quero? A de estar com você.

— Ora, ora, que mudança de assunto.

— Estou falando sério.

— Provavelmente, é melhor não fazer isso aqui. Immaculata está aqui e está jogando facas em mim com o olhar desde que você começou a conversar com Dufort.

— Immaculata está aqui?

— Mmm-hmm. Está com Richard Gould.

— O Richard Gould da AT&T?

— Isso mesmo.

— Então foi assim que ela conseguiu entrar. Muito bem, deixe que ela se perca nele. Não me importo nem um pouco. Vamos dançar. E depois vamos sair daqui. Quero você em cima da cama. Há inúmeras coisas que quero fazer com você. E dizer a você. Na verdade, você vai achar que foi atropelada quando eu terminar.

Engraçado, pois eu já me sentia assim.

CAPÍTULO 20

Quando saímos da festa depois de uma valsa, durante a qual Immaculata fez questão de se afastar do companheiro e assistir abertamente, Alex enviou uma mensagem para o motorista de dentro do elevador e, em seguida, encostou-me em uma das paredes. Era uma longa descida até o saguão e ele usou cada segundo dela para passar as mãos no meu corpo, além de se ajoelhar, levantar meu vestido e beijar minhas partes íntimas.

— Daqui a uns quinze minutos, vou lambar você bem aqui — disse ele, beijando o local a que se referia. — E aqui. E talvez aqui quando você já estiver toda molhada. Na verdade, vou sim. Minha língua certamente vai entrar em você. — Ele olhou para mim. — Mas por que esperar quinze minutos quando posso ter você agora?

Em um piscar de olhos, ele se virou e apertou um botão que parou o elevador. Provavelmente sabendo que não tinha muito tempo até que soasse o alarme, ele se ajoelhou novamente, levantou o vestido, puxou a calcinha para baixo e cobriu-me com a boca. Ele pressionou a língua contra minhas dobras e moveu-a de um lado para outro por um momento antes de colocá-la dentro de mim. Eu gemi com a sensação e instintivamente estendi a mão, colocando-a na parte de trás da cabeça dele, puxando-o mais para perto.

Apesar de arriscado, não pareceu errado. Olhei para cima procurando uma câmera escondida em um dos cantos, mas não encontrei. Não que eu me importasse muito. Estava com Alex Wenn. O que alguém poderia dizer ou fazer sobre o que ele fazia comigo naquele momento?

Corri os dedos pelos cabelos dele e gemi quando ele me levou para mais perto do orgasmo. Sentia a respiração quente contra as coxas enquanto ele me dava um mundo de prazer. Pensei na carta que ele escrevera e como dissera que estava apaixonado por mim. E, apesar de estar confusa por não saber o que fazer, nem mesmo como processar aquilo, a forma como ele se abriu para mim naquela carta, na verdade, deixou-me ainda mais excitada.

Pela primeira vez na vida, eu me senti completa. Encostei ainda mais nele e gozei quase imediatamente. Eu gritei, mas ele não parou. Foi ainda mais fundo. Quando ficou satisfeito, afastou-se e passou a língua sobre o clitóris. Em seguida, esfregou a barba por fazer nele, o que me fez gozar novamente, dessa vez quase a ponto de cair de joelhos.

Naquele instante, o alarme disparou.

Rapidamente, Alex se levantou e apertou um botão. O alarme parou e o elevador começou a se mover novamente. Ele pegou um lenço do bolso e limpou a boca, enquanto me encarava com a sobrelha erguida. Em seguida, aproximou-se e beijou-me com força nos lábios.

— Esses foram os dois primeiros da noite — disse ele.

Eu estava praticamente sem fôlego. Puxei a calcinha para cima enquanto o elevador diminuía a velocidade e olhei para ele, tentando me recuperar. — Foi incrível.

— E foi só o começo.

O elevador parou e Alex me lançou um olhar sensual e malicioso. As portas se abriram e eu segurei a mão dele, na qual me apoiei, pois o corpo ainda estava fraco depois do que ele acabara de fazer comigo.

Atravessamos o saguão, passamos pela porta que o porteiro segurava aberta e saímos para a noite. O carro estava logo à frente. Não era a limusine que normalmente usávamos. Desta vez, era uma Mercedes grande, preta e linda. Era diferente de todas as Mercedes que eu já vira, parecia um tanque. Um homem enorme estava parado ao lado da porta traseira, que segurava aberta. Só de olhar para ele, eu soube que era um dos guarda-costas de Alex, mas não disse nada. Outro homem estava no volante. Olhei em volta, vendo Manhattan à noite. A luz se refletia nos vidros. O tráfego era intenso na Quinta Avenida. Na calçada, havia vários pedestres.

Estávamos chegando perto do carro quando soaram tiros.

— Espingarda! — disse o homem que segurava a porta.

As pessoas na calçada gritaram.

Tudo o que aconteceu naquele momento virou um borrão.

Eu fui jogada dentro do carro com tanta força que bati a cabeça na porta ao deslizar pelo banco.

Outro tiro soou, rasgando o céu.

Atrás de mim, ouvi outro grito. Era de uma mulher. Ouvi as pessoas correndo e gritando. O caos se instalou, prestes a explodir.

O motorista saiu do carro, pegou uma arma e correu até Alex. Eu o ouvi mandar Alex entrar no carro. Mas Alex gritava alguma coisa para o homem que segurava a porta aberta. Vi o homem começar a correr pela calçada. Em seguida, vi o motorista se aproximar por trás de Alex e empurrá-lo na direção do carro.

Outro tiro foi disparado, mas, desta vez, alguma coisa deu errado. Alguma coisa atingiu o peito de Alex. Sem fôlego, ele caiu sobre mim no momento em que a porta bateu atrás dele.

O motorista se sentou novamente no banco da frente, virou-se para trás e estendeu a mão para segurar o braço de Alex.

— Você foi atingido?

Ele respirava com dificuldade. Assustada, coloquei as mãos sobre ele. Procurei o calor do sangue, mas ele estava na posição errada. Segurei o rosto dele e vi que lutava para respirar. Ele fora atingido em algum lugar. Eu tinha certeza.

— Fique comigo! — gritei. — Nem pense em me deixar!

O motorista tentava avaliar a situação de Alex, quando deveria estar dirigindo. Deveria estar levando-nos para um hospital. Olhei para ele friamente.

— Ele está ferido — disse eu. — Vamos! Faça alguma coisa, pelo amor de Deus!

O carro saiu em disparada.

CAPÍTULO 21

— Você foi atingido por um tiro? — perguntei a Alex enquanto o carro corria pelas ruas em direção a algum hospital.

Ele ergueu o rosto, piscou algumas vezes e finalmente conseguiu recuperar o fôlego. Virando-se no assento, ele pressionou a mão no peito, mas vi que a camisa estava seca, sem um pinga de sangue. Passei a mão nele para ter certeza. Estava seca.

— Não — disse ele. — Quando eu fui empurrado para dentro, acho que meu peito bateu na beirada da porta. Perdi o fôlego e caí sobre você. — Ele se esforçou para sentar e coloquei a mão sobre o joelho dele. — Estou bem.

— Tem certeza?

— Tenho certeza.

Eu me virei para o motorista, que sabia que era também um dos guarda-costas de Alex, pois carregava uma arma. — O que diabos foi aquilo?

— Uma tática de terror. Eles estavam usando uma espingarda. Se quisessem atirar em Alex, teriam conseguido.

— Quem são eles?

— Ainda não sabemos.

— De onde estavam atirando?

— Se eu tivesse que supor, diria que de um dos prédios do outro lado da rua.

— Então, sabiam que estávamos aqui.

— Parece que sim.

— E por que isso?

— Não sabemos.

— E quando saberão? Há quanto tempo isto está acontecendo?

— Há algum tempo — disse Alex. Ele hesitou antes de falar, mas pareceu tomar uma decisão e virou-se para mim. — Na última semana, recebi várias ameaças de morte.

— Ameaças de morte?

— Recebi mais uma esta manhã.

— Recebeu como?

— No celular. Uma mensagem de texto.

— O que ela dizia?

— Não quero que se preocupe com isso.

— Você acha que não estou preocupada depois do que acabou de acontecer? Depois de atirarem em nós? E depois dessa confissão? É claro que estou preocupada. O que ela dizia?

— Que estarei morto em breve.

Ele viu o olhar de medo que cruzou meu rosto e impediu-me antes que eu dissesse alguma coisa. — A segurança está investigando. Se for preciso chamar o FBI, nós chamaremos.

— Quem quer matar você?

— Pode escolher. A Wenn tomou dezenas de empresas e corporações. Tiramos muita gente do

mercado. Pessoas perderam o emprego por nossa causa. Meu pai era um alvo frequente de ameaças. Como eu disse, isso não é novidade, com exceção do que acabou de acontecer. Nenhuma ameaça chegou a esse ponto. Mas, de resto, estou acostumado.

— Que tipo de vida é esta?

— A vida que herdei do meu pai.

Minha cabeça começou a latejar. Eu quase o perdera, o que, naquele ponto de nosso relacionamento, era algo incompreensível. Eu estava aterrorizada. Não podia perdê-lo agora. — Isso começou quando estávamos no Maine, não foi?

— Começou antes de irmos para o Maine.

Eu não consegui evitar a raiva e uma sensação de traição. — E você não me contou antes de irmos? Você sabia disso e ainda assim fizemos sexo? Por que fez isso comigo? Estou emocionalmente envolvida com você agora.

— Você acredita por um minuto que não estou tão emocionalmente envolvido com você? Talvez até mais? Quando estávamos no Maine, ainda achei que fosse só mais um trote. Outra ameaça falsa. Recebi dezenas delas. E não comecei o que aconteceu entre nós naquela primeira noite no Maine, Jennifer. Foi você.

— Você poderia ter me impedido. Sabia o quanto eu estava vulnerável naquele ponto. Sabia que eu estava cedendo. Por que não me impediu, especialmente com essa ameaça contra você? Deveria ter me impedido. Sabendo de tudo isso, nada deveria ter acontecido naquela noite, nem na praia, nem no elevador. Tenho uma intimidade com você agora de uma forma que não deveria ter.

Ele não respondeu.

— O que achou que aconteceria quando fomos para o Maine?

— Eu não sabia.

— Ora, vamos. Nós dois sabíamos.

Eu me recompus e concentrei-me no problema real: a segurança dele, a minha segurança e como poderíamos acabar com aquilo imediatamente para seguirmos em frente. — Quando você envolverá o FBI?

— Provavelmente amanhã.

— Por que amanhã? Por que não chamá-los agora? Isto é sério. — Mas eu percebi o motivo. — É por causa da imprensa, não é? Você está preocupado que a notícia possa afetar as ações da Wenn.

— É isso mesmo. O conselho também.

— Dane-se o conselho. Dane-se a Wenn. A sua segurança vem em primeiro lugar. Certamente o FBI consegue manter isso em segredo. Eles são o FBI, pelo amor de Deus. Bote seu pessoal no telefone e comece a investigação. Você disse que está recebendo mensagens de texto. Elas são enviadas de celulares. Certamente, há um nome associado a esse celular.

— Você está sendo ingênua.

— Como assim, ingênua?

— Há serviços de mensagens de texto, Jennifer. Alguns deles oferecem versões gratuitas, sem cartão de crédito associado. Só exigem um endereço de e-mail, que nós dois sabemos que pode ser falso. E há também TracFones. Você sabe o que eles são? Você pega um deles em lugares como Wal-Mart, Best Buy, Target. Em qualquer lugar. Eles são pré-carregados com minutos. Nada pode ser rastreado à pessoa que tem o telefone, especialmente se ela pagou em dinheiro. Eles oferecem completo anonimato até que você adicione mais minutos usando um cartão de crédito. Se

um TracFone foi o que a pessoa usou para me enviar aquelas mensagens, não acha que ela simplesmente comprará outro quando acabarem os minutos, em vez de expor a identidade? É claro que sim. Você não está vendo todos os lados disto. E são apenas duas opções em que pensei. Tenho certeza de que o FBI conhece uma infinidade de outras formas de enviar uma mensagem de texto anônima. E, por falar nisso, o número associado às mensagens que recebi. Quando ligo para eles, não acontece nada. A pessoa não atende por motivos óbvios. Já tentei.

— Não acredito por um minuto que o FBI não tem a capacidade e as ferramentas necessárias para lidar com este tipo de situação. O que está atrapalhando agora é você e sua maldita empresa. Você me contratou como consultora...

— Uma consultora de negócios.

— É isso mesmo. E este é o conselho que lhe dou agora. Chame o FBI. Deixe que eles façam o trabalho deles. Deixe que eles acabem com isso. Se e quando a notícia de que havia uma ameaça contra a sua vida vazar, estaremos preparados para dizer à imprensa que estamos lidando com o assunto. Faremos nosso trabalho antecipadamente. Contra-atacaremos com um monte de notícias sobre outros presidentes de empresas que foram alvos semelhantes e faremos com que soe como algo comum. Basta ler o *Times* ou o *Journal*. Ou prestar atenção ao noticiário em geral. Ou até mesmo dar ouvidos ao bom senso. Qualquer pessoa de poder, e isso inclui você, Alex, está vulnerável o tempo todo. Os seus investidores sabem disso. Seriam idiotas se não soubessem. Não vejo como isso poderia afetar a Wenn. Use as informações corretamente e a Wenn poderá até mesmo ganhar com isso.

— Por que acha isso?

— Não existe uma coisa chamada imprensa ruim, Alex. Se há uma forma de virar o jogo, se for necessário, eu a encontrarei.

— E você tem a habilidade para isso?

O comentário me ofendeu. Na realidade, a conversa inteira me ofendeu. — Eu tenho a habilidade de olhar nos olhos do presidente de uma grande empresa e colocá-lo na linha de uma maneira que ninguém mais ousa. Medite sobre o assunto, pois nós dois sabemos que tudo o que eu disse é verdade. Telefone para sua equipe de vigilância e diga a eles para entrar em contato com o FBI.

— Leve-nos para casa — disse Alex ao motorista. — Não preciso consultar um médico. — Ele olhou para mim e, em sua expressão, havia um pedido de desculpas. — Eu não sabia que isso chegaria tão longe. Fui ameaçado muitas vezes desde que assumi o comando da Wenn e todas foram ameaças falsas. Obviamente, esta não é. Achei que conseguiria escondê-la de você, mas, claramente, não é o caso.

— Não, não é — respondi.

Ele olhou para mim.

— Há mais uma coisa que você precisa saber — disse eu. — Hoje à noite, eu recebi uma ameaça de morte. Também achei que fosse um trote, senão teria contado a você no momento em que a recebi, especialmente se soubesse disso tudo. Se eu soubesse disso, teria contado imediatamente.

Ele pareceu horrorizado. — O que ela dizia?

— Que eu estaria morta em breve. Incluía uma fotografia minha em anexo, que foi tirada hoje à noite. Quem a enviou estava na multidão quando saímos da limusine. Na foto, estou usando este vestido. A pessoa estava a poucos metros de mim e ela me ameaçou. Como você pôde não me contar sobre isto antes? Você colocou a sua vida em perigo, e a minha também.

— Eu devia ter levado isso a sério. Eu sinto muito. Mas é tão rotineiro...

— Não me importa se era rotineiro no passado. Neste momento, a rotina terminou. Agora, eu estou envolvida. Aquelas balas que foram disparadas podem ter sido para mim, não para você. Já considerou isso? O público sabe que somos um casal e sabem que você perdeu Diana. Alguém pode querer me tirar de você também. Por algum motivo, alguém pode querer me matar para enviar uma ameaça ou mensagem direta a você.

Ele ficou me encarando sem palavras.

— Você devia ter me contado sobre isso tudo quando começou — continuei. — Eu sabia que alguma coisa estava acontecendo. Eu lhe perguntei quando estávamos no Maine, mas você se recusou a me contar. E, ao não me contar para que eu pudesse me preparar, colocou minha vida em perigo.

— Não achei que isso fosse tão longe.

— Bem, mas foi. E não preciso ouvir mais nada. Já ouvi o suficiente. Já entendi. — Eu me inclinei na direção do motorista. — Quero sair.

— Não é uma boa ideia, srta. Kent.

— Pare o carro e deixe-me sair. Quero pegar um táxi. Faça isso agora, senão abrirei a porta e pularei.

Ele se aproximou do meio-fio e parou o carro. Peguei a bolsa, saí do carro e comecei a andar pela calçada.

Alex veio atrás de mim.

— Volte para o carro onde é seguro — disse ele.

— Onde é seguro? Sério, Alex? Neste momento, lugar nenhum é seguro.

— Aquele carro é à prova de balas. Volte para dentro dele.

O celular vibrou dentro da bolsa, o que lançou uma onda de terror pelo meu corpo.

Pode ser Lisa, pensei. Mas sabia que não.

Atrás de mim, ouvi Alex aproximando-se. Naquele momento, eu não o queria perto de mim e continuei andando ao pegar o telefone. Vi que não era uma mensagem de texto. Era outro e-mail. Eu o selecionei e senti o coração gelar ao parar para ler as palavras na tela.

— O que foi? — perguntou Alex.

Eu a li novamente.

— O que diz?

Virei a tela para que ele mesmo pudesse ler.

"Você morrerá com ele", dizia o e-mail. "Não demorará muito, vocês dois estarão mortos.

Despeçam-se agora, Jennifer. Dê-lhe aquele último beijo na calçada. Enquanto ainda pode. Darei a vocês dois um momento para que se despeçam antes de morrerem."

#

LIVROS DE CHRISTINA ROSS NO KINDLE

CHANCE

ACABE COMIGO, LIVRO 1

ACABE COMIGO, LIVRO 2

ACABE COMIGO, LIVRO 3

ACABE COMIGO, LIVRO 4

A história se desenrola no decorrer de diversos romances - não novelas. Cada uma segue a história de Jennifer Kent e Alexander Wenn. Cada livro é um romance completo, com substância, não apenas alguns capítulos destinados a provocar suspense.

Participe da minha lista de correspondência para não perder nenhum livro novo:

<http://on.fb.me/16T4y1u>

Além disso, procure-me no Facebook: <http://on.fb.me/ZSr29Z>. Adoro conversar com os meus leitores. Vejo você lá!

Se quiser deixar uma avaliação desse livro na Amazon, eu agradeço. Avaliações são essenciais para todos os escritores. Obrigada!

--Christina